 Tempo de leitura: 145 min.

*O momento culminante do Ano Jubilar para cada crente é a passagem pela Porta Santa, um gesto altamente simbólico que deve ser vivido com profunda meditação. Não se trata de uma simples visita para admirar a beleza arquitetônica, escultural ou pictórica de uma basílica: os primeiros cristãos não iam aos locais de culto por esse motivo, também porque na época não havia muito para admirar. Eles chegavam, na verdade, para rezar diante das relíquias dos santos apóstolos e mártires, e para obter a indulgência graças à sua poderosa intercessão.*
*Visitar os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo sem conhecer suas vidas não é um sinal de apreço. Por isso, neste Ano Jubilar, desejamos apresentar os caminhos de fé desses dois gloriosos apóstolos, assim como foram narrados por São João Bosco.*

**Vida de São Pedro, príncipe dos apóstolos contada ao povo pelo P. João Bosco**

*Homem de pouca fé, por que duvidaste? (Mateus 14,31).*

PREFÁCIO
CAPÍTULO I. Pátria e profissão de São Pedro. — Seu irmão André o conduz a Jesus Cristo. *Ano 29 de Jesus Cristo*
CAPÍTULO II. Pedro conduz o Salvador em seu barco — Pesca milagrosa. — Acolhe Jesus em sua casa. — Milagres realizados. *Ano 30 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO III. São Pedro, chefe dos Apóstolos, é enviado a pregar. — Caminha sobre as ondas. — Bela resposta dada ao Salvador. *Ano 31 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO IV. Pedro confessa pela segunda vez Jesus Cristo como Filho de Deus. — É constituído chefe da Igreja, e lhe são prometidas as chaves do reino dos Céus. *Ano 32 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO V. São Pedro tenta dissuadir o divino Mestre da paixão. — Vai com ele ao monte Tabor. *Ano 32 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO VI. Jesus, na presença de Pedro, ressuscita a filha de Jairo. — Paga o tributo por Pedro. — Ensina seus discípulos na humildade. *Ano 32 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO VII. Pedro fala com Jesus sobre o perdão das injúrias e o desapego das coisas terrenas. — Recusa deixar-se lavar os pés. — Sua amizade com São João. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO VIII. Jesus prediz a negação de Pedro e lhe assegura que sua fé não falhará. — Pedro o segue no jardim de Getsêmani. — Corta a orelha de Malco. —

Sua queda, seu arrependimento. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO IX. Pedro no sepulcro do Salvador. — Jesus lhe aparece. — À beira do lago de Tiberíades dá três distintos sinais de amor para com Jesus que o constitui efetivamente chefe e pastor supremo da Igreja.
CAPÍTULO X. Infalibilidade de São Pedro e de seus sucessores
CAPÍTULO XI. Jesus prediz a São Pedro a morte de cruz. — Promete assistência à Igreja até o fim do mundo. — Retorno dos Apóstolos ao cenáculo. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XII. São Pedro substitui Judas. — Vinda do Espírito Santo. — Milagre das línguas. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XIII. Primeira pregação de Pedro. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XIV. São Pedro cura um coxo. — Sua segunda pregação. *Ano 33 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XV. Pedro é preso com João e, depois, libertado.
CAPÍTULO XVI. Vida dos primeiros Cristãos. — O caso de Ananias e Safira. — Milagres de São Pedro. *Ano 34 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XVII. São Pedro novamente preso. — É libertado por um anjo. *Ano 34 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XVIII. Eleição dos sete diáconos. — São Pedro resiste à perseguição de Jerusalém. — Vai à Samaria. — Seu primeiro confronto com Simão Mago. *Ano 35 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XIX. São Pedro funda a cátedra de Antioquia; retorna a Jerusalém. — É visitado por São Paulo. *Ano 36 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XX. São Pedro visita várias Igrejas. — Cura Eneias, o paralítico. — Ressuscita a defunta Tabita. *Ano 38 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXI. Deus revela a São Pedro a vocação dos Gentios. — Vai a Cesareia e batiza a família do Centurião Cornélio. *Ano 39 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXII. Herodes manda decapitar São Tiago Maior, e colocar São Pedro na prisão. — Mas é libertado por um Anjo. — Morte de Herodes. *Ano 41 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXIII. Pedro em Roma. — Ele transfere a cátedra apostólica. — Sua primeira carta. — Progresso do Evangelho. *Ano 42 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXIV. São Pedro no concílio de Jerusalém define uma questão. — São Tiago confirma seu julgamento. *Ano 50 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXV. São Pedro confere a São Paulo e a São Barnabé a plenitude do Apostolado. — É advertido por São Paulo. — Retorna a Roma. *Ano 54 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXVI. São Pedro ressuscita um morto. *Ano 66 de Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXVII. Voo. — Queda. — Morte desesperada de Simão Mago. *Ano 67 de*

*Jesus Cristo*.
CAPÍTULO XXVIII. Pedro é procurado para morrer. — Jesus lhe aparece e lhe prediz iminente o martírio. — Testamento do santo Apóstolo.
CAPÍTULO XXIX. São Pedro na prisão converte Processo e Martiniano. — Seu martírio. *Ano 69-70 de Jesus Cristo; 67 da era vulgar*.
CAPÍTULO XXX. Sepulcro de São Pedro. — Atentado contra seu corpo.
APÊNDICE SOBRE A VINDA DE SÃO PEDRO A ROMA

PREFÁCIO

Quem deve entrar em um palácio fechado e tomar posse dele, é necessário que goze do favor daquele que tem as chaves.

Infeliz daquele que, encontrando-se numa pequena embarcação em alto-mar, não está nas graças do piloto. A ovelha perdida, que está longe de seu pastor, não conhece sua voz ou não a escuta.

Caro leitor; sua morada é o céu, e você deve aspirar a alcançá-la. Enquanto você vive aqui embaixo, está navegando no tempestuoso mar do mundo, em perigo de colidir com os rochedos, naufragar e se perder nos abismos do erro.

Como uma ovelhinha, você está a cada dia prestes a ser conduzido a pastagens nocivas, a se perder por penhascos e desfiladeiros, e a cair também nas garras dos lobos vorazes, ou seja, nas armadilhas dos inimigos de sua alma. Ah! Sim, você precisa tornar favorável aquele a quem foram entregues as chaves do céu; é necessário que você confie sua vida ao grande Piloto da Nave de Cristo, ao Noé do novo Testamento; você deve se unir ao Supremo Pastor da Igreja, o único que pode guiá-lo a pastagens saudáveis e conduzi-lo à vida.

Assim, o Porteiro do reino dos Céus, grande Timoneiro e Pastor dos homens é precisamente São Pedro, príncipe dos Apóstolos, que exerce seu poder na pessoa do Sumo Pontífice, seu Sucessor. Ele ainda hoje abre e fecha, governa a Igreja, guia as almas à salvação.

Não lhe desagrade, portanto, piedoso leitor, ao percorrer a breve vida que aqui lhe apresento; aprenda a conhecer quem ele é, a respeitar sua suprema autoridade de honra e jurisdição; aprenda a reconhecer a voz amorosa do Pastor e a ouvi-la. Porque quem está com Pedro, está com Deus, caminha na luz e corre em direção à vida; quem não está com Pedro, está contra Deus, vai cambaleando nas trevas e precipita-se na perdição. Onde está Pedro, ali está a vida; onde Pedro não está, ali está a morte.

CAPÍTULO I. Pátria e profissão de São Pedro**[1]**. — Seu irmão André o conduz a Jesus

Cristo. *Ano 29 de Jesus Cristo*

São Pedro era judeu de nascimento e filho de um pobre pescador chamado Jonas ou João, que habitava em uma cidade da Galileia chamada Betsaida. Esta cidade está situada na margem ocidental do lago de Genesaré, comumente chamado mar da Galileia ou de Tiberíades, que na verdade é um vasto lago de doze milhas de comprimento (± 19km) e seis de largura (± 13km).

Antes que o Salvador lhe mudasse o nome, Pedro chamava-se Simão. Ele exercia a profissão de pescador, como seu pai; tinha um temperamento forte, inteligência viva e espirituosa; era rápido em responder, mas de coração bom e cheio de gratidão para com quem o beneficiava.

Essa índole viva o levava frequentemente aos mais calorosos transportes de afeto para com o Salvador, do qual igualmente recebeu inequívocos sinais de predileção. Naquela época, não sendo ainda muito conhecido o valor da virgindade, Pedro casou-se na cidade de Cafarnaum, capital da Galileia, na margem ocidental do Jordão, que é um grande rio, o qual divide a Palestina de norte a sul.

Como Tiberíades estava situada onde o Jordão deságua no mar da Galileia, e por isso muito adequada à pesca, assim São Pedro estabeleceu nesta cidade sua moradia habitual e continuou a exercer seu ofício habitual. A bondade de seu coração muito inclinado à verdade, o emprego inocente de pescador e a assiduidade ao trabalho contribuíram bastante para que ele se conservasse no santo temor de Deus.

Naquela época, era difundido o pensamento na mente de todos de que a vinda do Messias era iminente; aliás, alguns diziam que já havia nascido entre os judeus. O que motivou São Pedro a usar a máxima diligência para vir a conhecê-lo. Ele tinha um irmão mais velho chamado André, que, cativado pelas maravilhas que se contavam sobre São João Batista, Precursor do Salvador, quis se tornar seu discípulo, passando a maior parte do tempo com ele em um áspero deserto.

A notícia, que se confirmava a cada dia mais, de que o Messias já havia nascido, fazia com que muitos recorressem a São João, acreditando que ele mesmo era o Redentor. Entre esses estava Santo André, irmão de Simão Pedro. Mas não demorou muito para que, instruído por João, ele viesse a conhecer Jesus Cristo e, na primeira vez que ouviu falar dele, ficou tão cativado que correu imediatamente para dar a notícia ao irmão.

Assim que o viu: “Simão,” disse-lhe, “encontramos o Messias; venha comigo para vê-lo.”

Simão, que já havia ouvido algo de outros, mas vagamente, partiu imediatamente com seu irmão e foi até onde André havia deixado Jesus Cristo. Pedro, ao dar uma olhada no Salvador, ficou como arrebatado de amor. O divino

Mestre, que havia concebido altos desígnios sobre ele, olhou-o com um ar de bondade e, antes que ele falasse, mostrou-lhe que estava plenamente informado sobre seu nome, seu nascimento, sua pátria, dizendo: “Tu és Simão, filho de João, mas doravante te chamarás Cefas.” Esta palavra significa pedra, da qual derivou o nome de Pedro. Jesus comunica a Simão que seria chamado Pedro, porque ele deveria ser aquela pedra sobre a qual Jesus Cristo fundaria sua Igreja, como veremos ao longo desta vida.

Neste primeiro diálogo, Pedro reconheceu imediatamente ser de muito longe inferior à realidade o que seu irmão lhe havia contado e, desde aquele momento, tornou-se muito afeiçoado a Jesus Cristo, nem sabia mais viver longe dele. O divino Salvador, por outro lado, permitiu que este novo discípulo retornasse ao seu ofício anterior porque queria prepará-lo pouco a pouco para o total abandono das coisas terrenas, guiá-lo aos mais sublimes graus da virtude e assim torná-lo capaz de compreender os outros mistérios que lhe revelaria e fazê-lo digno do grande poder com o qual o queria investir.

CAPÍTULO II. Pedro conduz o Salvador em seu barco — Pesca milagrosa. — Acolhe Jesus em sua casa. — Milagres realizados. *Ano 30 de Jesus Cristo*.

Pedro continuava, portanto, a exercer sua primeira profissão; mas sempre que o tempo e as ocupações lhe permitiam, ia com alegria ao divino Salvador, para ouvi-lo falar sobre as verdades da fé e do reino dos céus.

Um dia, caminhando Jesus à beira do mar de Tiberíades, viu os dois irmãos Pedro e André em ato de lançar suas redes na água. Chamando-os a si, disse-lhes: “Venham comigo e, de pescadores de peixes como são, eu os tornarei pescadores de homens.” Eles prontamente obedeceram aos sinais do Redentor e, abandonando suas redes, tornaram-se fiéis e constantes seguidores dele. Não muito longe havia outra embarcação de pescadores, na qual estava um certo Zebedeu com dois filhos, Tiago e João, que consertavam suas redes. Jesus chamou também esses dois irmãos. Pedro, Tiago e João são os três discípulos que tiveram sinais de especial benevolência do Salvador e que, por sua vez, se mostraram em cada encontro fiéis e leais.

Enquanto isso, o povo, tendo sabido que o Salvador estava lá, se aglomerava ao seu redor para ouvir sua divina palavra. Desejando satisfazer o desejo da multidão e ao mesmo tempo oferecer a todos a comodidade de poder ouvi-lo, não quis pregar da praia, mas de uma das duas embarcações que estavam próximas à costa; e para dar a Pedro um novo atestado de amor, escolheu a sua barca. Subindo a bordo e fazendo também Pedro subir, ordenou-lhe que se afastasse um pouco da margem e, sentando-se, começou a instruir aquela devota

assembleia. Terminada a pregação, ordenou a Pedro que conduzisse a embarcação em alto-mar e lançasse a rede para pegar peixes.

Pedro havia passado toda a noite anterior pescando naquele mesmo lugar e não havia apanhado nada; por isso, voltando-se para Jesus: “Mestre,” disse-lhe, “nós nos fatigamos a noite toda pescando e não pegamos nenhum peixe; no entanto, por causa da tua palavra, lançarei a rede ao mar.” Assim fez por obediência e, contra toda expectativa, a pesca foi tão abundante e a rede tão cheia de grandes peixes que, tentando puxá-la para fora das águas, estava prestes a se rasgar. Pedro, não podendo sozinho suportar o grande peso da rede, pediu socorro a Tiago e João, que estavam na outra embarcação, e estes vieram ajudá-lo. De acordo e com dificuldade, puxaram a rede para fora, despejaram os peixes nas embarcações, as quais ficaram tão cheias que ameaçavam afundar.

Pedro, que começava a perceber algo de sobrenatural na pessoa do Salvador, reconheceu imediatamente que aquilo era um prodígio e, cheio de espanto, considerando-se indigno de estar com ele na mesma embarcação, humilhado e confuso, lançou-se a seus pés dizendo: “Senhor, eu sou um miserável pecador, por isso te peço que te afastes de mim.” Quase a dizer: “Oh! Senhor, eu não sou digno de estar na tua presença.” Diz Santo Ambrósio: admirando os dons de Deus, tanto mais merecia quanto menos presumia de si mesmo[2].

Jesus agradou-se da simplicidade de Pedro e da humildade de seu coração e, desejando que ele abrisse a alma a melhores esperanças, para confortá-lo disse-lhe: “Afasta todo temor; doravante não serás pescador de peixes, mas serás pescador de homens.” A estas palavras Pedro tomou coragem e, quase transformado em outro homem, conduziu a embarcação à praia, abandonou tudo e se fez inseparável companheiro do Redentor.

Assim como Jesus Cristo, ao falar, dirigiu o caminho para a cidade de Cafarnaum, assim Pedro foi com ele. Lá entraram ambos na Sinagoga e o Apóstolo ouviu a pregação que ali fez o Senhor e foi testemunha da milagrosa cura de um endemoninhado.

Da Sinagoga Jesus foi à casa de Pedro onde sua sogra estava aflita por uma febre gravíssima. Juntamente com André, Tiago e João, ele pediu a Jesus que se compadecesse e libertasse aquela mulher do mal que a oprimia. O divino Salvador atendeu suas orações e, aproximando-se da cama da enferma, tomou-a pela mão, levantou-a e naquele instante a febre desapareceu. A mulher se encontrou tão perfeitamente curada que pôde se levantar imediatamente e preparar o almoço para Jesus e toda a sua comitiva. A fama de tais milagres atraiu à casa de Pedro muitos enfermos juntamente com uma multidão inumerável, de modo que toda a cidade parecia reunida lá. Jesus restituiu a saúde a quantos eram levados a ele; e

todos, cheios de contentamento, partiam louvando e bendizendo o Senhor.

Na barca de Pedro, os santos Padres reconhecem a Igreja, da qual é chefe Jesus Cristo, no lugar de quem Pedro deveria ser o primeiro a fazer suas vezes, e depois dele todos os Papas, seus sucessores. As palavras ditas a Pedro: “Conduze a barca para o alto-mar,” e as outras ditas a ele e aos seus Apóstolos: “Lançai as vossas redes para pegar peixes,” contêm também um nobre significado. A todos os Apóstolos, diz Santo Ambrósio, ordena que lancem as redes nas ondas; porque todos os Apóstolos e todos os pastores são obrigados a pregar a divina palavra e a guardar na nave, ou seja, na Igreja, aquelas almas que serão ganhas com sua pregação. Somente a Pedro, então, é ordenado conduzir a nave em alto-mar, porque ele, em preferência a todos, é feito participante da profundidade dos divinos mistérios e só ele recebe de Cristo a autoridade de resolver as dificuldades que podem surgir em questões de fé e de moral. Assim, na vinda dos outros apóstolos à sua barca, se reconhece a colaboração dos outros pastores, que, unindo-se a Pedro, devem ajudá-lo a propagar e conservar a fé no mundo e ganhar almas para Cristo[3].

CAPÍTULO III. São Pedro, chefe dos Apóstolos, é enviado a pregar. — Caminha sobre as ondas. — Bela resposta dada ao Salvador. *Ano 31 de Jesus Cristo*.

Partindo da casa de Pedro, Jesus se dirigiu para a solidão, sobre um monte, para orar. Pedro e os outros discípulos, que naquele momento já eram numerosos, o seguiram; mas, ao chegarem ao local determinado, Jesus ordenou que parassem e, sozinho, retirou-se para um lugar afastado. Quando amanheceu, voltou para os discípulos. Nessa ocasião, o divino Mestre escolheu doze discípulos, a quem deu o nome de Apóstolos, que significa enviados, pois os Apóstolos foram realmente enviados para pregar o Evangelho, inicialmente apenas nas aldeias da Judeia; depois, para todo o mundo. Entre esses doze, destinou São Pedro para ocupar o primeiro lugar e ser o chefe, para que, como diz São Jerônimo, estabelecido entre eles um superior, fosse eliminada toda ocasião de discórdia e cisma. *Ut capite constituto schismatis tolleretur occasio****[4]***.

Os novos pregadores iam com todo zelo anunciar o Evangelho, pregando em toda parte a vinda do Messias e confirmando suas palavras com milagres luminosos. Depois, voltavam ao divino Mestre, como que para prestar contas do que haviam feito. Ele os recebia com bondade e costumava então ir ele mesmo àquele lugar onde os Apóstolos haviam pregado. Certa vez, as multidões, tomadas de admiração e entusiasmo, queriam fazê-lo rei; mas ele, ordenando aos Apóstolos que fizessem a travessia para a margem oposta do lago, afastou-se daquela boa gente e foi se esconder no deserto. Os Apóstolos, conforme as ordens do Mestre,

subiram à barca para atravessar o lago. Já a noite avançava e eles haviam chegado à costa, quando se levantou uma tempestade tão terrível que a embarcação, agitada pelas ondas e pelo vento, estava prestes a afundar.

No meio daquela tempestade, certamente não imaginavam que poderiam ver Jesus Cristo, que haviam deixado na margem oposta do lago. Mas qual não foi a surpresa deles quando o viram a pouca distância caminhando sobre as águas, com passo firme e veloz, e avançando em direção a eles! Ao vê-lo, todos se assustaram, temendo que fosse algum espectro ou fantasma, e começaram a gritar. Jesus então fez ouvir sua voz e os encorajou, dizendo: “Sou eu, tende fé, não temais.”

A essas palavras, nenhum dos Apóstolos ousou falar; apenas Pedro, pelo ímpeto de seu amor por Jesus e para se certificar de que não era uma ilusão, disse: “Senhor, se realmente és tu, ordena que eu vá a ti caminhando sobre as águas.” O Divino Salvador disse que sim; e Pedro, cheio de confiança, saltou para fora da embarcação e começou a caminhar sobre as ondas, como se estivesse sobre um pavimento. Mas Jesus, que queria provar a fé dele e torná-la mais perfeita, permitiu que se levantasse novamente um vento impetuoso, que, agitando as ondas, ameaçava submergir Pedro. Ao ver seus pés afundando na água, ele ficou apavorado e começou a gritar: “Mestre, Mestre, ajuda-me, senão estou perdido.” Então Jesus o repreendeu pela fraqueza de sua fé com estas palavras: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” Assim dizendo, ambos caminharam juntos sobre as ondas até que, ao entrarem na barca, o vento cessou e a tempestade se acalmou. Neste fato, os santos Padres reconhecem os perigos em que às vezes se encontra o Chefe da Igreja e o pronto socorro que lhe traz Jesus Cristo, seu Chefe invisível, que permite sim as perseguições, mas sempre lhe dá a vitória.

Algum tempo depois, o Divino Salvador retornou à cidade de Cafarnaum com os Apóstolos, seguido por uma grande multidão. Enquanto se detinha nesta cidade, muitos se aglomeravam ao seu redor, pedindo-lhe que quisesse ensinar-lhes quais eram as obras absolutamente necessárias para se salvar. Jesus começou a instruí-los sobre sua doutrina celeste, sobre o mistério de sua Encarnação, sobre o Sacramento da Eucaristia. Mas como aqueles ensinamentos visavam erradicar a soberba do coração dos homens, a gerar neles a humildade ao obrigá-los a crer em altíssimos mistérios e especialmente no mistério dos mistérios, a divina Eucaristia, assim seus ouvintes, considerando aqueles discursos muito rígidos e severos, ficaram ofendidos e a maior parte o abandonou.

Jesus, vendo-se abandonado por quase todos, voltou-se para os Apóstolos e disse: “Vede como muitos se vão? Também vós quereis ir embora?” A esta repentina interrogação, todos ficaram em silêncio. Somente Pedro, como chefe e em nome de todos, respondeu: “Senhor, a quem iremos nós? Tu tens palavras de

vida eterna; nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o filho de Deus.” São Cirilo reflete que esta interrogação foi feita por Jesus Cristo a fim de estimulá-los a confessar a verdadeira fé, como de fato aconteceu pela boca de Pedro. Quanta diferença entre a resposta do nosso Apóstolo e as murmurações de certos cristãos que acham dura e severa a santa lei do Evangelho, porque não se acomoda às suas paixões (Ciril. in Ioann. lib. 4).

CAPÍTULO IV. Pedro confessa pela segunda vez Jesus Cristo como Filho de Deus. — É constituído chefe da Igreja, e lhe são prometidas as chaves do reino dos Céus. *Ano 32 de Jesus Cristo*.

Em várias ocasiões, o divino Salvador havia tornado evidentes os planos particulares que tinha para a pessoa de Pedro; mas ainda não havia se explicado tão claramente, como veremos no fato seguinte, que pode ser considerado o mais memorável da vida deste grande Apóstolo. Da cidade de Cafarnaum, Jesus foi para os arredores de Cesareia de Filipe, cidade não muito distante do rio Jordão. Lá, um dia, após ter orado, Jesus se voltou de repente para seus discípulos, que haviam retornado da pregação, e fazendo sinal para que se aproximassem dele, começou a interrogá-los assim: “Quem dizem os homens que eu sou?” “Há quem diga,” respondeu um dos Apóstolos, “que tu és o profeta Elias.” “A mim disseram,” acrescentou outro, “que tu és o profeta Jeremias, ou João Batista, ou algum dos antigos profetas ressuscitados.” Pedro não disse palavra. Jesus retomou: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro então se adiantou e, em nome dos outros Apóstolos, respondeu: “Tu és o Cristo, filho do Deus vivo.” Então Jesus afirmou: “Bem-aventurado és, Simão, filho de João, pois não foram os homens que te revelaram tais palavras, mas meu Pai celeste. A partir de agora, não te chamarás mais Simão, mas Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não poderão vencê-la. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra, será ligado também no céu, e o que desatares na terra, será desatado também no céu.[5]”

Este fato e estas palavras merecem ser uma pequena explicação, para que sejam bem compreendidas. Pedro ficou em silêncio enquanto Jesus apenas demonstrava querer saber o que os homens diziam sobre sua pessoa; quando então o divino Salvador convidou os Apóstolos a expressar seu sentimento, imediatamente Pedro, em nome de todos, falou, pois ele já gozava de uma primazia, ou seja, superioridade, sobre os outros companheiros.

Pedro, divinamente inspirado, diz: “Tu és o Cristo,” e era o mesmo que dizer: “Tu és o Messias prometido por Deus que veio salvar os homens; és filho do Deus vivo,” para significar que Jesus Cristo não era filho de Deus como as

divindades dos idólatras, feitas pelas mãos e pelo capricho dos homens, mas filho do Deus vivo e verdadeiro, ou seja, filho do Pai eterno; portanto, com Ele criador e supremo senhor de todas as coisas; com isso, vinha a confessá-lo como a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Jesus, quase para compensá-lo por sua fé, o chama de Bem-aventurado, e ao mesmo tempo muda seu nome de Simão para Pedro; claro sinal de que o queria elevar a uma grande dignidade. Assim Deus fez com Abraão, quando o estabeleceu pai de todos os crentes; assim com Sara, quando lhe prometeu o prodigioso nascimento de um filho; assim com Jacó, quando o chamou de Israel e lhe assegurou que da sua descendência nasceria o Messias.

Jesus disse: “Sobre esta pedra edificarei minha Igreja;” essas palavras significam: tu, Pedro, serás na Igreja o que é o fundamento numa casa. O fundamento é a parte principal da casa, totalmente indispensável; tu, Pedro, serás o fundamento, ou seja, a suprema autoridade na minha Igreja. Sobre o fundamento se edifica toda a casa, para que, sustentando-se, dure firme e inabalável. Sobre ti, que eu chamo de Pedro, como sobre uma rocha ou pedra firmíssima, por minha virtude onipotente eu elevo o eterno edifício da minha Igreja, a qual, apoiada em ti, permanecerá forte e invicta contra todos os ataques de seus inimigos. Não há casa sem fundamento, não há Igreja sem Pedro. Uma casa sem fundamento não é obra de um arquiteto sábio; uma Igreja separada de Pedro nunca poderá ser a minha Igreja. Nas casas, as partes que não se apoiam no fundamento caem e vão à ruína; na minha Igreja, quem se separa de Pedro precipita-se no erro e se perde.”

“As portas do inferno nunca vencerão minha Igreja.” As portas do inferno, como explicam os Santos Padres, significam as heresias, os hereges, as perseguições, os escândalos públicos e as desordens que o demônio tenta suscitar contra a Igreja. Todas essas potências infernais poderão, sim, separadamente ou reunidas, mover uma guerra feroz contra a Igreja e perturbar seu espírito pacífico, mas nunca poderão vencê-la.”

Finalmente, Cristo diz: “Eu te darei as chaves do reino dos céus.” As chaves são o símbolo do poder. Quando o vendedor de uma casa entrega as chaves ao comprador, entende-se que lhe dá plena e absoluta posse. Da mesma forma, quando se apresentam as chaves de uma cidade a um Rei, se quer significar que aquela cidade o reconhece como seu senhor. Assim, as chaves do reino dos céus, ou seja, da Igreja, dadas a Pedro, demonstram que ele é feito senhor, príncipe e governante da Igreja. Portanto, Jesus Cristo acrescenta a Pedro: “Tudo o que ligares na terra será também ligado nos céus, e tudo o que desatares na terra será também desatado nos céus.” Essas palavras indicam claramente a suprema autoridade dada a Pedro; autoridade de ligar a consciência dos homens com decretos e leis em ordem ao seu bem espiritual e eterno, e a autoridade de desatá-

los dos pecados e das penas que impedem o mesmo bem espiritual e eterno.

É bom notar aqui que o verdadeiro Chefe supremo da Igreja é Jesus Cristo, seu fundador; São Pedro, então, exerce sua suprema autoridade fazendo as funções, ou seja, as vezes dele na terra. Jesus Cristo fez com Pedro, como fazem os Reis deste mundo, quando dão plenos poderes a algum de seus ministros com a ordem de que tudo deva depender dele. Assim, o Rei Faraó deu tal poder a José que ninguém podia mover nem mão nem pé sem sua permissão[6].

Note-se também que os outros Apóstolos receberam de Jesus Cristo a faculdade de desatar e ligar[7], mas essa faculdade foi-lhes dada depois que São Pedro a recebeu sozinho, para indicar que ele era o único chefe destinado a conservar a unidade de fé e de moral. Os outros Apóstolos, então, e todos os bispos seus sucessores, deveriam sempre depender de Pedro e dos Papas seus sucessores, a fim de permanecerem unidos a Jesus Cristo, que do céu assiste seu Vigário e toda a Igreja até o fim dos séculos. Pedro recebeu a faculdade de desatar e de ligar juntamente com os outros Apóstolos, e assim ele e seus sucessores são iguais aos Apóstolos e aos Bispos; depois a recebeu sozinho, e por isso Pedro e os Papas seus sucessores são os Chefes supremos de toda a Igreja; não apenas dos simples fiéis, mas dos Sacerdotes e de todos os Bispos. São bispos e pastores de Roma, e papas e pastores de toda a Igreja.

Com o fato que expusemos, o divino Salvador promete constituir São Pedro chefe supremo de sua Igreja, e lhe explica a grandeza de sua autoridade. Veremos o cumprimento dessa promessa após a ressurreição de Jesus Cristo.

## CAPÍTULO V. São Pedro tenta dissuadir o divino Mestre da paixão. — Vai com ele ao monte Tabor. *Ano 32 de Jesus Cristo*.

O divino Redentor, depois de ter feito conhecer aos seus discípulos como ele edificava sua Igreja sobre bases estáveis, inabaláveis e eternas, quis dar-lhes um ensinamento para que compreendessem bem que ele não fundava este seu reino, ou seja, sua Igreja, com riquezas ou magnificência mundana, mas sim com a humildade, com os sofrimentos. Com esse propósito, portanto, manifestou a São Pedro e a todos os seus discípulos a longa série de sofrimentos e a morte infamante que os judeus deveriam fazê-lo sofrer em Jerusalém. Pedro, pelo grande amor que nutria por seu divino Mestre, horrorizou-se ao ouvir os males aos quais sua sagrada pessoa estava prestes a ser exposta, e, transportado pelo afeto que um filho terno tem por seu pai, o afastou e começou a persuadi-lo a ir para longe de Jerusalém para evitar aqueles males e concluiu: “Longe de ti, Senhor, esses males.” Jesus o repreendeu por seu afeto excessivamente sensível, dizendo-lhe: “Retira-te de mim, adversário; este teu falar me dá escândalo: tu ainda não sabes saborear as coisas

de Deus, mas apenas as coisas humanas.” Diz Santo Agostinho: “Eis aquele mesmo Pedro que pouco antes o havia confessado como Filho de Deus, aqui teme que ele morra como filho do homem.”

No ato em que o Redentor manifestou os maus-tratos que deveria sofrer pelas mãos dos judeus, prometeu que alguns dos Apóstolos, antes que ele morresse, teriam um vislumbre de sua glória, e isso para confirmá-los na fé e para que não se deixassem abater quando o vissem exposto às humilhações da paixão. Portanto, alguns dias depois, Jesus escolheu três Apóstolos: Pedro, Tiago e João, e os levou a um monte chamado comumente Tabor. Na presença desses três discípulos, Ele se transfigurou, ou seja, deixou transparecer um raio de sua divindade ao redor de sua sacrossanta pessoa. No mesmo momento, uma luz resplandecente o cercou e seu rosto tornou-se semelhante ao brilho do sol, e suas vestes brancas como a neve. Pedro, ao chegar ao monte, talvez cansado da viagem, havia se colocado a dormir com os outros dois; mas todos naquele momento, despertando, viram a glória de seu Divino Mestre. Ao mesmo tempo, também apareceram Moisés e Elias. Ao ver o Salvador resplandecente, ao aparecimento daqueles dois personagens e daquele esplendor incomum, Pedro, atônito, queria falar e não sabia o que dizer; e quase fora de si, considerando como nada toda grandeza humana em comparação com aquele vislumbre do paraíso, sentiu arder de desejo de permanecer sempre ali junto com seu Mestre. Então, voltando-se para Jesus, disse: “Ó Senhor, como é bom estarmos aqui: se assim te parece, façamos aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.” Pedro, como nos atesta o Evangelho, estava fora de si e falava sem saber o que dizia. Era um transporte de amor por seu Mestre e um vivo desejo de felicidade. Ele ainda falava quando, desaparecidos Moisés e Elias, sobreveio uma nuvem maravilhosa que envolveu os três Apóstolos. Naquele momento, do meio daquela nuvem, foi ouvida uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado, em quem tenho prazer, escutai-o.” Então os três Apóstolos, cada vez mais aterrorizados, caíram por terra como mortos; mas o Redentor, aproximando-se, tocou-os com a mão e, encorajando-os, levantou-os. Ao levantarem os olhos, não viram mais nem Moisés nem Elias; havia apenas Jesus em seu estado natural. Jesus ordenou-lhes que não manifestassem a ninguém aquela visão, senão após sua morte e ressurreição[8]. Após tal fato, aqueles três discípulos cresceram desmesuradamente em amor por Jesus. São João Damasceno explica por que Jesus preferiu escolher esses três Apóstolos, e diz que Pedro, tendo sido o primeiro a dar testemunho da divindade do Salvador, merecia ser também o primeiro a poder de forma sensível contemplar sua humanidade glorificada; Tiago também teve tal privilégio porque deveria ser o primeiro a seguir seu Mestre com o martírio; São João tinha o mérito virginal que o

fez digno dessa honra[9].

A Igreja católica celebra o venerável acontecimento da transfiguração do Salvador no monte Tabor no dia seis de agosto.

CAPÍTULO VI. Jesus, na presença de Pedro, ressuscita a filha de Jairo. — Paga o tributo por Pedro. — Ensina seus discípulos na humildade. *Ano 32 de Jesus Cristo*.

Entretanto, aproximava-se o tempo em que a fé de Pedro deveria ser posta à prova. Por isso, o divino Mestre, para inflamá-lo cada vez mais de amor por ele, frequentemente lhe dava novos sinais de afeto e bondade. Tendo Jesus chegado a uma parte da Palestina chamada terra dos Gerasenos, apresentou-se a ele um chefe da sinagoga chamado Jairo, pedindo-lhe que quisesse devolver a vida à sua filha única de 12 anos, que havia morrido há pouco. Jesus quis atendê-lo; mas, ao chegar à casa dele, proibiu a todos de entrar, e apenas levou consigo Pedro, Tiago e João, para que fossem testemunhas daquele milagre.

No dia seguinte, Jesus, afastando-se um pouco dos outros discípulos, entrou com Pedro na cidade de Cafarnaum para ir à casa dele. À porta da cidade, os cobradores de impostos, ou seja, aqueles que eram designados pelo governo para a arrecadação de tributos e impostos, puxaram Pedro de lado e lhe disseram: “O teu Mestre paga o tributo?” “Certamente que sim,” respondeu Pedro. Tendo dito isso, entrou em casa, onde o Senhor o havia precedido. Ao vê-lo, o Salvador, a quem tudo era manifesto, chamou-o e disse: “Dize-me, Pedro, quem são aqueles que pagam o tributo? São os filhos do rei, ou os estranhos da família real?” Pedro respondeu: “São os estranhos.” “Portanto,” continuou Jesus, “os filhos do rei estão isentos de todo tributo.” O que queria dizer: “Portanto, eu que sou, como tu mesmo declaraste, o Filho de Deus vivo, não sou obrigado a pagar nada aos príncipes da terra; no entanto, essa boa gente não me conhece como tu, e poderia se escandalizar; por isso, pretendo pagar o tributo. Vai ao mar, lança a rede, e na boca do primeiro peixe que pegares encontrarás a moeda para pagar o tributo por mim e por ti.” O Apóstolo executou o que lhe foi ordenado, e após algum intervalo de tempo voltou cheio de espanto com a moeda indicada pelo Salvador; e o tributo foi pago.

Os Santos Padres admiraram duas coisas neste fato: a humildade e mansidão de Jesus, que se submete às leis dos homens, e a honra que se dignou fazer ao Apóstolo Pedro, igualando-o a si mesmo e mostrando-o abertamente como seu Vigário.

Os outros Apóstolos, ao saberem da preferência dada a Pedro, sendo ainda muito imperfeitos na virtude, sentiram inveja; por isso, iam entre si discutindo quem entre eles era o maior. Jesus, que pouco a pouco queria corrigi-los de seus

defeitos, quando chegaram à sua presença, fez-lhes conhecer como as grandezas do céu são bem diferentes daquelas da terra, e que aquele que quer ser o primeiro no Céu convém que se faça o último na terra. Disse-lhes então: “Quem é o maior? Quem é o primeiro em uma família? Talvez aquele que está sentado, ou aquele que serve à mesa? Certamente quem está à mesa. Agora, o que vedes em mim? Que personagem eu figurava? Certamente de um pobre que serve à mesa.”

Este aviso deveria principalmente valer para Pedro, que no mundo deveria receber grandes honras por sua dignidade, e, no entanto, conservar-se na humildade e se nomear servo dos servos do Senhor, como costumam se chamar os Papas seus sucessores.

CAPÍTULO VII. Pedro fala com Jesus sobre o perdão das injúrias e o desapego das coisas terrenas. — Recusa deixar-se lavar os pés. — Sua amizade com São João. *Ano 33 de Jesus Cristo*.

Um dia, o divino Salvador começou a ensinar os Apóstolos sobre o perdão das ofensas, e tendo dito que se deveria suportar qualquer ultraje e perdoar qualquer injúria, Pedro ficou cheio de espanto; pois ele estava prevenido, como todos os judeus, em favor das tradições judaicas, que permitiam à pessoa ofendida infligir uma pena aos ofensores, chamada a pena do talião. Voltou-se, portanto, para Jesus e disse: “Mestre, se o inimigo nos ofender sete vezes e sete vezes vier me pedir perdão, devo perdoá-lo sete vezes?” Jesus, que veio para mitigar os rigores da antiga lei com a santidade e pureza do Evangelho, respondeu a Pedro que “não somente deveria perdoar sete vezes, mas setenta vezes sete,” expressão que significa que se deve perdoar sempre. Neste fato os Santos Padres reconhecem primeiramente a obrigação que cada cristão tem de perdoar ao próximo toda afronta, em todo tempo e em todo lugar. Em segundo lugar, reconhecem a faculdade dada por Jesus a São Pedro e a todos os sagrados ministros de perdoar os pecados dos homens, qualquer que seja a gravidade e o número, desde que estejam arrependidos e prometam sincera emenda.

Em outro dia, Jesus ensinava o povo, falando da grande recompensa que receberiam aqueles que desprezassem o mundo e fizessem bom uso das riquezas, desapegando seus corações dos bens da terra. Pedro, que ainda não havia recebido as luzes do Espírito Santo e que mais do que os outros precisava ser instruído, com sua habitual franqueza se dirigiu a Jesus e lhe disse: “Mestre, nós abandonamos tudo e te seguimos: fizemos o que ordenaste; qual será, portanto, o prêmio que nos darás?” O Salvador agradou-se da pergunta de Pedro e, enquanto elogiou o desapego dos Apóstolos de todo Bem terreno, assegurou que a eles estava reservado um prêmio particular, porque, deixando seus bens, o haviam seguido.

Disse: “Vós que me seguistes, sentareis em doze tronos majestosos e, companheiros na minha glória, julgareis comigo as doze tribos de Israel e com elas toda a humanidade.”

Não muito depois, Jesus foi ao templo de Jerusalém e começou a conversar com Pedro sobre a estrutura daquele grandioso edifício e sobre a preciosidade das pedras que o adornavam. O divino Salvador então aproveitou a ocasião para predizer sua total ruína, dizendo: “Deste magnífico templo não ficará pedra sobre pedra.” Então Jesus, saindo da cidade e passando perto de uma figueira, que havia sido por ele amaldiçoada, Pedro, maravilhado, fez notar ao divino Mestre como aquela planta já havia ficado totalmente seca. Era uma prova da veracidade das promessas do Salvador. Assim, Jesus, para encorajar os Apóstolos a terem fé, respondeu que em virtude da fé obteriam tudo o que pedissem.

Por outro lado, a virtude que Cristo queria profundamente enraizada no coração dos Apóstolos e especialmente de Pedro, era a humildade, e disso em muitas ocasiões deu-lhes luminosos exemplos, sobretudo na véspera de sua paixão. Era aquele o primeiro dia da Páscoa dos judeus, que deveria durar sete dias e que costumava ser chamada dos ázimos. Jesus enviou Pedro e João a Jerusalém, dizendo: “Ide e preparai as coisas necessárias para a Páscoa.” Eles disseram: “Onde quereis que as preparemos?” Jesus respondeu: “Entrando na cidade, encontrareis um homem que leva um cântaro de água; ide com ele, e ele vos mostrará um grande cenáculo arrumado, e ali preparai o que for necessário para esta necessidade.” Assim fizeram. Chegada a noite, que era a última da vida mortal do Salvador, querendo Ele instituir o Sacramento da Eucaristia, a precedeu com um ato que demonstra a pureza de alma com que cada cristão deve se aproximar deste sacramento do divino amor, e ao mesmo tempo serve para conter a soberba dos homens até o fim do mundo. Enquanto estava à mesa com seus discípulos, perto do fim da ceia, o Senhor levantou-se da mesa, tomou uma toalha, cingiu-a à cintura e derramou água em uma bacia, mostrando que queria lavar os pés dos Apóstolos, que sentados e maravilhados estavam olhando o que seu Mestre queria fazer.

Jesus veio, portanto, com a água a Pedro e, ajoelhando-se diante dele, pede-lhe o pé para lavar. O bom Pedro, horrorizado ao ver o Filho de Deus naquele ato de pobre servo, lembrando-se ainda que pouco antes o havia visto resplandecente de luz, cheio de vergonha e quase chorando, disse: “Que fazes, Mestre, que fazes? Tu lavares-me os pés? Nunca! Eu nunca poderei permitir.” O Salvador lhe disse: “O que eu faço não compreendes agora, mas compreenderás depois: por isso, cuida bem de não me contradizer; se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo,” ou seja, tu estarás privado de todo o meu bem e serás deserdado. A estas palavras, o bom Pedro ficou terrivelmente perturbado; de um lado, doía-lhe ter que ser separado de

seu Mestre, não queria desobedecer-lhe nem entristecê-lo; por outro lado, parecia-lhe que não poderia permitir-lhe um serviço tão humilde. No entanto, quando compreendeu que o Salvador queria obediência, disse: “Ó Senhor, já que queres assim, não devo nem quero resistir à tua vontade; faze de mim tudo o que melhor te parecer; se não basta lavar-me os pés, lava-me também as mãos e a cabeça.”

O Salvador, após ter cumprido aquele ato de profunda humildade, voltou-se para seus Apóstolos e disse-lhes: “Vistes o que fiz? Se eu, que sou vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, vós deveis fazer o mesmo entre vós.” Estas palavras significam que um seguidor de Jesus Cristo nunca deve recusar-se a qualquer obra de caridade, mesmo que humilde, sempre que com ela se promova o bem do próximo e a glória de Deus.

Durante esta ceia, ocorreu um fato que diz respeito de maneira particular a São Pedro e São João. Já se pôde observar como o divino Redentor tinha especial afeto por esses dois Apóstolos; a um pela sublime dignidade a que estava destinado, ao outro pela singular candura dos costumes. Eles, por sua vez, amavam seu Salvador com o mais intenso amor, e estavam unidos entre si pelos laços de uma amizade especialíssima, da qual o mesmo Redentor mostrou agrado, porque fundada na virtude.

Enquanto, portanto, Jesus estava à mesa com seus Apóstolos, no meio da ceia previu que um deles o trairia. Ao ouvir isso, todos se espantaram, e cada um temendo por si, começaram a olhar uns para os outros, dizendo: “Sou eu, por acaso?” Pedro, sendo mais fervoroso no amor por seu Mestre, desejava saber quem era aquele traidor; queria interrogar Jesus, mas fazê-lo em segredo, para que ninguém dos presentes percebesse. Então, sem proferir palavra, fez um sinal a João para que fosse ele a fazer aquela pergunta. Este dileto apóstolo havia tomado lugar perto de Jesus, e sua posição era tal que apoiava a cabeça sobre o peito dele, enquanto a cabeça de Pedro apoiava sobre a de João. João satisfez o desejo de seu amigo com tanta discrição que nenhum dos Apóstolos pôde entender nem o sinal de Pedro, nem a interrogação de João, nem a resposta de Cristo; pois ninguém, naquele momento, soube que o traidor era Judas Iscariotes, exceto os dois apóstolos privilegiados.

## CAPÍTULO VIII. Jesus prediz a negação de Pedro e lhe assegura que sua fé não falhará. — Pedro o segue no jardim de Getsêmani. — Corta a orelha de Malco. — Sua queda, seu arrependimento. *Ano 33 de Jesus Cristo*.

Estava se aproximando o tempo da paixão do Salvador, e a fé dos Apóstolos deveria ser posta à prova. Após a última ceia, quando Jesus estava prestes a sair do cenáculo, dirigiu-se aos seus Apóstolos e disse: “Esta noite é muito dolorosa para

mim e de grande perigo para todos vocês: acontecerão comigo tais coisas que vocês ficarão escandalizados; e não parecerá mais verdadeiro aquilo que vocês conheceram e que agora acreditam em mim. Portanto, eu lhes digo que nesta noite todos me voltarão as costas." Pedro, seguindo seu habitual ardor, foi o primeiro a responder: "Como? Nós todos irão voltar-lhe as costas? Mesmo que todos esses sejam tão fracos a ponto de abandoná-lo, eu certamente nunca o farei; pelo contrário, estou pronto para morrer contigo." "Ah, Simão, Simão," respondeu Jesus Cristo. "Satanás armou contra vós uma terrível tentação, e vos sacudirá como se faz com o trigo na peneira; e tu mesmo nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes." Pedro falava guiado por um caloroso sentimento de afeto e não considerava que sem a ajuda divina o homem cai em deploráveis excessos; por isso ele renovou as mesmas promessas dizendo: "Não, certamente; pode ser que todos te neguem, mas eu nunca!" Jesus, que conhecia bem essa presunção de Pedro, vinda de um ardor inconsiderado e de uma grande ternura por ele, teve compaixão e lhe disse: "Certamente cairás, Pedro, como te disse; no entanto, não percas a coragem. Eu orei por ti para que a tua fé não falhe; então, quando estiveres arrependido de tua queda, confirma teus irmãos: *Rogavi pro te, ut non deficiat fides tua, et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos*." Com essas palavras, o divino Salvador prometeu uma assistência particular ao Chefe de sua Igreja, para que sua fé nunca falhasse, ou seja, que como Mestre universal e nas coisas que dizem respeito à religião e à moral, ensinou e sempre ensinará a verdade, embora na vida privada ele possa cair em culpa, como de fato aconteceu a São Pedro.

Enquanto isso, Jesus Cristo, após aquela memorável Ceia Eucarística, já avançada a noite, saiu do cenáculo com os onze Apóstolos e dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Chegando lá, levou consigo Pedro, Tiago e João, e retirou-se para uma parte daquele monte chamada Getsêmani, onde costumava ir para orar. Jesus afastou-se ainda dos três Apóstolos à distância de um tiro de pedra e começou a orar. Antes, porém, no ato de se separar deles, avisou-os dizendo: "Vigiai e orai, porque a tentação está próxima." Mas Pedro e seus companheiros, tanto pela hora tardia quanto pelo cansaço, sentaram-se para descansar e adormeceram.

Esse foi um novo erro de Pedro, que deveria seguir o preceito do Salvador, vigiando e orando. Nesse ínterim, chegaram os guardas ao jardim para capturar Jesus e levá-lo à prisão. Pedro, vendo-os de relance, correu ao seu encontro para afastá-los; e vendo que eles resistiam, pôs a mão na espada que tinha consigo e, desferindo um golpe ao acaso, cortou a orelha de um servo do sumo sacerdote Caifás, chamado Malco.

Não eram essas as provas de fidelidade que Jesus esperava de Pedro, nem

nunca lhe havia ensinado a opor força a força. Foi isso um efeito de seu vivo amor ao divino Salvador, mas fora de propósito; por isso Jesus disse a Pedro: “Guarda tua espada na bainha, porque quem fere com a espada, pela espada perecerá.” Então, colocando em prática aquilo que havia ensinado tantas vezes em suas pregações, ou seja, fazer o bem a quem nos faz mal, pegou a orelha cortada e, com suma bondade, a recolocou com suas santas mãos no lugar do corte, de modo que ficou instantaneamente curada.

Pedro e os outros Apóstolos, percebendo que toda resistência era inútil e que, na verdade, correriam perigo para si mesmos, deixaram de lado as promessas feitas pouco antes ao Mestre, deram-se à fuga e abandonaram Jesus, deixando-o sozinho nas mãos de seus algozes.

Pedro, por outro lado, envergonhando-se de sua covardia, confuso e irresoluto, não sabia para onde ir nem onde ficar; por isso, de longe, seguiu Jesus até o pátio do palácio de Caifás, chefe de todos os sacerdotes judeus; e, por recomendação de um conhecido, conseguiu também entrar. Jesus estava lá dentro sob o poder dos Escribas e dos Fariseus, que o haviam acusado naquele tribunal e procuravam fazê-lo condenar com alguma aparência de justiça.

Entrando apenas naquele lugar, nosso Apóstolo encontrou uma turba de guardas que estavam se aquecendo ao fogo ali aceso, e se pôs também com eles. À luz das chamas, a serva que por graça o deixara entrar, vendo-o pensativo e melancólico, começou a suspeitar que ele era um seguidor de Jesus. “Ei,” disse-lhe, “pareces um companheiro do Nazareno, não é verdade?” O Apóstolo, ao se ver descoberto diante de tanta gente, ficou atônito; e temendo pela prisão, talvez até pela morte, perdido todo o ânimo, respondeu: “Mulher, tu te enganas; eu não sou um deles; nem conheço esse Jesus de quem falas.” Dito isso, o galo cantou pela primeira vez; e Pedro não prestou atenção.

Depois de ter permanecido algum momento na companhia daqueles guardas, dirigiu-se ao vestíbulo. Enquanto retornava perto do fogo, outra serva, apontando para Pedro, também começou a dizer aos que estavam ao redor: “Este também estava com Jesus Nazareno.” O pobre discípulo, a essas palavras cada vez mais apavorado, quase fora de si, respondeu que não o conhecia nem o havia visto. Pedro falava assim, mas a consciência o reprimia e experimentava os mais agudos remorsos; por isso, todo pensativo, com o olhar turvo e passo incerto, entrava e saía sem saber o que fazer. Mas um abismo leva a outro abismo.

Após alguns instantes, um parente daquele Malco a quem Pedro havia cortado a orelha o viu e, fixando-o bem no rosto, disse: “Certamente este é um dos companheiros do Galileu! Tu és certamente, teu sotaque te trai. E então, não te vi eu no jardim com ele, quando cortaste a orelha de Malco?” Pedro, vendo-se em tão

má situação, não soube encontrar outro escape senão jurar e perjurar que não o conhecia. Não havia ainda proferido bem a última sílaba, quando o galo cantou pela segunda vez.

Quando o galo cantou pela primeira vez, Pedro não prestou atenção; mas nesta segunda vez, presta atenção ao número de suas negações, recorda a predição de Jesus Cristo e a vê precisamente cumprida. A essa lembrança, ele se perturba, sente o coração todo amargurado e, voltando o olhar para o bom Jesus, seu olhar se encontra com o dele. Este olhar de Cristo foi um ato mudo, mas ao mesmo tempo um golpe de graça, que, como uma flecha agudíssima, foi feri-lo no coração, não para lhe dar a morte, mas para restituir-lhe a vida[10].

Aquele gesto de bondade e de misericórdia fez com que Pedro, sacudido como por um profundo sono, sentisse o coração se encher e fosse levado às lágrimas pelo dor. Para dar livre curso ao pranto, saiu daquele lugar maldito e foi chorar seu erro, invocando o perdão da divina misericórdia. O Evangelho nos diz apenas que: *et egressus Petrus flevit amare*: Pedro saiu e chorou amargamente. Deste erro, o santo Apóstolo carregou remorso toda a vida, e pode-se dizer que desde aquela hora até a morte não fez outra coisa senão chorar seu pecado, fazendo uma dura penitência. Diz-se que ele sempre tinha ao lado um pano para enxugar as lágrimas; e que toda vez que ouvia o galo cantar, estremecia e tremia, relembrando o doloroso momento de sua queda. Aliás, as lágrimas que derramava continuamente lhe fizeram dois sulcos nas faces. Bem-aventurado Pedro que tão cedo abandonou a culpa e fez tão longa e dura penitência! Bem-aventurado também aquele cristão que, após ter a desgraça de seguir Pedro na culpa, o segue também no arrependimento.

CAPÍTULO IX. Pedro no sepulcro do Salvador. — Jesus lhe aparece. — À beira do lago de Tiberíades dá três distintos sinais de amor para com Jesus que o constitui efetivamente chefe e pastor supremo da Igreja.

Enquanto o divino Salvador era arrastado nos vários Tribunais e depois conduzido ao Calvário para morrer na Cruz, Pedro não o perdeu de vista, porque desejava ver onde iria acabar aquele lutuoso espetáculo.

E embora o Evangelho não o diga, há razões para crer que ele se encontrou na companhia de seu amigo João aos pés da cruz. Mas após a morte do Salvador, o bom Pedro, todo humilhado pela maneira indigna com que havia correspondido ao grande amor de Jesus, pensava continuamente nele, oprimido pela mais amarga dor e arrependimento.

Contudo, essa sua humilhação era precisamente a que atraía sobre Pedro a benignidade de Jesus. Após sua ressurreição, Jesus apareceu primeiramente a Maria

Madalena e a outras piedosas mulheres, porque elas sozinhas foram ao sepulcro para embalsamá-lo. Depois de se manifestar a elas, acrescentou: “Ide imediatamente, relatai a meus irmãos e particularmente a Pedro que me viram vivo.” Pedro, que já se acreditava talvez esquecido pelo Mestre, ao ouvir de Jesus anunciar a ele nomeadamente a notícia da ressurreição, desatou numa torrente de lágrimas e não pôde mais conter a alegria no coração.

Transportado pela alegria e pelo desejo de ver o Mestre ressuscitado, ele, na companhia do amigo João, começou a correr rapidamente pela montanha do Calvário. O ânimo deles, por outro lado, estava então agitado por dois sentimentos contrários: pela esperança de ver Jesus ressuscitado e pelo temor de que o relato feito a eles pelas piedosas mulheres não fosse senão efeito de sua fantasia, pois antes não compreendiam como ele deveria realmente ressuscitar. Corriam, entretanto, ambos juntos; mas João, sendo mais jovem e mais ágil, chegou ao sepulcro antes de Pedro. No entanto, não teve coragem de entrar e, inclinando-se um pouco à entrada, viu as faixas em que o corpo de Jesus havia sido envolto. Pouco depois, também chegou Pedro, que, fosse pela maior autoridade que sabia ter, fosse porque era de um caráter mais resoluto e pronto, sem parar do lado de fora, entrou imediatamente no sepulcro, examinou-o em todas as suas partes, pesquisando e apalpando por toda parte, e não viu outra coisa senão as faixas e o sudário enrolado à parte. Seguindo o exemplo de Pedro, entrou também João, e ambos eram da opinião de que o corpo de Jesus havia sido tirado do sepulcro e roubado. Pois, embora desejassem ardentemente que o divino Mestre tivesse ressuscitado, ainda assim não acreditavam nesta doce verdade. Os dois Apóstolos, após terem feito no sepulcro tais minuciosas observações, saíram e retornaram de onde haviam partido. Mas naquele mesmo dia, Jesus quis visitar Pedro pessoalmente para consolá-lo com sua presença e, o que é mais, apareceu precisamente a Pedro antes de todos os outros Apóstolos.

Várias vezes o divino Salvador se manifestou a seus Apóstolos após a ressurreição para instruí-los e confirmá-los na fé.

Um dia, Pedro, Tiago e João com alguns outros discípulos, tanto para evitar o ócio, quanto para ganhar algo para comer, foram pescar no lago de Tiberíades. Subiram todos em um barco, afastaram-no um pouco da costa e lançaram suas redes. Trabalharam a noite toda lançando as redes ora para um lado, ora para o outro, mas tudo em vão; já clareava o dia e nada haviam pescado. Então apareceu o Senhor na praia, onde, sem se fazer reconhecer, como se quisesse comprar peixes, disse-lhes: “Moços, tendes algo para comer?” “*Pueri, numquid pulmentarium habetis?*” “Não,” responderam. “Trabalhamos a noite toda e não pegamos nada.” Jesus acrescentou: “Lançai a rede à direita do barco e pegareis.”

Fossem movidos por um impulso interior, ou foi para seguir o conselho d'Aquele que aos seus olhos parecia um experiente pescador, lançaram a rede e pouco depois a encontraram cheia de tantos e tão grandes peixes que mal puderam puxá-la para fora. A essa pesca inesperada, João se voltou para aquele que da praia havia dado aquele conselho e, reconhecendo que era Jesus, disse imediatamente a Pedro: "É o Senhor." Pedro, ouvindo essas palavras, transportado pelo habitual fervor, sem mais consideração se lançou na água e nadou até a margem para ser o primeiro a saudar o Divino Mestre. Enquanto Pedro se detinha familiarmente com Jesus, os outros Apóstolos também se aproximaram arrastando a rede.

Ao chegarem, encontraram o fogo aceso pela própria mão do Divino Salvador e pão preparado com peixe que estava assando. Os Apóstolos, movidos pelo desejo de ver o Senhor, deixaram todos os peixes no barco, de modo que o Salvador lhes disse: "Tragam aqui aqueles peixes que vocês pegaram agora." Pedro, que em tudo era o mais pronto e obediente, ao ouvir aquela ordem, subiu imediatamente no barco e sozinho puxou para a terra a rede cheia de 153 grandes peixes. O texto sagrado nos avisa que foi um milagre o fato de a rede não se ter rasgado, embora houvesse tantos peixes e de tal tamanho. Os santos Padres reconhecem neste fato o poder divino do chefe da Igreja, que, assistido de modo particular pelo Espírito Santo, guia a mística nave cheia de almas a serem conduzidas aos pés de Jesus Cristo, que as redimiu e as aguarda no céu.

Enquanto isso, Jesus havia preparado a refeição; e convidando os Apóstolos a se sentarem na areia, distribuiu a cada um o pão e o peixe que havia assado. Terminada a refeição, Jesus Cristo começou novamente a conversar com São Pedro e a interrogá-lo na frente dos companheiros da seguinte maneira: "Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?" "Sim," respondeu Pedro, "tu sabes que eu te amo." Jesus lhe disse: "Apascenta os meus cordeiros." Então lhe perguntou mais uma vez: "Simão, filho de João, tu me amas?" "Senhor," replicou Pedro, "tu bem sabes que eu te amo." Jesus repetiu: "Apascenta os meus cordeiros." O Senhor acrescentou: "Simão, filho de João, tu me amas?" Pedro, ao ver-se interrogado três vezes sobre o mesmo assunto, ficou profundamente perturbado. Naquele momento, recordou-se das promessas já feitas anteriormente, e que havia violado; e por isso temia que Jesus Cristo visse em seu coração um amor muito mais escasso do que aquele que achava ter, e quisesse prever outras negações. Portanto, desconfiando de suas próprias forças, Pedro com grande humildade respondeu: "Senhor, tu sabes tudo, e por isso sabes que eu te amo." Essas palavras significavam que Pedro estava seguro naquele momento da sinceridade de seus afetos, mas não tanto em relação ao futuro. Jesus, que conhecia seu desejo de amá-lo e a sinceridade de seus afetos, o confortou dizendo: "Apascenta as minhas ovelhas." Com essas palavras, o

Filho de Deus cumpria a promessa feita a São Pedro de constituí-lo príncipe dos Apóstolos e pedra fundamental da Igreja. De fato, os cordeiros aqui significam todos os fiéis cristãos, espalhados nas várias partes do mundo, que devem estar submetidos ao Chefe da Igreja, assim como fazem os cordeiros ao seu pastor. As ovelhas, por sua vez, significam os bispos e outros ministros sagrados, que dão sim à pastagem da doutrina de Jesus Cristo aos fiéis cristãos, mas sempre de acordo, sempre unidos e submetidos ao supremo pastor da Igreja, que é o Papa Romano, o Vigário de Jesus Cristo na terra.

Apoiado nessas palavras de Jesus Cristo, os católicos de todos os tempos sempre acreditaram como verdade de fé que São Pedro foi constituído por Jesus Cristo seu Vigário na terra e chefe visível de toda a Igreja, e que recebeu dele a plenitude de autoridade sobre os outros apóstolos e sobre todos os fiéis. Essa autoridade passou aos Papas Romanos, seus sucessores. Isso foi definido como dogma de fé no concílio de Florença no ano de 1439, com as seguintes palavras: “Nós definimos que a santa sede Apostólica e o Papa Romano é o sucessor do príncipe dos Apóstolos, o verdadeiro Vigário de Cristo e o chefe de toda a Igreja, o mestre e pai de todos os cristãos, e que a ele, na pessoa do bem-aventurado Pedro, foi dado por nosso Senhor Jesus Cristo pleno poder de apascentar, reger e governar a Igreja Universal.”

Notam ainda os santos Padres que o divino Redentor quis que Pedro dissesse três vezes publicamente que o amava, quase para reparar o escândalo que havia dado negando-o três vezes.

## CAPÍTULO X. Infalibilidade de São Pedro e de seus sucessores

O divino Salvador deu ao Apóstolo Pedro o supremo poder na Igreja, ou seja, o primado de honra e de jurisdição, que veremos em breve sendo exercido por ele. Mas, para que, como chefe da Igreja, ele pudesse exercer convenientemente essa suprema autoridade, Jesus Cristo ainda o dotou de uma prerrogativa singular, ou seja, da infalibilidade. Sendo esta uma das verdades mais importantes, creio ser bom acrescentar algo em confirmação e declaração da doutrina que em todos os tempos a Igreja católica professou sobre este dogma.

Antes de tudo, é necessário entender o que se entende por infalibilidade. Por ela se entende que o Papa, quando fala *ex cathedra*, ou seja, cumprindo o ofício de Pastor ou de Mestre de todos os cristãos, e julga as coisas referentes à fé ou aos costumes, não pode, pela assistência divina, cair em erro; portanto, nem se enganar nem enganar os outros. Note-se, portanto, que a infalibilidade não se estende a todas as ações, a todas as palavras do Papa; não lhe compete como homem privado, mas apenas como Chefe, Pastor, Mestre da Igreja, e quando define

alguma doutrina referente à fé ou à moral e pretende obrigar todos os fiéis. Além disso, não se deve confundir a infalibilidade com a impecabilidade; de fato, Jesus Cristo prometeu a Pedro e a seus sucessores a primeira ao instruir os homens, mas não a segunda, na qual não quis privilegiá-los.

Dito isso, afirmamos que uma das verdades mais bem provadas é precisamente a da infalibilidade doutrinal, concedida por Deus ao Chefe da Igreja. As palavras de Jesus Cristo não podem falhar, porque são palavras de Deus. Agora, Jesus Cristo disse a Pedro: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não poderão vencê-la. Eu te darei as chaves do reino dos Céus, e tudo o que tiveres ligado na terra será ligado também nos céus, e tudo o que tiveres solto na terra será solto também nos céus.”

Segundo essas palavras, as portas[11], ou seja, as potências infernais, entre as quais ocupa o primeiro lugar o erro e a mentira, nunca poderão prevalecer nem contra a Pedra, nem contra a Igreja que sobre ela está fundada. Mas se Pedro, como Chefe da Igreja, errasse em coisas de fé e de costume, seria como se faltasse o fundamento. Faltando este, cairia o edifício, ou seja, a própria Igreja, e assim o fundamento e a construção deveriam ser considerados vencidos e derrubados pelas portas infernais. Agora, após as palavras acima mencionadas, isso não é possível, exceto se se queira blasfemar, afirmando que foram falaciosas as promessas do divino Fundador: coisa horrível não só para os católicos, mas para os próprios cismáticos e hereges.

Além disso, Jesus Cristo assegurou que tudo o que Pedro, como Chefe da Igreja, ligasse ou deligasse, seria sancionado no céu. Portanto, assim como no céu não pode ser aprovado o erro, deve-se necessariamente admitir que o Chefe da Igreja seja infalível em seus julgamentos, em suas decisões emanadas na qualidade de Vigário de Jesus Cristo, de modo que ele, como mestre e juiz de todos os fiéis, não aprove e não condene senão aquilo que pode ser igualmente aprovado ou condenado no céu; e isso leva à infalibilidade.

Isto se torna ainda mais manifesto nas palavras que Jesus Cristo dirigiu a Pedro quando lhe ordenou que confirmasse na fé os outros Apóstolos: “Simão, Simão,” disse-lhe, “eis que Satanás pediu para vos peneirar como se faz com o trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não falhe; e tu, quando tiveres voltado, confirma os teus irmãos.” Jesus Cristo, portanto, ora para que a fé do Papa não falhe; agora, é impossível que a oração do Filho de Deus não seja atendida. Além disso: Jesus ordenou a Pedro que confirmasse na fé os outros pastores e a estes que o escutassem; mas se não lhe tivesse comunicado também a infalibilidade doutrinal, teria colocado em perigo a possibilidade de enganá-los e arrastá-los ao abismo do erro. Pode-se acreditar que Jesus Cristo quisesse deixar a Igreja e seu

Chefe em tão grande perigo?

Finalmente, o divino Redentor, após sua Ressurreição, estabeleceu Pedro como Pastor supremo de seu rebanho, ou seja, de sua Igreja, confiando-lhe o cuidado dos cordeiros e das ovelhas: “Apascenta os meus cordeiros,” disse-lhe, “apascenta as minhas ovelhas.” Instrui, ensina uns e outros guiando-os às pastagens de vida eterna. Mas se Pedro errasse em matéria de doutrina, ou por ignorância ou por malícia, então ele seria como um pastor que conduz os cordeiros e as ovelhas a pastagens envenenadas, que em vez de vida lhes daria a morte. Agora, pode-se supor que Jesus Cristo, que para salvar suas ovelhinhas deu tudo de si, não quisesse estabelecer-lhes um pastor semelhante?

Assim, segundo o Evangelho, o Apóstolo Pedro teve o dom da infalibilidade:

I. Porque é Pedra fundamental da Igreja de Jesus Cristo;

II. Porque seus julgamentos devem ser confirmados também no céu;

III. Porque Jesus Cristo orou por sua infalibilidade, e sua oração não pode falhar;

IV. Porque deve confirmar na fé, apascentar e governar não só os simples fiéis, mas os próprios pastores.

É útil agora acrescentar que, juntamente com a autoridade suprema sobre toda a Igreja, o dom da infalibilidade passou de Pedro a seus sucessores, ou seja, aos Pontífices Romanos.

Esta também é uma verdade de fé.

Jesus Cristo, como vimos, deu mais amplo poder e dotou do dom da infalibilidade São Pedro, a fim de prover à unidade e à integridade da fé em seus seguidores. “Entre doze, um é eleito,” reflete o exímio doutor São Jerônimo, “para que, estabelecido um Chefe, seja retirada toda a ocasião de cisma: *Inter duodecim unus eligitur, ut, capite constituto, schismatis tolleretur occasio*.[12]” “O primado é conferido a Pedro,” escreveu São Cipriano, “para que uma se demonstre a Igreja, e uma a cátedra da verdade.[13]”

Dito isso, afirmamos: a necessidade de unidade e de verdade não existia apenas na época dos Apóstolos, mas também nos séculos seguintes; na verdade, essa necessidade aumentou ainda mais com a expansão da própria Igreja e com a ausência dos Apóstolos, privilegiados por Jesus Cristo com dons extraordinários para a promulgação do Evangelho. Portanto, segundo a intenção do divino Salvador, a autoridade e a infalibilidade do primeiro Papa não deveriam cessar com sua morte, mas se transmitir a outro, perpetuando-se assim na Igreja.

Essa transmissão aparece claríssima, sobretudo nas palavras de Jesus Cristo a Pedro, com as quais o estabelecia como base, fundamento da Igreja. É manifesto que o fundamento deve durar tanto quanto o edifício; sendo impossível esse sem

aquele. Mas o edifício, que é a Igreja, deve durar até o fim do mundo, tendo prometido o mesmo Jesus estar com sua Igreja até a consumação dos séculos: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo.” Portanto, até a consumação dos séculos deve durar o fundamento que é Pedro; mas como Pedro morreu, a autoridade e a infalibilidade devem ainda subsistir em alguém. Elas, de fato, subsistem em seus sucessores na Sé de Roma, ou seja, subsistem nos Pontífices Romanos. Portanto, pode-se dizer que Pedro vive ainda e julga em seus sucessores. Assim, de fato, se expressaram os legados da Sé Apostólica, com o aplauso do Concílio Geral de Éfeso no ano 431: “Quem até este tempo, e sempre em seus sucessores, vive e exerce o julgamento.”

Por essa razão, desde os primeiros séculos da Igreja, surgindo questões religiosas, recorria-se à Igreja de Roma, e suas decisões e seus julgamentos eram considerados como regra de fé. Basta para toda prova as palavras de Santo Irineu, Bispo de Lion, martirizado no ano 202. “Para confundir,” ele escreveu, “todos aqueles que de qualquer modo, por vaidade, por cegueira ou por malícia se reúnem em conciliábulos, nos bastará indicar a tradição e a fé que a maior e mais antiga de todas as igrejas, a Igreja conhecida em todo o mundo, a Igreja Romana, fundada e constituída pelos gloriosíssimos Apóstolos Pedro e Paulo, anunciou aos homens e transmitiu até nós por meio da sucessão de seus bispos. De fato, a esta Igreja, devido ao seu preeminente principado, deve recorrer toda Igreja, ou seja, todos os fiéis de qualquer parte que sejam.[14]”

Quanto à infalibilidade do Papa, alguns hereges, entre os quais os protestantes e os chamados velhos católicos, a negam dizendo que somente Deus é infalível.

Nós não negamos que só Deus é infalível por natureza; mas dizemos que ele pode conceder o dom da infalibilidade também a um homem, assistindo-o de modo que não se deixe enganar. Só Deus pode fazer verdadeiros milagres; e, no entanto, sabemos pela própria Sagrada Escritura que muitos homens os fizeram, e de forma impressionante. Eles os realizaram não por virtude própria, mas por virtude divina a eles comunicada. Assim, o Papa não é infalível por sua natureza, mas por virtude de Jesus Cristo que assim quis para o bem da Igreja.

Além disso, os protestantes e seus seguidores, que ainda acreditam no Evangelho, não devem fazer tanto alarde porque nós católicos consideramos infalível um homem, quando ele age como nosso supremo e universal mestre; de fato, eles ainda conosco, sem acreditar que estão fazendo injustiça a Deus, consideram infalíveis pelo menos quatro, que são os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João; na verdade, consideram infalíveis todos os escritores sagrados tanto do Novo quanto do Velho Testamento. Agora, se se pode, na verdade se deve, crer

na infalibilidade daqueles homens que nos transmitiram por escrito a palavra de Deus, o que pode nos impedir de crer na infalibilidade de outro homem destinado a conservá-la intacta e explicá-la em nome do próprio Deus?

A própria razão nos sugere que era coisa conveniente que Jesus Cristo concedesse o dom da infalibilidade ao seu Vigário, ao Mestre de todos os fiéis. E mais! Se um pai sábio e amoroso tem filhos a serem instruídos, não é verdade que escolhe o mestre mais erudito e mais sábio que puder encontrar? Não é verdade ainda que, se esse pai pudesse dar a esse mestre o dom de nunca enganar o filho, nem por ignorância nem por malícia, ele lhe comunicaria de bom coração? Portanto, todos os homens, especialmente os cristãos, são filhos de Deus; o Papa é o grande Mestre que ele estabeleceu. Ora, Deus poderia conferir-lhe o dom de nunca cair em erro ao instruí-los. Quem, portanto, pode razoavelmente admitir que este ótimo Pai não tenha feito o que faríamos nós miseráveis?

Em todos os séculos, todos os verdadeiros católicos constantemente acreditaram na infalibilidade do sucessor de Pedro. Mas, nestes últimos tempos, surgiram alguns hereges para contestá-la; na verdade, pela falta de uma definição expressa, alguns católicos mal informados também aproveitaram a oportunidade para colocá-la em dúvida. Portanto, em 18 de julho de 1870, o Concílio Vaticano, composto por mais de 700 Bispos presididos pelo imortal Pio IX, para prevenir os fiéis de todo erro, definiu solenemente a infalibilidade pontifícia como dogma de fé com estas palavras: “Nós definimos que o Pontífice Romano, quando fala ex cathedra, ou seja, cumprindo o ofício de Pastor e Mestre de todos os cristãos, e por sua suprema autoridade apostólica define alguma doutrina da fé e dos costumes a ser mantida por toda a Igreja, devido à assistência divina a ele prometida na pessoa do Bem-aventurado Pedro, goza da mesma infalibilidade da qual o divino Redentor quis dotar sua Igreja ao definir as doutrinas da fé e dos costumes. Portanto, essas definições do Pontífice Romano são por si mesmas, e não pelo consenso da Igreja, irrefutáveis. Se alguém ousar contradizer a esta nossa definição, seja excomungado.”

Após esta definição, quem negasse a infalibilidade pontifícia cometeria grave desobediência à Igreja, e se fosse obstinado em seu erro, ele não pertenceria mais à Igreja de Jesus Cristo, e nós deveríamos evitá-lo como herege. “Quem não escuta a Igreja,” diz o Evangelho, “seja para ti como um pagão e um publicano,” isto é, seja excomungado.

CAPÍTULO XI. Jesus prediz a São Pedro a morte de cruz. — Promete assistência à Igreja até o fim do mundo. — Retorno dos Apóstolos ao cenáculo. *Ano 33 de Jesus Cristo*.

Depois que São Pedro compreendeu que as repetidas perguntas do Salvador não eram um presságio de queda, mas eram a confirmação da alta autoridade que lhe havia sido prometida, ele se consolou. E como Jesus sabia que Pedro queria muito glorificar seu divino Mestre, quis predizer-lhe o tipo de suplício com o qual terminaria sua vida.

Portanto, imediatamente após as três declarações de amor que lhe fizera, começou a falar-lhe assim: “Em verdade, em verdade, te digo, quando eras mais jovem, te vestias por ti mesmo e ias aonde querias; mas quando fores velho, outro, isto é, o carrasco, te cingirá, ou seja, te amarrará, e estenderás as mãos, e ele te levará para onde não queres.” Com essas palavras, diz o Evangelho, vinha a significar com qual morte Pedro glorificaria a Deus, isto é, sendo amarrado a uma cruz e coroado de martírio. Pedro, vendo que Jesus lhe dava uma autoridade suprema e a ele somente previa o martírio, mostrou-se ansioso para perguntar o que seria de seu amigo João e disse: “E deste, o que será?” Ao que Jesus respondeu: “Que te importa a ti este? Se eu quiser que ele permaneça até a minha vinda, a ti que importa? Tu faze o que te digo e segue-me.” Então Pedro adorou os decretos do Salvador e não ousou fazer mais perguntas a esse respeito.

Jesus Cristo apareceu muitas vezes a São Pedro e aos outros Apóstolos; e um dia se manifestou sobre um monte onde estavam presentes mais de 500 discípulos. Em outra ocasião, depois de lhes dar a conhecer o supremo e absoluto poder que ele tinha no céu e na terra, conferiu a São Pedro e a todos os Apóstolos a faculdade de perdoar os pecados, dizendo: “Como o meu Pai me enviou, assim eu vos envio. Recebei o Espírito Santo: serão perdoados os pecados a quem os perdoardes, e serão retidos a quem os retiverdes. *Quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; quorum retinueritis, retenta sunt*. Ide, pregai o Evangelho a todas as criaturas; ensinai-as e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Quem crer e receber o batismo será salvo, quem não crer será condenado. Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, que no presente não podeis compreender. Mas o Espírito Santo, que enviarei sobre vós dentro de poucos dias, vos ensinará todas as coisas. Não vos deixeis abater. Vós sereis levados diante dos tribunais, diante dos magistrados e dos mesmos reis. Não vos preocupeis com o que deveis responder; o Espírito da verdade, que o Pai celeste vos enviará em meu nome, vos porá as palavras na boca e vos sugerirá todas as coisas. Tu, porém, Pedro, e todos vós, meus Apóstolos, não penseis que vos deixo órfãos; não, eu estarei convosco todos os dias até o fim dos séculos: *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem saeculi.*”

Disse ainda muitas coisas aos seus Apóstolos; depois, no quadragésimo dia após sua ressurreição, recomendando-lhes que não partissem de Jerusalém até a

vinda do Espírito Santo, os conduziu ao monte das Oliveiras. Lá os abençoou e começou a se elevar. Nesse momento apareceu uma nuvem resplandecente que o cercou e o retirou aos seus olhares.

Os Apóstolos ainda estavam com os olhos voltados para o céu, como quem é arrebatado em doce êxtase, quando dois Anjos em formas humanas, magnificamente vestidos, se aproximaram e disseram: “Homens da Galileia, por que estais aqui olhando para o céu? Esse Jesus, que agora se afastou de vós e subiu ao céu, voltará da mesma maneira como o vistes subir.” Dito isso, desapareceram; e aquela devota comitiva partiu do monte das Oliveiras e retornou a Jerusalém para esperar a vinda do Espírito Santo, conforme a ordem do divino Salvador.

CAPÍTULO XII. São Pedro substitui Judas. — Vinda do Espírito Santo. — Milagre das línguas. *Ano 33 de Jesus Cristo*.

Até agora consideramos Pedro apenas em sua vida privada; mas em breve o veremos percorrer uma carreira muito mais gloriosa, depois que receber os dons do Espírito Santo. Agora observemos como ele começou a exercer a autoridade de Sumo Pontífice, da qual havia sido investido por Jesus Cristo.

Após a ascensão do divino Mestre, São Pedro, os Apóstolos e muitos outros discípulos se retiraram ao cenáculo, que era uma habitação situada na parte mais elevada de Jerusalém, chamada monte Sião. Aqui, em número de cerca de 120 pessoas, com Maria Mãe de Jesus, passavam os dias em oração, aguardando a vinda do Espírito Santo.

Um dia, enquanto estavam envolvidos nas funções sagradas, Pedro levantou-se no meio deles e, pedindo silêncio com a mão, disse: “Irmãos, é necessário que se cumpra o que o Espírito Santo predisse pela boca do profeta Davi sobre Judas, que foi guia daqueles que prenderam o Divino Mestre. Ele, assim como vós, foi eleito para o mesmo ministério; mas prevaricou, e com o preço de suas iniquidades comprou um campo; e ele se enforcou, e se rasgando pelo meio, derramou as vísceras sobre a terra. O fato se tornou público a todos os habitantes de Jerusalém, e aquele campo recebeu o nome de Acéldama, isto é, campo de sangue. Ora, dele foi escrito no livro dos Salmos: ‘Que sua morada se torne deserta, e que não haja quem habite nela; e, em lugar dele, outro lhe suceda no episcopado[15].’ Portanto, é necessário que entre aqueles que estiveram conosco durante todo o tempo em que Jesus Cristo habitou conosco, começando pelo batismo de João até aquele dia em que, partindo de nós, subiu ao céu, é necessário que entre estes se escolha um, que seja conosco testemunha de sua ressurreição para a obra a que somos enviados.”

Às palavras de Pedro todos silenciaram, pois todos o consideravam como

chefe da Igreja e eleito por Jesus Cristo para fazer suas vezes na terra. Portanto, foram apresentados dois, a saber, José, chamado também Barsabás (que tinha por sobrenome Justo), e Matias. Reconhecendo em ambos igual mérito e igual virtude, os sagrados eleitores entregaram a escolha a Deus. Prostrados, então, começaram a orar assim: “Senhor, tu que conheces o coração de todos, mostra-nos qual dos dois escolheste para ocupar o lugar de Judas, o prevaricador.” Nesse caso, foi julgado bem usar com a oração também a sorte para conhecer a vontade de Deus. Atualmente a Igreja não mais utiliza esse meio, tendo muitas outras maneiras de reconhecer aqueles que são chamados ao ministério do altar. Lançaram, portanto, a sorte e esta caiu sobre Matias, que foi contado com os outros onze Apóstolos, e assim preencheu o décimo segundo lugar que havia permanecido vago.

Este é o primeiro ato de autoridade Pontifícia que São Pedro exerceu; autoridade não apenas de honra, mas de jurisdição, como exerceram em todo tempo os Papas, seus sucessores.

Consideramos em Pedro uma fé viva, humildade profunda, obediência pronta, caridade fervente e generosa; mas essas belas qualidades ainda estavam bem longe de colocá-lo em condições de exercer o alto ministério a que estava destinado. Ele deveria vencer a obstinação dos Judeus, destruir a idolatria, converter homens entregues a todos os vícios, e estabelecer em toda a terra a fé num Deus Crucificado. O conferimento dessa força, da qual Pedro necessitava para uma tão grande empreitada, estava reservado a uma graça especial a ser infundida por meio dos dons do Espírito Santo, que deveria descer sobre ele, para iluminar-lhe a mente e inflamar-lhe o coração com um prodígio inaudito.

Esse acontecimento miraculoso é relatado nos Livros Sagrados da seguinte forma: era o dia de Pentecostes, isto é, o quinquagésimo após a ressurreição de Jesus Cristo, o décimo desde que Pedro estava no cenáculo em oração com os outros discípulos, quando de repente, à terceira hora, cerca das nove da manhã, ouviu-se no monte Sião um grande estrondo semelhante ao barulho do trovão acompanhado de um vento forte. Esse vento investiu na casa onde estavam os discípulos, que ficou cheia por todos os lados. Enquanto cada um refletia sobre a causa daquele estrondo, apareceram chamas que, a modo de línguas de fogo, iam pousar sobre a cabeça de cada um dos presentes. Eram aquelas chamas símbolo da coragem e da caridade inflamada com que os Apóstolos dariam início à pregação do Evangelho.

Nesse momento, Pedro tornou-se um homem novo; encontrou-se iluminado a tal ponto que conhecia os mais altos mistérios, e experimentou em si mesmo uma coragem e uma força tais que as maiores empreitadas lhe pareciam nada.

Naquele dia os Judeus celebravam uma grande festa em Jerusalém, e muitos

haviam acorrido de várias partes do mundo. Alguns deles falavam latim, outros grego, outros egípcio, árabe, sírio, outros ainda persa e assim por diante.

Ora, ao ruído do vento forte, acorreu ao redor do cenáculo uma grande multidão daquela gente de tantas línguas e nações, para saber o que havia acontecido. Ao ver isso, os Apóstolos saem e se aproximam deles para falar.

E aqui começou a operar-se um milagre nunca ouvido; de fato, os Apóstolos, humanamente rudes, de modo que mal sabiam a língua do país, começaram a falar das grandezas de Deus nas línguas de todos aqueles que haviam acorrido. Um tal fato encheu de grande espanto os ouvintes, que, não sabendo como se explicar, iam dizendo uns aos outros: “O que será isso?”

CAPÍTULO XIII. Primeira pregação de Pedro. *Ano 33 de Jesus Cristo*.

Enquanto a maior parte admirava a intervenção da potência divina, não faltaram alguns malignos que, acostumados a desprezar tudo que é santo, não sabendo mais o que dizer, iam chamando os Apóstolos de bêbados. Realmente uma tolice ridícula; pois a embriaguez não faz falar a língua desconhecida, mas faz esquecer ou maltratar a própria língua. Foi então que São Pedro, cheio de santo ardor, começou a pregar pela primeira vez Jesus Cristo.

Em nome de todos os outros Apóstolos, ele se adianta perante a multidão, levanta a mão, pede silêncio e começa a falar assim: “Homens Judeus e vós todos que habitais em Jerusalém, abri os ouvidos às minhas palavras e sereis iluminados sobre este fato. Estes homens não estão de modo algum embriagados como pensais, porque estamos apenas à terceira hora da manhã, em que costumamos estar em jejum. Bem outra é a causa do que vedes. Hoje se cumpriu em nós a profecia do profeta Joel, que disse assim: ‘Acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei o meu Espírito sobre os homens; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos. Aliás, naqueles dias derramarei o meu espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e se tornarão profetas, e farei prodígios no céu e na terra. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.’

Pedro continuou: “Agora, ouvi, ó filhos de Jacó: aquele Senhor, em cujo nome quem crer será salvo, é o mesmo Jesus Nazareno, aquele grande homem a quem Deus dava testemunho com uma multidão de milagres que operou, como vós mesmos haveis visto. Vós fizestes morrer aquele homem pela mão dos ímpios e assim, sem saber, servistes aos decretos de Deus, que queria salvar o mundo com sua morte. Deus, por outro lado, o ressuscitou da morte, como havia predito o profeta Davi com estas palavras: ‘Tu não me deixarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo prove a corrupção.’

E Pedro acrescentou: “Notai, ó Judeus, que Davi não pretendia falar de si, porque vós bem sabeis que ele morreu e seu sepulcro permanece entre nós até o dia de hoje; mas sendo profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que da sua descendência nasceria o Messias, profetizou também sua ressurreição, dizendo que ele não seria deixado no sepulcro e que seu corpo não provaria a corrupção. Este, portanto, é Jesus Nazareno, que Deus ressuscitou da morte, do qual somos testemunhas. Sim, nós o vimos voltar à vida, o tocamos e comemos com ele.

“Ele, portanto, tendo sido elevado ao céu pela virtude do Pai e tendo recebido dele a autoridade de enviar o Espírito Santo, segundo sua promessa, pouco antes enviou sobre nós este divino Espírito, de cuja virtude vedes em nós uma prova tão manifesta. Que, por sua vez, Jesus subiu ao céu, diz o próprio Davi com estas palavras: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.’ Agora vós bem sabeis que Davi não subiu ao céu para reinar. É Jesus Cristo que subiu ao céu: a ele, portanto, e não a Davi, foram apropriadas aquelas palavras. Saiba, portanto, todo o povo de Israel que aquele Jesus que vós crucificastes foi por Deus constituído Senhor de todas as coisas, rei e Salvador do seu povo, e ninguém pode salvar-se sem ter fé nele.”

Esta pregação de Pedro deveria ter acirrado os ânimos de seus ouvintes, a quem recriminava o enorme delito cometido contra a pessoa do divino Salvador. Mas era Deus que falava pela boca de seu ministro, e por isso a pregação dele produziu efeitos maravilhosos. Portanto, agitados como por um fogo interno, efeito da graça de Deus, de todas as partes iam exclamando com coração verdadeiramente contrito: “O que devemos fazer?” São Pedro, observando que a graça do Senhor operava em seus corações e que já eles criam em Jesus Cristo, disse-lhes: “Fazei penitência e cada um, em nome de Jesus Cristo, receba o batismo; assim obterão a remissão dos pecados e receberão o Espírito Santo.”

O Apóstolo continuou a instruir aquela multidão, animando todos a confiar na misericórdia e bondade de Deus, que deseja a salvação dos homens. O fruto dessa primeira pregação correspondeu à ardente caridade do pregador. Cerca de 3.000 pessoas se converteram à fé em Jesus Cristo e foram batizadas pelos Apóstolos. Assim começavam a se cumprir as palavras do Salvador quando disse a Pedro que, doravante, não seria mais pescador de peixes, mas pescador de homens. Santo Agostinho assegura que Santo Estêvão, protomártir, foi convertido nesta pregação.

CAPÍTULO XIV. São Pedro cura um coxo. — Sua segunda pregação. *Ano 33 de Jesus*

*Cristo*.

Pouco depois dessa pregação, à nona hora, ou seja, às três da tarde, Pedro e seu amigo João, como forma de agradecer a Deus pelos benefícios recebidos, iam juntos ao templo para orar. Ao chegarem a uma porta do templo chamada “Formosa” ou “Bela”, encontraram um homem coxo de ambos os pés desde o nascimento. Não conseguindo se sustentar, ele estava ali sendo carregado para viver pedindo esmolas àqueles que iam ao lugar santo. Aquele infeliz, ao ver os dois Apóstolos próximos a ele, pediu-lhes caridade, como fazia com todos. Pedro, assim inspirado por Deus, olhando-o fixamente, disse-lhe: “Olha para nós.” Ele olhava, e, na esperança de receber algo, não piscava os olhos. Então Pedro falou: “Escute, bom homem, eu não tenho nem ouro nem prata para te dar; mas o que tenho te dou. Em nome de Jesus Nazareno, levanta-te e anda.” Então o pegou pela mão a fim de levantá-lo, como em casos semelhantes tinha visto o divino Mestre fazer. Naquele momento, o coxo sentiu suas pernas se fortalecerem, seus nervos se robusteceram e adquiriu forças como qualquer outro homem mais saudável. Sentindo-se curado, deu um salto, começou a andar e, pulando de alegria e louvando a Deus, entrou com os dois Apóstolos no templo. Todo o povo, que tinha sido testemunha do fato e via o coxo andar por si mesmo, não pôde deixar de reconhecer naquela cura um verdadeiro milagre. A linguagem dos fatos é mais eficaz do que a das palavras. Portanto, a multidão, tendo sabido que foi São Pedro quem devolveu a saúde àquele infeliz, em grande número se apertou ao redor dele e de João, desejando todos admirar com seus próprios olhos quem sabia fazer obras tão maravilhosas.

Este é o primeiro milagre que, após a Ascensão de Jesus Cristo, foi realizado pelos Apóstolos, e era conveniente que o fizesse Pedro, pois ele tinha entre todos a primeira dignidade na Igreja. Mas Pedro, ao ver-se cercado por tanta gente, considerou uma bela oportunidade de dar a Deus a glória devida e glorificar ao mesmo tempo Jesus Cristo, em cujo nome tinha sido realizado o prodígio.

“Filhos de Israel,” disse-lhes, “por que vos maravilhais tanto com este fato? Por que fixais tanto os olhos em nós, como se por nossa virtude tivéssemos feito andar este homem? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou seu Filho Jesus, aquele Jesus que vós traístes e negastes diante de Pilatos, quando ele julgava libertá-lo como inocente. Vós, portanto, tivestes a ousadia de negar o Santo e o Justo, e pedistes que Barrabás, ladrão e assassino, fosse libertado da morte, e renegando o Justo, o Santo e o autor da vida, o fizestes morrer. Mas Deus o ressuscitou da morte, e nós somos testemunhas, pois o vimos várias vezes, o tocamos e comemos com ele. Agora, em virtude de seu nome, pela fé que vem dele, foi curado este coxo que vedes e conheceis; foi Jesus que lhe devolveu a

perfeita saúde diante de todos vós. Agora eu sei bem que vosso crime e o de vossos chefes, embora não tenhais desculpa suficiente, foi cometido por ignorância. Mas Deus, que fez predizer por seus profetas que o Messias deveria sofrer tais coisas, permitiu que verificásseis isso sem querer, de modo que o decreto da misericórdia de Deus teve seu cumprimento. Portanto, voltai-vos para vós mesmos e fazei penitência, para que vossos pecados sejam cancelados e assim possais vos apresentar com segurança da salvação diante do tribunal deste mesmo Jesus Cristo que eu vos preguei, e pelo qual todos devemos ser julgados."

Pedro prosseguiu: "Essas coisas foram preditas por Deus; portanto, crede em seus profetas e entre todos crede em Moisés, que é o maior deles. O que ele diz? «O Senhor,» diz Moisés, «fará surgir um profeta como eu, e a ele vós crereis em tudo o que ele vos disser. Quem não ouvir o que diz este profeta será exterminado do seu povo.»"

"Isso dizia Moisés e falava de Jesus. Depois de Moisés, começando por Samuel, todos os profetas que vieram previram este dia e as coisas que aconteceram. Tais coisas e as grandes bênçãos que são preditas vos pertencem. Vós sois os filhos dos profetas, das promessas e das alianças que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão, que é o tronco da descendência dos justos: 'Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as gerações do mundo.' Ele falava do Redentor, daquele Jesus, Filho de Deus, descendente de Abraão; aquele Jesus que Deus ressuscitou da morte e que nos manda a pregar sua palavra a vós antes de pregá-la a qualquer outro povo, trazendo-vos a bênção prometida, para que vos convertais de vossos pecados e tenhais a vida eterna."

A esta segunda pregação de São Pedro seguiram-se inúmeras conversões à fé. Cinco mil homens pediram o batismo, de modo que o número dos convertidos em apenas duas pregações já ascendia a oito mil pessoas, sem contar as mulheres e as crianças.

## CAPÍTULO XV. Pedro é preso com João e, depois, libertado.

O inimigo da humanidade, que via seu reino se destruindo, tentou suscitar uma perseguição contra a Igreja em seu início. Enquanto Pedro pregava, chegaram os sacerdotes, os magistrados do templo e os saduceus, que negavam a ressurreição dos mortos. Eles se mostravam extremamente enfurecidos porque Pedro pregava ao povo a ressurreição de Jesus Cristo.

Impacientes e cheios de cólera interromperam a pregação de Pedro, colocaram as mãos sobre ele e o conduziram junto com João para a prisão, com a intenção de discutir com um e com outro no dia seguinte. Mas temendo os protestos do povo, não lhes fizeram nenhum mal.

Amanhecido o dia, reuniram-se todos os principais da cidade; ou seja, o sinédrio da nação se reuniu em concílio para julgar os dois Apóstolos, como se fossem os mais ímpios e os mais temíveis homens do mundo. No meio daquela imponente assembleia foram introduzidos Pedro e João, e com eles o coxo que haviam curado.

Foi, portanto, feita solenemente esta pergunta: “Com qual poder e em nome de quem vocês curaram este coxo?” Então Pedro, cheio do Espírito Santo, com uma coragem verdadeiramente digna do chefe da Igreja, começou a falar da seguinte maneira:

“Príncipes do povo, e vós doutores da lei, ouvi. Se neste dia somos acusados e se forma um processo por uma obra bem feita, que é a cura deste enfermo, sabei todos, e que todo o povo de Israel saiba, que este homem, que vedes aqui diante de vós são e salvo, obteve a saúde em nome do Senhor Jesus Nazareno; aquele mesmo que vós crucificastes e que Deus fez ressuscitar da morte para a vida. Esta é a pedra da construção que foi rejeitada por vós e que agora se tornou a Pedra angular. Ninguém pode ter salvação senão nele, nem há outro nome sob o céu dado aos homens fora deste, no qual se possa ter salvação.”

Esta fala franca e resoluta do príncipe dos Apóstolos produziu profunda impressão na alma de todos aqueles que compunham a assembleia, de modo que, admirando a coragem e a inocência de Pedro, não sabiam a que partido se apegar. Queriam puni-los, mas o grande crédito que o milagre realizado pouco antes lhes havia dado em toda a cidade fazia temer tristes consequências.

No entanto, querendo tomar alguma resolução, fizeram sair os dois Apóstolos do lugar do concílio e concordaram em proibir-lhes, sob penas severíssimas, de nunca mais falarem no futuro das coisas passadas, nem nunca mais nomearem Jesus Nazareno, para que até mesmo a memória dele se perdesse. Mas está escrito que são inúteis os esforços dos homens quando são contrários à vontade de Deus.

Portanto, reconduzidos os dois Apóstolos ao meio do concílio, ao ouvirem intimar aquela severa ameaça, longe de se espantarem, com firmeza e constância maior do que antes, Pedro respondeu:

“Agora, decidi vós mesmos se a justiça e a razão permitem obedecer mais a vós do que a Deus. Nós não podemos deixar de manifestar o que temos ouvido e visto.”

Então aqueles juízes, cada vez mais confusos, não sabendo nem o que responder nem o que fazer, tomaram a resolução de mandá-los por esta vez impunes, proibindo-lhes apenas de pregar mais a Jesus Nazareno.

Assim que foram deixados livres, Pedro e João foram imediatamente

encontrar os outros discípulos, que estavam em grande inquietação por sua prisão. Quando então ouviram o relato do que havia acontecido, cada um agradeceu a Deus, pedindo-lhe que quisesse dar força e virtude para pregar a divina palavra diante de qualquer perigo.

Se os cristãos dos dias de hoje tivessem todos a coragem dos fiéis dos primeiros tempos e, superando todo respeito humano, professassem intrépidos sua fé, certamente não se veria tanto desprezo pela nossa santa religião, e talvez muitos que tentam zombar da religião e dos sagrados ministros seriam forçados a venerá-la junto com seus ministros.

CAPÍTULO XVI. Vida dos primeiros Cristãos. — O caso de Ananias e Safira. — Milagres de São Pedro. *Ano 34 de Jesus Cristo*.

Pelas pregações de São Pedro e pelo zelo dos outros Apóstolos, o número dos fiéis cresceu grandemente.

Nos dias estabelecidos, reuniam-se juntos para as funções sagradas. E a Sagrada Escritura diz precisamente que aqueles fiéis eram perseverantes na oração, em ouvir a palavra de Deus e em receber com frequência a santa comunhão, de modo que entre todos formavam um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus Criador.

Muitos, então, pelo desejo de desligar inteiramente o coração dos bens da terra e pensar unicamente no céu, vendiam suas propriedades e as traziam aos pés dos Apóstolos, para que fizessem o uso que melhor acreditassem em favor dos pobres. A Sagrada Escritura faz um especial elogio de certo José, apelidado Barnabé, que foi depois fiel companheiro de São Paulo Apóstolo. Este vendeu um campo que possuía e trouxe generosamente o preço inteiro aos Apóstolos. Muitos, seguindo seu exemplo, competiam para dar sinal de seu desapego das coisas terrenas, de modo que em breve aqueles fiéis formavam uma só família, da qual Pedro era o chefe visível. Entre eles não havia pobres, porque os ricos compartilhavam suas propriedades com os necessitados.

No entanto, mesmo nesses tempos felizes houve fraudulentos, que, guiados por espírito de hipocrisia, tentaram enganar São Pedro e mentir ao Espírito Santo. O que teve as mais funestas consequências. Eis como o sagrado texto nos expõe o terrível acontecimento.

Certo Ananias com sua esposa Safira fizeram a Deus a promessa de vender uma propriedade sua e, assim como os outros fiéis, levar o preço aos Apóstolos para que o distribuíssem conforme as diversas necessidades. Eles cumpriram pontualmente a primeira parte da promessa, mas o amor ao ouro os levou a violar a segunda.

Eles podiam manter o campo ou o preço da venda. Mas feita a promessa, estavam obrigados a mantê-la, pois as coisas que se consagram a Deus ou à Igreja tornam-se sagradas e invioláveis.

De acordo, portanto, entre si, retiveram para si uma parte do preço e trouxeram a outra a São Pedro com a intenção de fazê-lo crer que esta era a soma total obtida pela venda. Pedro teve especial revelação do engano e, assim que Ananias apareceu diante dele, sem lhe dar tempo de proferir palavra, com tom autoritário e grave começou a reprová-lo assim: “Por que você se deixou seduzir pelo espírito de Satanás até mentir ao Espírito Santo, retendo uma porção do preço daquele seu campo? Não estava ele em seu poder antes de vendê-lo? E depois de tê-lo vendido, não estava à sua disposição toda a soma obtida? Por que, portanto, você concebeu este malvado plano? Você deve, portanto, saber que não mentiu aos homens, mas a Deus.” Àquele tom de voz, àquelas palavras, Ananias, como atingido por um relâmpago, caiu morto instantaneamente.

Assim que se passaram três horas, Safira também veio apresentar-se a Pedro, sem saber nada do lutuoso fim do marido. O Apóstolo usou maior compaixão para com ela e quis dar-lhe espaço para penitência interrogando-a se aquela soma era o inteiro produto da venda daquele campo. A mulher, com intrepidez e temeridade igual à de Ananias, com outra mentira confirmou a mentira de seu marido. Portanto, sendo repreendida por São Pedro com o mesmo zelo e com a mesma força, caiu também ela instantaneamente e expirou. É bom esperar que um castigo tão terrível tenha contribuído para poupá-los do castigo eterno na outra vida. Uma pena tão exemplar era necessária para insinuar veneração pelo cristianismo a todos aqueles que abraçavam a fé e procurar respeito ao príncipe dos Apóstolos, assim como para dar um exemplo da maneira terrível com que Deus pune o perjúrio e ao mesmo tempo nos ensinar a sermos fiéis às promessas feitas a Deus.

Este fato, juntamente com os muitos milagres que Pedro operava, fez com que se dobrasse o fervor entre os fiéis e se expandisse a fama de suas virtudes.

Todos os Apóstolos operavam milagres. Um doente que tivesse estado em contato com algum dos Apóstolos era imediatamente curado. São Pedro, então, se destacava acima de todos os outros. Era tal a confiança que todos tinham nele e em suas virtudes, que de todas as partes, até de países distantes, vinham a Jerusalém para serem espectadores de seus milagres. Às vezes acontecia que ele estava cercado por tal quantidade de coxos e por tantos doentes que não era mais possível se aproximar dele. Portanto, levavam os enfermos em macas para as praças públicas e para as ruas, de modo que São Pedro, passando por ali, ao menos a sombra de seu corpo chegasse a tocá-los: o que era suficiente para curar todo tipo

de enfermidade. Santo Agostinho assegura que um morto, sobre o qual passou a sombra de Pedro, imediatamente ressuscitou.

Os Santos Padres reconhecem neste fato o cumprimento da promessa do Redentor a seus Apóstolos, dizendo que eles operariam milagres ainda maiores do que aqueles que ele mesmo considerou oportuno realizar durante sua vida mortal[16].

CAPÍTULO XVII. São Pedro novamente preso. — É libertado por um anjo. *Ano 34 de Jesus Cristo*.

A Igreja de Jesus Cristo adquiria novos fiéis a cada dia. A multidão de milagres unida à vida santa daqueles primeiros cristãos fazia com que pessoas de todas as classes, idades e condições corressem em massa para pedir o Batismo e assim assegurar sua eterna salvação. Mas o príncipe dos sacerdotes e os saduceus se consumiam de raiva e ciúmes; e não sabendo qual meio usar para impedir a propagação do Evangelho, prenderam Pedro e os outros Apóstolos e os fecharam na prisão. Mas Deus, para demonstrar mais uma vez que são vãos os projetos dos homens quando contrários aos desígnios do Céu, e que Ele pode fazer o que quer e quando quer, enviou naquela mesma noite um anjo que, abrindo as portas da prisão, os tirou de lá, dizendo-lhes: “Em nome de Deus, vão e preguem com segurança no templo, na presença do povo, as palavras de vida eterna. Não temam nem as ordens nem as ameaças dos homens.”

Os Apóstolos, vendo-se assim prodigiosamente favorecidos e defendidos por Deus, conforme a ordem recebida, de manhã cedo foram ao templo pregar e ensinar o povo. O príncipe dos sacerdotes, que desejava castigar severamente os Apóstolos, para dar solenidade ao processo, convocou o Sinédrio, os anciãos, os escribas e todos aqueles que tinham alguma autoridade sobre o povo. Então mandou buscar os Apóstolos para que fossem trazidos da prisão.

Os ministros, ou seja, os capangas, obedeceram às ordens dadas. Foram, abriram a prisão, entraram e não encontraram alma viva. Retornaram imediatamente à assembleia e, cheios de espanto, anunciaram a coisa assim: “Encontramos a prisão fechada e guardada com toda diligência; os guardas mantinham fielmente seus postos, mas, ao abrirmos, não encontramos ninguém.” Ao ouvir isso, não sabiam mais a que partido se apegar.

Enquanto estavam consultando sobre o que deveriam deliberar, chegou alguém dizendo: “Vocês não sabem? Aqueles homens que vocês prenderam ontem estão agora no templo pregando com mais fervor do que antes.” Então se sentiram mais do que nunca ardendo de raiva contra os Apóstolos; mas o temor de se tornarem inimigos do povo os deteve, pois correriam o risco de serem apedrejados.

O prefeito do templo se ofereceu para resolver ele mesmo tal questão da melhor maneira possível. Foi até onde estavam os pregadores e, com boas maneiras, sem usar qualquer violência, os convidou a virem com ele e os conduziu ao meio da assembleia.

O sumo sacerdote, dirigindo-se a eles, disse: “Faz apenas alguns dias que nós lhes proibimos estritamente de falar sobre esse Jesus Nazareno, e enquanto isso vocês encheram a cidade com essa nova doutrina. Parece que quereis acusar-nos da morte daquele homem e fazer com que todas as pessoas nos odeiem como culpados daquele sangue. Como ousastes agir assim?”

“Achamos que fizemos muito bem,” respondeu Pedro também em nome dos outros Apóstolos, “porque é necessário obedecer a Deus antes do que aos homens. O que pregamos é uma verdade que nos foi colocada na boca por Deus, e não tememos dizê-la a vós nesta veneranda assembleia.” Aqui Pedro repetiu o que já havia dito outras vezes sobre a vida, paixão e morte do Salvador; sempre concluindo que era impossível para eles calarem sobre aquelas coisas que, segundo as ordens recebidas de Deus, deveriam pregar.

Àquelas palavras dos Apóstolos, pronunciadas com tanta firmeza, não tendo o que opor, se consumiam de raiva e já pensavam em fazê-los morrer. Mas foram desencorajados por um certo Gamaliel, que era um dos doutores da lei ali reunidos. Este, considerando bem todas as coisas, fez os Apóstolos saírem por um breve tempo, depois, levantando-se, disse em plena assembleia: “Ó israelitas, prestai bem atenção ao que estais prestes a fazer em relação a esses homens; porque se esta é obra dos homens, cairá por si mesma, como aconteceu com tantos outros; mas se a obra é de Deus, podereis impedi-la e destruí-la, ou quererão se opor a Deus?” Toda a assembleia se aquietou e seguiu seu conselho.

Fazendo então retornar os Apóstolos, primeiro os fizeram açoitar; depois ordenaram que absolutamente não falassem mais sobre Jesus Cristo. Mas eles partiram da assembleia cheios de alegria, porque foram considerados dignos de sofrer algo pelo nome de Jesus Cristo.

CAPÍTULO XVIII. Eleição dos sete diáconos. — São Pedro resiste à perseguição de Jerusalém. — Vai à Samaria. — Seu primeiro confronto com Simão Mago. *Ano 35 de Jesus Cristo*.

A multidão de fiéis que abraçava a fé ocupava tanto o zelo dos Apóstolos, que eles, tendo que se dedicar à pregação da palavra divina, ao ensino dos novos convertidos, à oração, à administração dos sacramentos, não podiam mais se ocupar dos assuntos temporais. Tal coisa causava descontentamento entre alguns cristãos, quase como se na distribuição das ajudas fossem considerados de pouca

importância ou desprezados. Informados disso, São Pedro e os outros Apóstolos resolveram remediar a situação.

Convocaram, portanto, uma numerosa assembleia de fiéis e, fazendo-lhes entender como não deveriam negligenciar as coisas de seu sagrado ministério para se ocuparem dos serviços temporais, propuseram a eleição de sete diáconos, que, conhecidos por seu zelo e virtude, cuidassem da administração de certas coisas sagradas, como a administração do Batismo, da Eucaristia; e ao mesmo tempo cuidassem da distribuição das esmolas e das outras coisas materiais.

Todos aprovaram aquela proposta; então São Pedro e os outros Apóstolos impuseram as mãos aos novos eleitos e os destinaram a seus respectivos ofícios. Com a adição desses sete diáconos, além de terem providenciado às necessidades temporais, também se multiplicaram os operários evangélicos, e, portanto, mais numerosas conversões. Dentre os sete diáconos, foi célebre Santo Estêvão, que por sua intrepidez em sustentar a verdade do Evangelho, foi morto por apedrejamento fora da cidade. Ele é comumente chamado Protomártir, ou seja, o primeiro mártir, que após Jesus Cristo deu a vida pela fé. A morte de Santo Estêvão foi o início de uma grande perseguição suscitada pelos judeus contra todos os seguidores de Jesus Cristo, o que obrigou os fiéis a se dispersarem aqui e ali por várias cidades e em diferentes locais.

Pedro com os outros Apóstolos permaneceu em Jerusalém tanto para confirmar os fiéis na fé, quanto para manter viva relação com aqueles que estavam dispersos em outros lugares. A fim de evitar a fúria dos judeus, ele se mantinha escondido, conhecido apenas pelos seguidores do Evangelho, saindo, no entanto, de sua moradia secreta sempre que visse necessidade. Enquanto isso, um edito do imperador Tibério Augusto em favor dos cristãos e a conversão de São Paulo fizeram cessar a perseguição. E foi então que se conheceu como a providência de Deus não permite nenhum mal sem extrair dele o bem; pois serviu-se da perseguição para difundir o Evangelho em outros lugares, e pode-se dizer que cada fiel era um pregador de Jesus Cristo em todos aqueles vilarejos aonde ia se refugiar. Entre aqueles que foram forçados a fugir de Jerusalém, havia um dos sete diáconos chamado Filipe.

Ele foi à cidade de Samaria, onde com a pregação e com os milagres realizou muitas conversões. Chegou a Jerusalém a notícia de que um número extraordinário de samaritanos havia abraçado à fé. Os Apóstolos resolveram enviar para lá alguns que administrassem o Sacramento da Confirmação e suprissem aqueles que os Diáconos não tinham autoridade para administrar. Foram então designados para essa missão Pedro e João: Pedro para que, como chefe da Igreja, recebesse no seio dela aquela nação estrangeira e unisse os samaritanos aos

judeus; João, então, como amigo especial de São Pedro e ilustre entre os outros por milagres e santidade.

Havia em Samaria um certo Simão de Giton, chamado Mago, ou seja, feiticeiro. Este, à força de falácias e encantamentos, havia enganado muitos, se vangloriando de ser alguém extraordinário. Blasfemando, dizia que ele tinha a grande virtude de Deus. O povo parecia enlouquecido por ele e corria atrás dele aclamando-o como se fosse algo divino. Estando um dia presente à pregação de Filipe, ficou comovido e pediu o Batismo para também operar as maravilhas que geralmente os fiéis operavam após receber este Sacramento.

Chegando lá, Pedro e João começaram a administrar o Sacramento da Confirmação, impondo as mãos como fazem os Bispos de hoje. Simão, vendo que com a imposição das mãos recebiam também o dom das línguas e de fazer milagres, pensou que seria uma grande sorte para ele se pudesse operar as mesmas coisas. Aproximando-se, então, de Pedro, tirou uma bolsa de dinheiro e a ofereceu, pedindo-lhe que também lhe concedesse o poder de fazer milagres e de dar o Espírito Santo àqueles a quem ele impusesse as mãos.

São Pedro, vivamente indignado com tal impiedade, e voltando-se para ele, disse-lhe: “Malvado, fique contigo o teu dinheiro para perdição, pois acreditaste que por dinheiro se podem comprar os dons do Espírito Santo. Apressa-te em fazer penitência por esta tua malvadeza e ora a Deus para que Ele te conceda o perdão.”

Simão, temendo que lhe acontecesse o que havia acontecido a Ananias e Safira, todo apavorado respondeu: “É verdade: orai também vós por mim para que em mim não se verifique tal ameaça.” Essas palavras parecem demonstrar que ele estava arrependido, mas não estava: não pediu aos Apóstolos que implorassem a Deus misericórdia, mas sim que mantivessem longe dele o flagelo. Passado o temor do castigo, ele voltou a ser o que era antes, ou seja, mago, sedutor, amigo do demônio. Nós o veremos em outros confrontos com Pedro.

Os dois Apóstolos Pedro e João, assim que administraram o Sacramento da Confirmação aos novos fiéis da Samaria e os fortaleceram na fé que pouco antes haviam recebido, dando-lhes a saudação de paz, partiram daquela cidade. Passaram por muitos lugares pregando Jesus Cristo, considerando pouca toda fadiga desde que contribuísse para propagar o Evangelho e ganhar almas para o céu.

CAPÍTULO XIX. São Pedro funda a cátedra de Antioquia; retorna a Jerusalém. — É visitado por São Paulo. *Ano 36 de Jesus Cristo*.

São Pedro, retornando da Samaria, permaneceu algum tempo em Jerusalém, depois foi pregar a graça do Senhor em vários locais. Enquanto com zelo

digno do príncipe dos Apóstolos visitava as igrejas que estavam sendo fundadas aqui e ali, soube que Simão Mago da Samaria havia ido a Antioquia para espalhar lá suas imposturas. Ele então resolveu ir a essa cidade para dissipar os erros daquele inimigo de Deus e dos homens. Chegando àquela capital, imediatamente começou a pregar o Evangelho com grande zelo, e conseguiu converter tal número de pessoas à fé, que os fiéis começaram a ser chamados ali de cristãos, ou seja, seguidores de Jesus Cristo.

Entre as personalidades ilustres que se converteram pelas pregações de São Pedro estava Santo Evódio. Na primeira chegada de Pedro, ele o convidou para sua casa, e o santo Apóstolo se afeiçoou a ele, lhe proporcionou a necessária instrução e, vendo-o adornado das necessárias virtudes, o consagrou sacerdote, depois bispo, para que fizesse suas vezes em tempo de sua ausência, e para que lhe sucedesse depois naquela sede episcopal.

Quando Pedro queria dar início à pregação naquela cidade, encontrava grave obstáculo por parte do governador, que era um príncipe de nome Teófilo. Este fez prender o santo Apóstolo como inventor de uma religião contrária à religião do estado. Quis, portanto, discutir sobre as coisas que pregava, e ao ouvi-lo dizer que Jesus Cristo, por amor dos homens, morreu na cruz, disse: “Este é louco, não se deve mais ouvi-lo.” Para que então fosse considerado como tal, por escárnio fez-lhe cortar o cabelo pela metade, deixando-lhe um círculo ao redor da cabeça como uma coroa. O que então foi feito por desprezo, agora os eclesiásticos usam por honra, e se chama tonsura, que lembra a coroa de espinhos colocada sobre a cabeça do Divino Salvador.

Quando Pedro se viu tratado daquela maneira, pediu ao governador que se dignasse ouvi-lo mais uma vez. Sendo-lhe concedido isso, Pedro lhe disse: “Tu, ó Teófilo, te escandalizas por ter-me ouvido dizer que o Deus que eu adoro morreu na cruz. Já te havia dito que Ele se fez homem, e sendo homem não deverias tanto te maravilhar que Ele tenha morrido, pois morrer é próprio do homem. Fica sabendo, por outro lado, que Ele morreu na cruz por sua própria vontade, porque com sua morte queria dar vida a todos os homens, fazendo paz entre seu Eterno Pai e a humanidade. Mas assim como te digo que Ele morreu, assim te asseguro que Ele ressuscitou por virtude própria, tendo antes ressuscitado muitos outros mortos.” Teófilo, ouvindo dizer que havia feito ressuscitar os mortos, se aquietou e, com ar de espanto, acrescentou: “Tu dizes que este teu Deus ressuscitou os mortos; agora, se tu em seu nome fizeres ressuscitar um meu filho, que morreu há alguns dias, eu acreditarei no que me pregas.” O Apóstolo aceitou o convite, foi ao túmulo do jovem e, na presença de muito povo, fez uma oração e em nome de Jesus Cristo o chamou à vida[17]. O que causou que o governador e toda a cidade acreditassem

em Jesus Cristo.

Teófilo tornou-se em breve um fervoroso cristão e, em sinal de estima e veneração por São Pedro, lhe ofereceu sua casa para que ele a usasse da maneira que melhor desejasse. Aquela edificação foi transformada em igreja, onde o povo se reunia para assistir ao divino sacrifício e para ouvir as pregações do santo Apóstolo. A fim de poder ouvi-lo com maior comodidade e proveito, levantaram-lhe ali uma cátedra da qual o santo dava as sagradas lições.

É bom notar aqui que São Pedro por um período de três anos, na medida do possível, residia em Jerusalém como capital da Palestina, onde os judeus podiam mais facilmente se relacionar com ele. No ano trigésimo sexto ano de Jesus Cristo, tanto pela perseguição em Jerusalém, quanto para preparar o caminho à conversão dos gentios, veio estabelecer sua sede em Antioquia: ou seja, estabeleceu a cidade de Antioquia como sua moradia ordinária e como centro de comunhão com as outras Igrejas cristãs.

Pedro governou esta Igreja de Antioquia por sete anos, até que, assim inspirado por Deus, transferiu sua cátedra para Roma, como contaremos a seu tempo. O estabelecimento da Santa Sé em Antioquia é particularmente narrado por Eusébio de Cesareia, por São Jerônimo, por São Leão Magno e por muitos escritores eclesiásticos. A Igreja católica celebra este acontecimento com uma solenidade especial no dia 22 de fevereiro.

Enquanto São Pedro estava em Antioquia, ele foi a Jerusalém, onde recebeu uma visita que certamente lhe trouxe grande consolação. São Paulo, que havia sido convertido à fé por um impressionante milagre, embora tivesse sido instruído por Jesus Cristo e enviado por ele para pregar o Evangelho, quis ir até São Pedro para venerar nele o chefe da Igreja e receber dele os avisos e instruções que fossem oportunos. São Paulo ficou em Jerusalém com o príncipe dos Apóstolos por quinze dias. Esse tempo foi suficiente para ele, pois além das revelações recebidas de Jesus Cristo, havia passado sua vida estudando as santas Escrituras e, após sua conversão, se dedicou incansavelmente à meditação e à pregação da palavra de Deus.

CAPÍTULO XX. São Pedro visita várias Igrejas. — Cura Eneias, o paralítico. — Ressuscita a defunta Tabita. *Ano 38 de Jesus Cristo*.

São Pedro foi encarregado pelo divino Salvador de conservar na fé todos os cristãos; e como muitas Igrejas estavam sendo fundadas aqui e ali pelos Apóstolos, pelos Diáconos e por outros discípulos, assim São Pedro, para manter a unidade da fé e para exercer a autoridade suprema que lhe foi conferida pelo Salvador, enquanto mantinha sua residência habitual em Antioquia, ia visitar pessoalmente as

igrejas que naquele tempo já haviam sido fundadas e estavam sendo fundadas. Em certos lugares, confirmava os fiéis na fé, em outros, consolava aqueles que haviam sofrido na perseguição passada, aqui administrava o sacramento da Crisma, em todo lugar, então, ordenava pastores e bispos, que, após sua partida, continuassem a cuidar das igrejas e do rebanho de Jesus Cristo.

Passando de uma cidade a outra, chegou aos santos que habitavam em Lida, cidade distante cerca de vinte milhas de Jerusalém. Os cristãos dos primeiros tempos, pela vida virtuosa e mortificada que levavam, eram chamados santos, e com esse nome deveriam se chamar os cristãos de hoje que, assim como aqueles, são chamados à santidade.

Ao chegar às portas da cidade de Lida, Pedro encontrou um paralítico chamado Eneias. Este estava paralisado e completamente imóvel nos membros, e há oito anos não se movia de sua cama. Pedro, ao vê-lo, sem ser de modo algum solicitado, dirigindo-se a ele disse: “Eneias, o Senhor Jesus Cristo te curou; levanta-te e arruma a tua cama.” Eneias levantou-se em pé, são e robusto, como se nunca tivesse estado enfermo. Muitos estavam presentes a este milagre, que em breve se divulgou por toda a cidade e na vizinha região chamada Saron. Todos aqueles habitantes, movidos pela bondade divina que de maneira sensível dava sinais de seu poder infinito, creram em Jesus Cristo e entraram no seio da Igreja.

A pouca distância de Lida havia Jope, outra cidade situada às margens do mar Mediterrâneo. Ali morava uma viúva cristã chamada Tabita, a qual, por suas esmolas e por muitas obras de caridade, era universalmente chamada de mãe dos pobres. Aconteceu que, naqueles dias, ela adoeceu e, após breve enfermidade, morreu, deixando em todos a mais viva dor. Segundo o costume daquelas épocas, as mulheres lavaram seu cadáver e o colocaram sobre o terraço para que, a seu tempo, fosse sepultado.

Agora, pela proximidade de Lida, tendo se espalhado em Jope a notícia do milagre operado na cura de Eneias, foram enviados dois homens para pedir a Pedro que quisesse vir ver a falecida Tabita. Ao saber da morte daquela virtuosa discípula de Jesus Cristo e do desejo dos cristãos que ele fosse lá para ressuscitá-la, Pedro partiu imediatamente com eles. Ao chegar a Jope, os discípulos o conduziram ao terraço e, mostrando-lhe o cadáver de Tabita, contaram-lhe as muitas boas obras daquela santa mulher e pediram-lhe que a quisesse ressuscitar.

Os pobres e as viúvas, ao saberem da vinda de Pedro, correram chorando para pedir-lhe que quisesse devolver-lhes a boa mãe. “Veja,” diz uma, “esta roupa foi obra de sua caridade”; “esta túnica, as sandálias daquele menino,” outras acrescentavam, “são todas coisas doadas por ela.” Ao ver tanta gente chorando, tantas obras de caridade sendo contadas, Pedro ficou comovido. Levantou-se e,

voltando-se para o cadáver, disse: “Tabita, eu te ordeno em nome de Deus, levanta-te.” Tabita, naquele instante, abriu os olhos e, ao ver Pedro, sentou-se e começou a falar com ele. Pedro, tomando-a pela mão, a levantou e, chamando os discípulos, devolveu-lhes a mãe tão esperada, sã e salva. Grande foi a alegria que se levantou em toda a casa; de todos os lados choravam de alegria, parecendo àqueles bons cristãos que haviam recuperado um tesouro naquela única mulher, que verdadeiramente era o consolo de todos. Deste fato, os pobres aprendam a ser gratos a quem lhes oferece esmola. Aprendam os ricos o que significa ser piedoso e generoso para com os pobres.

CAPÍTULO XXI. Deus revela a São Pedro a vocação dos Gentios. — Vai a Cesareia e batiza a família do Centurião Cornélio. *Ano 39 de Jesus Cristo*.

Deus havia feito com que seus profetas predissessem várias vezes que, com a vinda do Messias, todas as nações seriam chamadas ao conhecimento do verdadeiro Deus.

O mesmo divino Salvador havia dado ordem expressa aos seus Apóstolos, dizendo: “*Ite, docete omnes gentes*” (ide, ensinai a todas as nações). Os próprios pregadores do Evangelho já haviam recebido alguns não judeus à fé, como haviam feito com o Eunuco da rainha Candace e com Teófilo, governador de Antioquia; mas estes eram casos particulares, e os Apóstolos até então haviam pregado quase exclusivamente o Evangelho aos judeus, aguardando do Senhor um aviso especial da época em que deveriam, sem exceção, receber à fé também os gentios e os pagãos. Tal revelação deveria certamente ser feita a São Pedro, chefe da Igreja. Eis como o texto sagrado expõe este memorável acontecimento.

Em Cesareia, cidade da Palestina, habitava um certo Cornélio, centurião, ou seja, oficial de uma coorte, corpo de 100 soldados, que pertencia à legião itálica, assim chamada porque composta de soldados italianos.

A Sagrada Escritura faz-lhe um elogio, dizendo que ele era um homem religioso e temente a Deus; essas palavras querem dizer que ele era gentil, mas que havia abandonado a idolatria na qual nasceu, adorava o verdadeiro Deus, fazia muitas esmolas e orações, e vivia religiosamente segundo o ditame da reta razão.

Deus, infinitamente misericordioso, que nunca falta, com sua graça, em vir em socorro de quem faz o que pode de sua parte, enviou um anjo a Cornélio para instruí-lo sobre o que deveria fazer. Estava este bom soldado fazendo oração quando viu aparecer diante de si um anjo sob a aparência de um homem vestido de branco. “Cornélio!” disse o anjo. Ele, tomado de medo, fixou nele os olhares, dizendo: “Quem és Tu, Senhor; o que queres?” Então o anjo respondeu: “Deus se lembrou de tuas esmolas; tuas orações chegaram ao seu trono; e, querendo

satisfazer teus desejos, me enviou para te indicar o caminho da salvação. Portanto, manda alguém a Jope e procura um tal Simão, chamado Pedro. Ele habita junto a outro Simão, curtidor de peles, que tem a casa perto do mar. Deste Pedro saberás tudo o que é necessário para te salvar.” Não tardou Cornélio a obedecer à voz do Céu e, chamando a si dois domésticos e um soldado, pessoas todas que temiam a Deus, contou a visão e ordenou que fossem imediatamente a Jope para a finalidade indicada pelo anjo.

Partiram imediatamente e, caminhando toda a noite, chegaram a Jope ao meio-dia do dia seguinte, pois a distância entre essas duas cidades é de cerca de 40 milhas. Pouco antes de chegarem, São Pedro também teve uma maravilhosa revelação, com a qual foi confirmado que também os gentios eram chamados à fé. Cansado de suas fadigas, o santo Apóstolo naquele dia havia ido à casa de seu hóspede para se restaurar e, segundo seu costume, foi primeiro a um quarto situado no andar superior para fazer oração. Enquanto orava, pareceu-lhe ver o céu aberto e do meio descer até a terra um certo utensílio à maneira de um amplo lençol, que, sustentado em suas quatro extremidades, formava como que um grande vaso cheio de toda sorte de animais quadrúpedes, serpentes e aves, todos os quais eram considerados impuros, segundo a lei de Moisés, isto é, não podiam ser comidos nem oferecidos a Deus.

Ao mesmo tempo ouviu uma voz que disse: “Levanta-te, Pedro, mata e come.” Atônito o Apóstolo respondeu a esse comando: “De modo algum comerei animais impuros, dos quais sempre me abstive.” A voz acrescentou: “Não chames impuro o que Deus purificou.” Depois de se ter repetido por três vezes a mesma visão, aquele vaso misterioso se elevou para o céu e desapareceu.

Os Santos Padres reconhecem figurados nesses animais impuros os pecadores e todos aqueles que, enredados no vício e no erro, por meio do sangue de Jesus Cristo são purificados e recebidos em graça.

Enquanto Pedro estava meditando sobre o que poderia significar aquela visão, chegaram os três mensageiros. Naquele momento Deus fez com que o conhecessem e lhe ordenou que descesse para encontrá-los, se juntasse a eles e fosse com eles sem qualquer temor. Descendo, portanto, e vendo-os, disse: “Eis-me aqui, eu sou aquele que buscais. Qual é o motivo da vossa vinda?”

Ouvindo a visão de Cornélio e a razão de sua viagem, compreendeu imediatamente o significado daquele misterioso lençol; por isso os acolheu benignamente e ficaram com ele naquela noite. Na manhã seguinte, acompanhado por seis discípulos, partiu de Jope com os mensageiros e, em número de dez, tomaram o caminho em direção a Cesareia.

Após dois dias, Pedro, com toda a sua comitiva, chegou àquela cidade onde

o centurião o aguardava com grande ansiedade. Este, para honrar ainda mais seu hóspede, convocou seus parentes e amigos, para que também pudessem participar das celestiais bênçãos que, à chegada de Pedro, esperava obter do Céu. Quando o bom centurião, segundo a ordem de Deus, mandou chamar Pedro para entender dele os divinos desígnios, certamente formou uma grande ideia dele, considerando-o uma pessoa sublime e não semelhante aos outros homens. Portanto, ao entrar Pedro em sua casa, ele se aproximou e se lançou aos pés dele em ato de adorá-lo. Pedro, cheio de humildade, imediatamente o levantou, avisando-o de que era, assim como ele, um simples homem. Continuando a falar, entraram no lugar da reunião.

Lá, na presença de todos, Pedro contou a ordem recebida de Deus de conversar com os gentios e de não mais julgá-los como abomináveis e profanos. E concluiu: “Agora estou aqui convosco; dizei-me, portanto, qual é a razão pela qual me chamastes.” Cornélio obedeceu ao convite de Pedro, levantou-se e contou o que lhe havia acontecido quatro dias antes, protestando que ele e todos os presentes estavam prontos para executar tudo o que, por comissão divina, lhes tivesse ordenado. Então Pedro, explicando o caráter de Apóstolo do Senhor, depositário fiel da religião e da fé, começou a instruir toda aquela honrosa assembleia nos principais mistérios do Evangelho.

Pedro continuava seu discurso quando o Espírito Santo desceu visivelmente sobre Cornélio e seus familiares, e de maneira sensível comunicou-lhes o dom das línguas, pelo que começaram glorificar a Deus, cantando seus louvores. São Pedro, vendo operar-se ali quase o mesmo prodígio ocorrido no cenáculo de Jerusalém, exclamou: “Há porventura alguém que possa impedir que nós batizemos estes, que receberam o Espírito Santo assim como nós?” Então, voltando-se para seus discípulos, ordenou que os batizassem a todos. A família de Cornélio foi a primeira de Roma e da Itália a abraçar a fé.

São Pedro, após tê-los batizados a todos, retardou sua partida de Cesareia; ficou algum tempo para satisfazer às piedosas instâncias de Cornélio e de todos aqueles novos batizados que lhe pediam insistentemente. Pedro aproveitou aquele tempo para pregar o Evangelho naquela cidade, e tal foi o fruto que ele resolveu designar um pastor para aquela multidão de fiéis. Este foi São Zaqueu, de quem se fala no Evangelho, o qual, por isso, foi consagrado primeiro bispo de Cesareia[18].

Este fato, ou seja, o ter admitido à fé os gentios, causou certa inveja entre os fiéis de Jerusalém; e não faltaram aqueles que desaprovaram publicamente o que São Pedro havia feito. Por isso, ele considerou bom ir àquela cidade, para esclarecer os iludidos e fazer conhecer que o que havia operado era por ordem de Deus. Chegando a Jerusalém, alguns se apresentaram a ele falando-lhe

ousadamente assim: “Por que foste a homens não circuncidados e comeste com eles?” Pedro, na presença de todos os fiéis reunidos, sem dar atenção àquela interrogação, deu-lhes razão do que havia feito, começando pela visão que teve em Jope, do vaso cheio de toda sorte de animais impuros, da ordem recebida de Deus de se alimentar deles, da repugnância que mostrou em obedecer por temor de contradizer a lei, e da voz que se fez novamente ouvir de não mais chamar impuro o que havia sido purificado por Deus. Então expôs minuciosamente o que havia acontecido na casa de Cornélio e como, na presença de muitos, desceu o Espírito Santo. Então toda aquela assembleia, reconhecendo a voz do Senhor na de Pedro, aquietou-se e louvou a Deus por ter estendido os limites de sua misericórdia.

CAPÍTULO XXII. Herodes manda decapitar São Tiago Maior, e colocar São Pedro na prisão. — Mas é libertado por um Anjo. — Morte de Herodes. *Ano 41 de Jesus Cristo*.

Enquanto a palavra de Deus, pregada com tanto zelo pelos Apóstolos e discípulos, produzia frutos de vida eterna entre os Judeus e os Gentios, a Judeia era governada por Herodes Agripa, sobrinho daquele Herodes que havia ordenado a matança dos inocentes.

Dominado por um espírito de ambição e vaidade, desejava desesperadamente conquistar o afeto do povo. Os Judeus, e especialmente aqueles que tinham alguma autoridade, souberam aproveitar essa sua propensão para incitá-lo a perseguir a Igreja e buscar os aplausos dos perversos Judeus no sangue dos cristãos. Ele começou fazendo prender o Apóstolo São Tiago para depois condená-lo à morte. Este é São Tiago Maior, irmão de São João Evangelista, fiel amigo de Pedro, que teve com ele muitos sinais especiais de benevolência do Salvador.

Este corajoso Apóstolo, após a descida do Espírito Santo, pregou o Evangelho na Judeia; depois (como narra a tradição) foi à Espanha, onde converteu alguns à fé. Retornando à Palestina, entre outros, converteu um certo Hermógenes, homem célebre; o que desagradou muito a Herodes, e serviu de pretexto para fazê-lo prender. Levado diante dos tribunais, demonstrou tanta firmeza ao responder e confessar Jesus Cristo que o juiz ficou maravilhado. O seu próprio acusador, comovido por tanta constância, renunciou ao judaísmo e se declarou publicamente cristão, e como tal também foi condenado à morte. Enquanto ambos eram levados ao suplício, ele se voltou para São Tiago e pediu perdão pelo que havia dito e feito contra ele. O santo Apóstolo, dando-lhe um olhar afetuoso, disse-lhe: “*pax tecum*” (a paz esteja contigo). Então o abraçou e o beijou, protestando que de todo coração o perdoava, e que como irmão o amava. Acredita-se que deste fato se originou o sinal de paz e perdão, que costuma ser usado entre os cristãos e especialmente no

sacrifício da santa Missa. Depois disso, aqueles dois generosos confessores da fé tiveram a cabeça cortada e foram se unir eternamente no Céu. Essa morte entristeceu muito os fiéis, mas alegrou sobremaneira os Judeus, que, com a morte dos chefes da religião, pensavam em pôr fim à própria religião. Herodes, vendo que a morte de São Tiago agradou aos Judeus, pensou em proporcionar-lhes um espetáculo mais agradável, fazendo prender São Pedro, para depois deixá-lo à mercê da fúria cega deles. E como corria a semana dos ázimos, que para os Judeus é tempo de júbilo e preparação para a Páscoa, não quis macular a alegria pública com o suplício de um homem supostamente culpado. Carregado, portanto, de correntes, fez com que fosse conduzido entre dois guardas e ordenou que fosse cuidadosamente guardado dentro de uma obscura prisão até o término daquela solenidade. Deu então ordem rigorosa para que dezesseis soldados fossem colocados em guarda, os quais dia e noite vigiassem alternadamente a custódia da prisão de ferro que se abria para um atalho da cidade. Certamente aquele rei sabia como Pedro já havia sido preso outras vezes e saído de maneira totalmente maravilhosa, e não queria que lhe acontecesse novamente algo semelhante. Mas todas essas precauções, portas de ferro, correntes, guardas e vigias não serviram para outra coisa senão para dar maior destaque à obra de Deus.

Como a arma mais poderosa deixada pelo Salvador aos cristãos é a oração, assim os fiéis, privados de seu pai e pastor comum, se reuniram chorando a prisão de São Pedro e continuamente apresentando orações a Deus, para que o libertasse do iminente perigo. Embora essas suas orações fossem fervorosíssimas, não obstante agradou ao Senhor exercitar por alguns dias a fé e a paciência deles para fazer conhecer ainda mais os efeitos da onipotência divina.

Já era a noite anterior ao dia fixado para a morte de Pedro. Ele estava totalmente resignado às disposições divinas, igualmente preparado para viver ou morrer pela glória de seu Senhor; por isso, na escuridão daquela horrenda prisão, permanecia com a maior tranquilidade de seu ânimo. Pedro dormia, mas por ele vigiava Aquele que prometeu assistir sua Igreja. Era meia-noite e tudo estava em profundo silêncio, quando de repente uma luz resplandecente iluminou toda aquela prisão. E eis que um anjo enviado por Deus sacode Pedro, despertando-o e dizendo: “Apressa-te, levanta-te.” A tais palavras ambas as correntes se soltaram e caíram de suas mãos. Então o anjo continuou: “Veste-te imediatamente e põe o calçado.” São Pedro fez tudo, e o anjo prosseguiu dizendo: “Coloca também a capa sobre os ombros e segue-me.” Pedro obedeceu; mas parecia-lhe que tudo era um sonho e que ele estava fora de si. Enquanto isso, as portas da prisão estavam abertas, e ele saía seguindo o anjo que ia à sua frente. Passadas as primeiras e as segundas guardas, sem que dessem o menor sinal de vê-los, chegaram à porta de ferro de

enorme grossura, que, saindo do edifício das prisões, dava acesso à cidade. Aquela porta se abriu sozinha. Saindo, portanto, caminharam um pouco juntos até que o anjo desapareceu. Então Pedro, refletindo sobre si mesmo, disse: “Agora me dou conta de que o Senhor realmente enviou seu anjo para me libertar das mãos de Herodes e do julgamento que os Judeus esperavam que ele fizesse sobre mim.” Considerando bem o lugar onde estava, foi diretamente à casa de uma certa Maria, mãe de João, chamado Marcos, onde muitos fiéis estavam reunidos em oração suplicando a Deus que se dignasse vir em socorro do chefe de sua Igreja. Chegando São Pedro àquela casa, começou a bater à porta. Uma jovem, de nome Rosa, foi ver quem era. “Quem está aí?” disse ela. E Pedro: “Sou eu, abra.” A jovem, reconhecendo bem a voz, quase fora de si de alegria, não se preocupou mais em abrir a porta e, deixando-o do lado de fora, correu para avisar os donos. “Vocês não sabem? É Pedro.” Mas eles disseram: “Você está delirando, Pedro está na prisão e não pode estar aqui a esta hora.” Mas ela continuava a afirmar que era realmente ele. Eles então acrescentaram: “Aquele que você viu ou ouviu pode ser seu anjo, que em sua forma veio nos dar alguma notícia.” Enquanto esses discutiam com a jovem, Pedro continuava a bater mais forte dizendo: “Ei, abram.” Isso os levou a correr rapidamente para abrir, e perceberam que era realmente Pedro.

Todos pensavam estar sonhando, e cada um supunha estar vendo um morto ressuscitado. Alguns perguntavam quem o havia libertado, outros quando, alguns estavam impacientes para saber se havia ocorrido algum prodígio.

Então Pedro, para satisfazê-los a todos, fez sinal com a mão para que ficassem em silêncio, e contou em ordem o que havia acontecido com o anjo e como o havia libertado da prisão. Todos choravam de ternura e, louvando a Deus, lhe agradeciam pelo favor que lhes havia feito.

Pedro, considerando que sua vida não estava segura em Jerusalém, disse àqueles discípulos: “Ide e relatai essas coisas a Tiago (o Menor, bispo de Jerusalém) e aos outros irmãos, e os livrem da preocupação em que se encontram por minha causa. Quanto a mim, considero oportuno partir desta cidade e ir para outro lugar.”

Quando a notícia se espalhou de que Deus havia assim prodigiosamente libertado o chefe da Igreja, todos os fiéis ficaram vivamente consolados.

A Igreja católica celebra a memória deste glorioso acontecimento em primeiro de agosto sob o título de Festa de São Pedro em Cadeias.

Mas o que aconteceu com Herodes e seus guardas? Quando amanheceu o dia, os guardas que nada tinham ouvido ou visto, foram de manhã verificar a prisão; quando então não encontraram mais Pedro, ficaram tomadas pelo mais profundo espanto. A coisa foi imediatamente relatada a Herodes, que ordenou que procurassem São Pedro, mas não foi possível encontrá-lo. Então, indignado, fez

processar os soldados e os condenou todos à morte, talvez por suspeita de negligência ou infidelidade, tendo encontrado todas as portas da prisão abertas.

Mas o infeliz Herodes não tardou muito a pagar o preço das injustiças e dos tormentos infligidos aos seguidores de Jesus Cristo. Por alguns assuntos políticos ele havia ido de Jerusalém à cidade de Cesareia, e enquanto desfrutava dos aplausos com que o povo loucamente o adulava, chamando-o de Deus, naquele mesmo instante foi ferido por um anjo do Senhor; foi levado para fora da praça e expirou, entre dores indescritíveis, devorado pelos vermes.

Este fato mostra com quanta solicitude Deus vem em auxílio de seus servos fiéis, e dá um terrível aviso aos malignos. Estes devem temer grandemente a mão de Deus, que severamente pune também na vida presente aqueles que desprezam a religião ou as coisas sagradas ou a pessoa de seus ministros.

CAPÍTULO XXIII. Pedro em Roma. — Ele transfere a cátedra apostólica. — Sua primeira carta. — Progresso do Evangelho. *Ano 42 de Jesus Cristo*.

O Apóstolo São Pedro, após ter fugido de Jerusalém, seguindo os impulsos do Espírito Santo, decidiu transferir a Santa Sé para Roma.

Portanto, após ter mantido sua cátedra em Antioquia por sete anos, partiu em direção a Roma. Em sua viagem, pregou Jesus Cristo no Ponto e na Bitínia, que são duas vastas províncias da Ásia Menor. Prosseguindo sua viagem, pregou o santo Evangelho na Sicília e em Nápoles, dando a esta cidade como bispo Santo Aspreno. Finalmente chegou a Roma no ano quarenta e dois de Jesus Cristo, enquanto reinava um imperador de nome Cláudio.

Pedro encontrou aquela cidade num estado verdadeiramente deplorável. Era, diz São Leão, um imenso mar de iniquidade, uma lixeira de todos os vícios, uma selva de bestas frenéticas. As ruas, as praças estavam semeadas de estátuas de bronze e de pedra adoradas como deuses, e diante daqueles horrendos simulacros queimavam incenso e ofereciam sacrifícios. O próprio demônio era honrado com nefandas imundícies; as ações mais vergonhosas eram reputadas atos de virtude. Acrescentem-se as leis que proibiam toda nova religião. Os sacerdotes idólatras e os filósofos eram também graves obstáculos. Além disso, tratava-se de pregar uma religião que desaprovava o culto de todos os deuses, condenava toda sorte de vícios e ordenava as mais sublimes virtudes. Todas essas dificuldades, em vez de deter o zelo do Príncipe dos Apóstolos, lhe acenderam ainda mais o desejo de libertar aquela miserável cidade das trevas da morte. São Pedro, portanto, apoiado apenas na ajuda do Senhor, entrou em Roma para formar da metrópole do império a primeira sede do sacerdócio, o centro do Cristianismo.

Por outro lado, a fama das virtudes e dos milagres de Jesus Cristo já havia

chegado ali. Pilatos havia enviado um relatório ao imperador Tibério, o qual, comovido ao ler a santa vida e a morte do Salvador, decidira incluí-lo entre os deuses romanos. Mas o Senhor do céu e da terra não quis ser confundido com as estúpidas divindades dos pagãos; e dispôs que o senado romano rejeitasse a proposta de Tibério como oposta às leis do império[19].

Pedro começou a pregar o Evangelho aos Judeus que habitavam então em Trastevere, ou seja, em uma parte da cidade de Roma situada do outro lado do Tibre. Da sinagoga dos Judeus passou a pregar aos Gentios, os quais, com verdadeiro entusiasmo, corriam ansiosos para receber o Batismo. O número deles tornou-se tão grande, e a fé deles tão viva, que São Paulo pouco depois teve a consolação de escrever aos romanos estas palavras: “A vossa fé é anunciada”, ou seja, faz-se ouvir, estende sua fama por todo o mundo[20]. Nem somente sobre o povo simples recaíam as bênçãos do céu, mas também sobre pessoas de primeira nobreza. Viam-se homens elevados aos mais altos cargos de Roma abandonando o culto dos falsos deuses para se colocarem sob o suave jugo de Jesus Cristo. Eusébio, bispo de Cesareia, diz que os argumentos de Pedro eram tão robustos e se insinuavam com tanta doçura nos ânimos dos ouvintes, que ele se tornava senhor de seus afetos e todos ficavam como que encantados pelas palavras de vida que saíam de sua boca e não se cansavam de ouvi-lo. Assim grande era o número daqueles que pediam o Batismo, que Pedro, ajudado por outros companheiros, o administrava às margens do Tibre, da mesma forma que São João Batista o havia administrado ao longo do Jordão[21].

Chegando a Roma, Pedro morou no subúrbio chamado Trastevere, a pouca distância do local onde foi então edificada a Igreja de Santa Cecília. Daqui nasceu a especial veneração que os moradores do bairro ainda conservam em relação à pessoa do Sumo Pontífice. Entre os primeiros a receber a fé estava um senador de nome Pudente, que havia ocupado os mais altos cargos do Estado. Ele deu hospitalidade em sua casa ao Príncipe dos Apóstolos, e ele aproveitava para celebrar os divinos Mistérios, administrar aos fiéis a Santa Eucaristia e explicar as verdades da fé àqueles que vinham ouvi-lo. Aquela casa foi logo transformada em um templo consagrado a Deus sob o título do Pastor; é o mais antigo templo cristão de Roma, e acredita-se que seja o mesmo que atualmente é chamado de Santa Pudenciana. Quase simultaneamente foi fundada outra Igreja pelo mesmo Apóstolo, que se crê que seja aquela que hoje se chama São Pedro em Cadeias.

Vendo como Roma estava tão bem disposta a receber a luz do Evangelho, e ao mesmo tempo um lugar muito adequado para manter relações com todos os países do mundo, São Pedro estabeleceu sua cátedra em Roma, ou seja, estabeleceu que Roma fosse o centro e lugar de sua especial morada, para onde as

várias nações cristãs pudessem e devessem recorrer nas dúvidas de religião e em suas várias necessidades espirituais. A Igreja católica celebra a festa do estabelecimento da cátedra de São Pedro em Roma no dia 18 de janeiro.

É preciso aqui lembrar bem que por sede ou cátedra de São Pedro não se entende a cadeira material, mas se entende o exercício daquela suprema autoridade que ele havia recebido de Jesus Cristo, especialmente quando lhe disse que o que ele ligasse ou desligasse sobre a terra, também seria ligado ou desligado no céu. Entende-se o exercício daquela autoridade conferida a ele por Jesus Cristo de pastorear o rebanho universal dos fiéis, sustentar e conservar os outros pastores na unidade de fé e de doutrina como sempre fizeram os sumos pontífices de São Pedro até o atual Leão XIII.

E visto que as ocupações que São Pedro tinha em Roma não lhe permitiam mais visitar as igrejas que em vários países havia fundado, escreveu uma longa e sublime carta dirigida especialmente aos cristãos que habitavam no Ponto, na Galácia, na Bitínia e na Capadócia, que são províncias da Ásia Menor. Ele, como pai amoroso, dirige o discurso aos seus filhos para animá-los a serem constantes na fé que lhes havia pregado e os adverte especialmente para se guardarem dos erros que os hereges, desde aqueles tempos, estavam espalhando contra a doutrina de Jesus Cristo.

Conclui então essa carta com as seguintes palavras: “Vós, ó Anciãos, isto é, bispos e sacerdotes, eu vos conjuro a pastorear o rebanho de Deus, que de vós depende, governando-o não por coação, mas de boa vontade; não por torpe ganância, mas de boa vontade e fazendo-vos modelo do vosso rebanho. Vós, ó jovens, vós todos, ó cristãos, sede sujeitos aos sacerdotes com verdadeira humildade, porque Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes. Sede temperantes e vigiai, porque o demônio, vosso inimigo, como leão que ruge, anda ao redor buscando a quem devorar; mas resisti-lhe corajosamente na fé. Saúdam-vos os cristãos que estão na Babilônia (isto é, em Roma) e saúda-vos de modo especial Marcos, meu filho em Cristo.

A graça do Senhor a todos vós que viveis em Jesus Cristo. Assim seja.[22]”

Os romanos que haviam abraçado com grande fervor a fé pregada por Pedro manifestaram a São Marcos, fiel discípulo do Apóstolo, o vivo desejo de que colocasse por escrito aquilo que Pedro pregava. São Marcos, de fato, havia acompanhado o Príncipe dos Apóstolos em várias viagens e o havia ouvido pregar em muitos lugares. Portanto, a partir do que havia ouvido nas pregações e nas conversas familiares com seu mestre, e de modo todo especial iluminado e inspirado pelo Espírito Santo, estava realmente em condições de satisfazer os piedosos desejos daqueles fiéis. Por isso, dispôs-se a escrever o Evangelho, ou seja,

um relato fiel das ações do Salvador; e é isso que temos hoje sob o nome de Evangelho segundo São Marcos.

São Pedro, de Roma, enviou vários de seus discípulos a diferentes partes da Itália e em muitos países do mundo. Enviou Santo Apolinário a Ravena, São Trófimo à Gália e precisamente à cidade de Arles, de onde o Evangelho se propagou para os outros lugares da França; mandou São Marcos a Alexandria do Egito para fundar em seu nome aquela igreja. Assim, a cidade de Roma, capital de todo o Império Romano, a cidade de Alexandria, que era a primeira depois de Roma, e a de Antioquia, capital de todo o Oriente, tiveram como fundador o Príncipe dos Apóstolos, e tornaram-se, portanto, as três primeiras sedes patriarcais, entre as quais foi por mais séculos repartido o domínio do mundo católico, sempre salvaguardando a dependência dos patriarcas alexandrino e antioqueno ao Pontífice Romano, chefe de toda a Igreja, pastor universal, centro de unidade. Enquanto São Pedro enviava tantos de seus discípulos para pregar em outros lugares o Evangelho, ele em Roma ordenava sacerdotes, consagrava bispos, entre os quais havia escolhido São Zino como vigário para fazer suas vezes nas ocasiões em que algum grave assunto o obrigasse a se afastar daquela cidade.

CAPÍTULO XXIV. São Pedro no concílio de Jerusalém define uma questão. — São Tiago confirma seu julgamento. *Ano 50 de Jesus Cristo*.

Roma era a morada ordinária do Príncipe dos Apóstolos, mas seus cuidados deviam se estender a todos os fiéis cristãos. Portanto, caso surgissem dificuldades ou questões a respeito de assuntos de religião, ele enviava algum de seus discípulos, ou escrevia cartas a respeito e às vezes ia ele mesmo pessoalmente, como de fato fez na ocasião em que em Antioquia surgiu uma questão entre os judeus e os gentios.

Os hebreus acreditavam que, para serem bons cristãos, era necessário receber a circuncisão e observar todas as cerimônias da lei de Moisés. Os gentios se recusavam a se submeter a essa pretensão dos judeus, e a situação chegou a tal ponto que derivava grave dano e escândalo entre os simples fiéis e entre os próprios pregadores do Evangelho. Portanto, São Paulo e São Barnabé julgaram bem recorrer ao julgamento do chefe da Igreja e dos outros Apóstolos, para que com sua autoridade resolvessem toda dúvida.

São Pedro, portanto, foi de Roma a Jerusalém para convocar um concílio geral. Pois se o Senhor prometeu sua assistência ao chefe da Igreja, para que sua fé não falhasse, certamente o assiste também quando estão reunidos com ele os principais pastores da Igreja; tanto mais que Jesus Cristo nos assegurou estar de fato no meio daqueles que, mesmo em número de apenas dois, se reunissem em

seu nome. Chegando, portanto, o Príncipe dos Apóstolos àquela cidade, convidou todos os outros Apóstolos e todos os principais pastores que pôde reunir; então Paulo e Barnabé, acolhidos em concílio, expuseram em plena assembleia sua embaixada em nome dos gentios de Antioquia; mostraram as razões e os temores de uma parte e da outra, pedindo sua deliberação para a quietude e a segurança das consciências. Dizia São Paulo: “Há alguns da seita dos fariseus, os quais acreditaram e afirmam ser necessário que, como os judeus, também os gentios sejam circuncidados e devam observar a lei de Moisés, se quiserem obter a salvação.” Aquela veneranda assembleia começou a examinar este ponto; e após madura discussão sobre a matéria proposta, levantou-se Pedro e começou a falar assim: “Irmãos, bem sabeis como Deus me elegeu para fazer conhecer aos gentios a luz do Evangelho e as verdades da fé, como aconteceu com o centurião Cornélio e com toda a sua família. Agora, Deus que conhece os corações dos homens deu testemunho àqueles bons gentios, enviando sobre eles o Espírito Santo, como havia feito sobre nós, e nenhuma diferença fez entre nós e eles, mostrando que a fé os havia purificado das impurezas que antes os excluíam da graça. Portanto, a coisa é clara: sem circuncisão os gentios são justificados pela fé em Jesus Cristo. Por que, portanto, queremos tentar a Deus, quase provocando-o a nos dar uma prova mais segura de sua vontade? Por que impor a esses nossos irmãos gentios um jugo que com dificuldade nós e nossos pais pudemos suportar? Portanto, nós cremos que pela única graça de nosso Senhor Jesus Cristo, tanto os judeus quanto os gentios, devem ser salvos.”

Após a sentença do Vigário de Jesus Cristo, silenciou-se e aquietou-se toda aquela assembleia. Paulo e Barnabé confirmaram o que havia dito Pedro, contando as conversões e os milagres que Deus se havia dignado operar por meio deles entre os gentios que haviam convertido ao Evangelho.

Quando Paulo e Barnabé terminaram de falar, São Tiago, bispo de Jerusalém, confirmou o julgamento de Pedro, dizendo: “Irmãos, agora prestai atenção também a mim. Bem disse Pedro que desde o princípio Deus concedeu a graça aos gentios, formando um só povo que glorificasse seu santo nome. Agora isso é confirmado pelas palavras dos profetas, as quais vemos nestes fatos se cumprirem. Por isso, eu julgo com Pedro que os gentios não devem ser inquietados depois que se converteram a Jesus Cristo; somente me parece que se deve ordenar a eles que, por respeito à débil consciência dos irmãos judeus e para facilitar a união entre esses dois povos, seja proibido comer coisas sacrificadas aos ídolos, carnes sufocadas, o sangue; e seja também proibida a fornicação.”

Esta última coisa, isto é, a fornicação, não era necessário proibi-la, sendo totalmente contrária aos ditames da razão e proibida pelo sexto artigo do Decálogo.

Foi, entretanto, renovada tal proibição em relação aos gentios, porque no culto a suas falsas divindades pensavam que era coisa lícita, ou até agradável, fazer ofertas de coisas imundas e obscenas.

O julgamento de São Pedro, assim confirmado por São Tiago, agradou a todo o concílio; portanto, de comum acordo determinaram eleger pessoas autorizadas para enviar a Antioquia com Paulo e Barnabé. A estes, em nome do concílio, foram entregues cartas que continham as decisões tomadas. As cartas eram deste teor: “Os Apóstolos e os irmãos sacerdotes aos irmãos gentios que estão em Antioquia, na Síria, na Cilícia, saúde. Tendo nós entendido que alguns vindo daí têm perturbado e angustiado as vossas consciências com ideias arbitrárias, pareceu bem a nós aqui reunidos escolher e enviar a vós Paulo e Barnabé, homens a nós caríssimos, que sacrificaram sua vida e a expuseram ao perigo pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Com eles enviamos Silas e Judas, os quais, entregando-vos nossas cartas, vos confirmarão de viva voz as mesmas verdades. De fato, foi julgado pelo Espírito Santo e por nós não vos impor qualquer outro ônus, exceto aquilo que deveis observar, isto é, de abster-vos das coisas sacrificadas aos ídolos, das carnes sufocadas, do sangue e da fornicação. Fareis bem abstendo-vos destas coisas. Ficai em paz.”

Este foi o primeiro concílio geral ao qual presidiu São Pedro, no qual, como Príncipe dos Apóstolos e chefe da Igreja, definiu a questão com a assistência do Espírito Santo. Assim, todo fiel cristão deve crer que as coisas definidas pelos concílios gerais reunidos e confirmados pelo Sumo Pontífice, Vigário de Jesus Cristo e sucessor de São Pedro, são verdades certíssimas, que dão os mesmos motivos de credibilidade como se saíssem da boca do Espírito Santo, porque eles representam a Igreja com seu chefe, a quem Deus prometeu sua infalibilidade até o fim dos séculos.

## CAPÍTULO XXV. São Pedro confere a São Paulo e a São Barnabé a plenitude do Apostolado. — É advertido por São Paulo. — Retorna a Roma. *Ano 54 de Jesus Cristo*.

Deus já havia feito conhecer mais vezes que queria enviar São Paulo e São Barnabé para pregar aos gentios. Mas até então exerciam seu sagrado ministério como simples sacerdotes, e talvez também como bispos, sem que ainda lhes fosse conferida a plenitude do apostolado. Quando então foram a Jerusalém por causa do concílio e contaram as maravilhas operadas por Deus por meio deles entre os gentios, permaneceram também em especiais conversas com São Pedro, Tiago e João. Contaram, diz o texto sagrado, grandes maravilhas àqueles que ocupavam os primeiros cargos na Igreja, entre os quais estavam certamente os três Apóstolos

nomeados, que se consideravam como as três colunas principais da Igreja. Foi nesta ocasião, diz Santo Agostinho, que São Pedro, como chefe da Igreja, Vigário de Jesus Cristo e divinamente inspirado, conferiu a Paulo e a Barnabé a plenitude do apostolado, com a incumbência de levar a luz do Evangelho aos gentios. Assim, São Paulo foi elevado à dignidade de Apóstolo, com a mesma plenitude de poderes que gozavam os outros Apóstolos estabelecidos por Jesus Cristo.

Enquanto São Pedro e São Paulo moravam em Antioquia, ocorreu um fato que merece ser referido. São Pedro estava certamente persuadido de que as cerimônias da lei de Moisés não eram mais obrigatórias para os gentios; no entanto, quando se encontrava com os judeus, comia à maneira judaica, temendo descontentá-los, se agisse de outra forma. Tal condescendência era causa de que muitos gentios se esfriassem na fé; portanto, surgia aversão entre gentios e judeus, e se rompia aquele vínculo de caridade que forma o caráter dos verdadeiros seguidores de Jesus Cristo. São Pedro ignorava as conversas que tinham lugar por causa deste fato. Mas São Paulo, percebendo que tal conduta de Pedro poderia gerar escândalo na comunidade dos fiéis, pensou em corrigi-lo publicamente, dizendo: “Se tu, sendo judeu, conheceste pela fé que podes viver como os gentios e não como os judeus, por que com teu exemplo queres obrigar os gentios à observância da lei judaica?” São Pedro ficou muito contente com tal aviso, pois com aquele fato se publicava diante de todos os fiéis que a lei cerimonial de Moisés não era mais obrigatória, e como aquele que a outros pregava a humildade de Cristo Jesus, soube praticá-la ele mesmo, não dando o mínimo sinal de ressentimento. Desde então não teve mais qualquer consideração pelas cerimônias contidas na lei de Moisés.

Deve-se aqui, no entanto, notar com os Santos Padres que o que fazia São Pedro não era mau em si, mas fornecia aos cristãos motivo de discórdia. Quer-se ainda que São Pedro tenha estado de acordo com São Paulo a respeito da correção a ser feita publicamente, a fim de que fosse ainda mais conhecida a cessação da lei cerimonial de Moisés. De Antioquia foi pregar em várias cidades, até que foi avisado por Deus de retornar a Roma, para assistir os fiéis em uma feroz perseguição excitada contra os cristãos. Quando São Pedro chegou àquela cidade, Nero governava o império, homem cheio de vícios e, por consequência, o mais adverso ao cristianismo. Propositalmente ele havia feito atear fogo em vários pontos daquela capital, de modo que muitos cidadãos foram em grande parte consumidos pelas chamas; e depois jogava a culpa daquela malvada ação sobre os cristãos. Em sua crueldade, Nero havia mandado matar um virtuoso filósofo, de nome Sêneca, que fora seu mestre. Sua própria mãe pereceu vítima daquele filho desnaturado. Mas a gravidade desses crimes fez uma terrível impressão também no coração

embrutecido de Nero, tanto que lhe parecia ver espectros que o acompanhavam dia e noite. Portanto, buscava apaziguar as sombras infernais, ou melhor, os remorsos da consciência, com sacrifícios. Desejando então buscar procurar algum alívio, mandou chamar os magos mais acreditados, para fazer uso de sua magia e de seus encantamentos. O mago Simão, aquele mesmo que havia tentado comprar de São Pedro os dons do Espírito Santo, aproveitou-se da ausência do Santo Apóstolo a fim de ir para lá e, à força de adulações ao imperador, desacreditar a religião cristã.

CAPÍTULO XXVI. São Pedro ressuscita um morto. *Ano 66 de Jesus Cristo*.

O mago Simão sabia que, se pudesse fazer algum milagre, ganharia grande crédito. Aqueles que São Pedro realizava em toda parte serviam apenas para acendê-lo ainda mais de inveja e raiva; por isso, ele estudava algum prestígio para se mostrar superior a São Pedro. Confrontou com ele várias vezes, mas sempre saiu cheio de confusão. E como se gabava de saber curar enfermidades, prolongar a vida, ressuscitar os mortos, coisas que ele via serem feitas por São Pedro, aconteceu que foi convidado a fazer o mesmo. Um jovem de família nobre e parente do imperador havia morrido. Seus pais, inconsoláveis, foram aconselhados a recorrer a São Pedro para que ele viesse trazê-lo de volta à vida. Outros, no entanto, convidaram Simão.

Ambos chegaram ao mesmo tempo à casa do falecido. São Pedro, de bom grado, consentiu que Simão fizesse suas tentativas para devolver a vida ao morto; pois sabia que somente Deus pode operar verdadeiros milagres, e que ninguém pode se gabar de tê-los realizado, exceto por virtude divina e em confirmação da religião católica, e que, portanto, todos os esforços do ímpio Simão seriam em vão. Cheio de arrogância e impulsionado pelo espírito maligno, Simão aceitou loucamente o desafio; e, convencido de que venceria, propôs a seguinte condição: se Pedro conseguisse ressuscitar o morto, eu seria condenado à morte; mas se eu der vida a este cadáver, Pedro pagará com sua cabeça. Não havendo entre os presentes quem recusasse aquela proposta. São Pedro aceitou de boa vontade e o mago se preparou para a façanha.

Ele se aproximou do caixão do falecido e, invocando o demônio e realizando mil outros encantamentos, pareceu a alguns que aquele corpo frio dava algum sinal de vida. Então, os partidários de Simão começaram a gritar que Pedro deveria morrer. O Santo Apóstolo ria daquela impostura e, modestamente pedindo a todos que quisessem silenciar por um momento, disse: “Se o morto ressuscitou, que se levante, caminhe e fale; *si resuscitatus est, surgat, ambulet, fabuletur*. Não é verdade que ele mova a cabeça ou dê sinal de vida, é a vossa fantasia que vos faz pensar assim. Ordenem a Simão que se afaste do leito; e logo verão desaparecer do

morto toda esperança de vida.[23]”

Assim foi feito, e aquele que antes estava morto continuava a jazer como uma pedra sem espírito e movimento. Então, o Santo Apóstolo se ajoelhou a pouca distância do caixão e começou a orar fervorosamente ao Senhor, suplicando-lhe que glorificasse seu santo nome para confusão dos ímpios e conforto dos bons. Após breve oração, voltando-se para o cadáver, disse em voz alta: “Jovem, levanta-te; o Senhor Jesus te dá a vida e a saúde.”

Ao comando dessa voz, a qual a morte estava acostumada a obedecer, o espírito voltou prontamente a vivificar aquele corpo frio; e para que não parecesse uma ilusão, ele se levantou, falou, caminhou e foi alimentado. Além disso, Pedro o tomou pela mão e, vivo e são, o devolveu à mãe. Aquela boa mulher não sabia como expressar sua gratidão ao Santo, e humildemente pediu-lhe que não quisesse deixar sua casa, para que não fosse abandonado quem havia ressuscitado por suas mãos. São Pedro a confortou, dizendo: “Nós somos servos do Senhor, ele o ressuscitou e nunca o abandonará. Não temas por teu filho, pois ele tem seu guardião.”

Restava agora que o mago fosse condenado à morte, e já uma multidão estava pronta para apedrejá-lo sob uma chuva de pedras, se o Apóstolo, movido de compaixão por ele, não tivesse pedido que fosse deixado em vida, dizendo que para ele era castigo bastante a grande a vergonha que havia sentido. Disse: “Viva, mas viva para ver crescer e se expandir cada vez mais o reino de Jesus Cristo.”

## CAPÍTULO XXVII. Voo. — Queda. — Morte desesperada de Simão Mago. *Ano 67 de Jesus Cristo*.

Na ressurreição daquele jovem, o mago Simão deveria admirar a bondade e a caridade de Pedro, e ao mesmo tempo reconhecer a intervenção da potência divina, e assim abandonar o demônio a quem servia há tanto tempo; mas o orgulho o tornou ainda mais obstinado. Animado pelo espírito de Satanás, ele se enfureceu mais do que nunca e resolveu a qualquer custo se vingar de São Pedro. Com esse pensamento, um dia foi até Nero e disse que estava enojado com os galileus, ou seja, os cristãos, que estava decidido a abandonar o mundo e que, para dar a todos uma prova infalível de sua divindade, queria subir por si mesmo ao Céu.

A proposta agradou muito a Nero; e como desejava sempre encontrar novos pretextos para perseguir os cristãos, fez avisar São Pedro, que segundo ele era um grande conhecedor de magia, e desafiou-o a fazer o mesmo e a provar que Simão era um mentiroso; que se não o fizesse, ele mesmo seria julgado mentiroso e impostor, e como tal condenado à decapitação. O Apóstolo, apoiado na proteção do Céu, que nunca falta em defesa da verdade, aceitou o convite. São Pedro, portanto,

sem qualquer socorro humano, se armou do escudo inexpugnável da oração. Ele também ordenou a todos os fiéis que, com jejum, unissem as próprias orações às suas. Ele também ordenou a todos os fiéis que, com jejum universal e orações contínuas, invocassem a divina misericórdia. O dia em que essas práticas religiosas eram realizadas era sábado, e daí surgiu o jejum do sábado, que nos tempos de Santo Agostinho ainda era praticado em Roma em memória deste acontecimento.

Por outro lado, o Mago Simão, todo empolgado pelo favor prometido por seus demônios, se preparava para tramar e concluir com eles a fraude, e em sua loucura acreditava que com esse golpe derrubaria a Igreja de Jesus Cristo. Chegou o dia marcado. Uma imensa multidão estava reunida em uma grande praça de Roma. Nero, com toda a corte, vestido com roupas brilhantes de ouro e gemas, estava sentado em uma tribuna sob um riquíssimo pavilhão, observando e confortando seu campeão. Fez-se um profundo silêncio. Apareceu Simão vestido como se fosse um Deus e, fingindo tranquilidade, mostrava segurança de conquistar a vitória. Enquanto se exibia em discursos pomposos, de repente apareceu no ar uma carruagem de fogo, (era toda uma ilusão diabólica e jogo de fantasia). Sendo o mago recebido dentro dela à vista de todo o povo, o demônio o levantou do chão e o transportou pelo ar. Já tocava as nuvens e começava a desaparecer da vista do povo, que, com os olhos voltados para cima, jubilando de maravilha e batendo palmas, gritava: Vitória! Milagre! Glória e honra a Simão, verdadeiro filho dos Deuses!

Pedro, em companhia de São Paulo, sem qualquer ostentação, se ajoelhou no chão e, com as mãos levantadas ao Céu, fervorosamente orou a Jesus Cristo que quisesse vir em auxílio de sua Igreja para fazer triunfar a verdade diante daquele povo iludido. Dito e feito: a mão de Deus onipotente, que havia permitido que os espíritos malignos levantassem Simão até àquela altura, de repente retirou deles todo poder, de modo que, privados de força, tiveram que abandoná-lo no mais grave perigo e no auge de sua glória. Retirada de Simão a virtude diabólica, abandonado ao peso de seu corpo gordo, ele teve uma queda desastrosa e despencou com tal ímpeto ao chão que, despedaçando-se em todos os membros, espirrou sangue até o tribunal de Nero. Tal queda ocorreu perto de um templo dedicado a Rômulo, onde hoje existe a igreja dos santos Cosme e Damião.

O infeliz Simão certamente deveria ter perdido a vida se São Pedro não tivesse invocado Deus a seu favor. Pedro, diz São Máximo, orou ao Senhor para livrá-lo da morte, tanto para fazer conhecer a Simão a fraqueza de seus demônios, quanto para que, confessando o poder de Jesus Cristo, implorasse dele o perdão de suas culpas. Mas aquele que há muito fazia profissão de desprezar as graças do Senhor, era obstinado demais para se render, mesmo neste caso, em que Deus

derramava em abundância a sua misericórdia. Simão, tornando-se o objeto das zombarias de todo o povo, cheio de confusão, pediu a alguns de seus amigos que o levassem para longe dali. Levado a uma casa próxima, sobreviveu ainda alguns dias; até que, oprimido pela dor e pela vergonha, se apegou à desesperada decisão de se livrar daqueles miseráveis restos de vida e, jogando-se de uma janela, se deu assim voluntariamente a morte[24].

A queda de Simão é viva imagem da queda daqueles cristãos que, ou renegando a religião cristã ou negligenciando observá-la, caem do sublime grau de virtude a que a fé cristã os elevou, e se arruínam miseravelmente nos vícios e desordens, com desonra do caráter cristão e da religião que professam e com dano, às vezes irreparável, para suas almas.

CAPÍTULO XXVIII. Pedro é procurado para morrer. — Jesus lhe aparece e lhe prediz iminente o martírio. — Testamento do santo Apóstolo.

O suplício que coube a Simão Mago, enquanto tornava evidente a vingança do Céu, contribuiu muito para aumentar o número de cristãos. Nero, por outro lado, vendo uma multidão de pessoas abandonarem o culto profano dos Deuses para professar a religião pregada por São Pedro, e percebendo que o Santo Apóstolo, com a pregação, havia conseguido ganhar pessoas muito favorecidas por ele, e aquelas mesmas que na corte eram instrumentos de iniquidade, sentiu aumentar sua raiva contra os cristãos e começou a se tornar ainda mais cruel contra eles.

Em meio ao furor daquela perseguição, Pedro era incansável em animar os fiéis a serem constantes na fé até a morte e em converter novos gentios, de modo que o sangue dos mártires, longe de aterrorizar os cristãos e diminuir seu número, era uma semente fecunda que a cada dia os multiplicava. Somente os judeus de Roma, talvez estimulados pelos judeus da Judeia, se mostravam obstinados. Portanto, Deus, querendo chegar à última prova para vencer sua obstinação, fez publicamente predizer por seu Apóstolo que em breve suscitaria um rei contra aquela nação, o qual, após reduzi-la às mais graves angústias, nivelaria ao chão sua cidade, forçando os cidadãos a morrerem de fome e sede. Então, dizia-lhes, ver-se-ão alguns comerem os corpos dos outros e se consumirem mutuamente, até que, entregues a seus inimigos, verão sob seus olhos estraçalharem cruelmente suas esposas, suas filhas e seus filhos, espancados e mortos sobre as pedras; suas próprias terras serão reduzidas a desolação e ruína pelo ferro e pelo fogo. Aqueles que escaparem da calamidade comum serão vendidos como animais de carga e sujeitos à servidão perpétua. Tais males virão sobre os filhos de Jacó, porque se alegraram com a morte do Filho de Deus e agora se recusam a crer nele[25].

Mas sabendo bem os ministros da perseguição que se esforçariam em vão

se não eliminassem o chefe dos cristãos, voltaram-se contra ele para tê-lo em suas mãos e matá-lo. Os fiéis, considerando a perda que teriam com sua morte, estudavam todos os meios para impedir que ele caísse nas mãos dos perseguidores. Quando perceberam que era impossível que ele pudesse permanecer escondido por mais tempo, aconselharam-no a sair de Roma e se retirar para um lugar onde fosse menos conhecido. Pedro se recusava a tais conselhos sugeridos pelo amor filial e, na verdade, ardentemente desejava a coroa do martírio. Mas, continuando os fiéis a implorar-lhe que fizesse isso pelo bem da Igreja de Deus, ou seja, tentasse conservar-se vivo para instruir, confirmar na fé os crentes e ganhar almas para Cristo, finalmente ele consentiu e decidiu-se a partir.

À noite, despediu-se dos fiéis para escapar ao furor dos idólatras. Mas, ao chegar fora da cidade, pela Porta Capena, hoje chamada Porta São Sebastião, apareceu-lhe Jesus Cristo na mesma aparência em que o havia conhecido e partilhado sua vida com por diversos anos. O Apóstolo, embora surpreso com essa aparição inesperada, no entanto, segundo sua prontidão de espírito, se animou a interrogá-lo, dizendo: “Ó Senhor, para onde vais?” ***Domine, quo vadis?*** Respondeu Jesus: “Eu vou a Roma para ser crucificado novamente.” Dito isso, desapareceu.

Diante dessas palavras, Pedro compreendeu que sua própria crucificação era iminente, pois sabia que o Senhor não poderia mais ser crucificado por si mesmo, mas deveria ser crucificado na pessoa de seu Apóstolo. Em memória desse acontecimento, fora da Porta São Sebastião foi edificada uma igreja chamada ainda hoje “*Domine, quo vadis*”, ou “Santa Maria ad Passus”, isto é, Santa Maria aos pés, porque o Salvador, naquele lugar, onde falou a São Pedro, deixou impressa em uma pedra a sagrada pegada de seus pés. Esta pedra é conservada até hoje na igreja de São Sebastião.

Após esse aviso, São Pedro voltou e, interrogado pelos cristãos de Roma sobre a razão de seu tão rápido retorno, contou-lhes tudo. Ninguém teve mais dúvida de que Pedro seria encarcerado e glorificaria o Senhor dando por Ele a vida. No temor, portanto, de cair a qualquer momento nas mãos dos perseguidores e que, nesses momentos calamitosos, a Igreja ficasse sem seu supremo pastor, Pedro pensou em nomear alguns bispos mais zelosos, para que um deles sucedesse no Pontificado após sua morte. Foram estes São Lino, São Cleto, São Clemente e Santo Anacleto, que já o haviam ajudado no ofício de seus vigários nas várias necessidades da Igreja.

Não satisfeito em ter assim providenciado às necessidades da Sé Pontifícia, também quis dirigir um escrito a todos os fiéis, como seu testamento, ou seja, uma segunda carta. Esta carta é dirigida ao corpo universal dos cristãos, nomeando em

particular aqueles do Ponto, da Galácia e de outras províncias da Ásia a quem havia pregado.

Após ter novamente aludido às coisas já ditas em sua primeira carta, recomenda que tenham sempre os olhos em Jesus Salvador, cuidando-se da corrupção deste século e dos prazeres mundanos. Para resolvê-los a manter-se firmes na virtude, coloca diante deles os prêmios que o Salvador tem preparados no reino eterno do Céu; e ao mesmo tempo recorda os terríveis castigos com os quais Deus costuma punir os pecadores, muitas vezes também nesta vida, mas infalivelmente na outra com a pena eterna do fogo. Transportando-se então com seu pensamento para o futuro, prediz os escândalos que muitos homens perversos haveriam de suscitar, os erros que haveriam de disseminar e as astúcias das quais se serviriam para propagá-los. Diz ele: “Mas sabei que esses, à semelhança de fontes sem água e de névoas escuras agitadas pelos ventos, são todos impostores e sedutores de almas. Prometem uma liberdade, que sempre acaba numa miserável escravidão em que se encontram envolvidos; após o que, a eles é reservado o juízo, a perdição e o fogo.”

E continua: “Para mim estou certo, segundo a revelação recebida de Nosso Senhor Jesus Cristo, que em breve devo abandonar este tabernáculo do meu corpo; mas não deixarei de fazer com que, mesmo após minha morte, tenhais os meios para recordar tais coisas em vossas mentes. Ficai certos de que as promessas do Senhor nunca faltarão: virá o dia extremo em que os céus cessarão de existir, os elementos serão dissolvidos ou devorados pelo fogo, a terra será consumida com tudo o que contém. Portanto, ocupai-vos nas obras de piedade, aguardando com paciência e prazer a vinda do dia do Senhor e, segundo suas promessas, vivamos de modo a podermos passar à contemplação dos céus e à posse de uma glória eterna.”

Depois, os exorta a se conservarem puros do pecado e a crerem constantemente que a longa paciência que o Senhor frequentemente usa conosco é para nosso bem comum. Então recomenda calorosamente que não interpretem as Sagradas Escrituras com o entendimento privado de cada um, e nota particularmente as cartas de São Paulo, que ele chama de seu irmão caríssimo, das quais diz assim: “Jesus Cristo adia sua vinda para dar-lhes tempo de se converterem; estas coisas vos escreveu Paulo, nosso caríssimo irmão, segundo a sabedoria que lhe foi dada por Deus. Assim faz também em todas as suas cartas, onde ele fala dessas mesmas coisas. Ficai, porém, bem atentos que nessas cartas há algumas coisas difíceis de entender, que os homens ignorantes e instáveis explicam de forma perversa, como fazem também com outras partes da Sagrada Escritura, das quais abusam para sua própria perdição.” Essas palavras merecem

ser atentamente consideradas pelos protestantes, que querem confiar a interpretação da Bíblia a qualquer homem do povo, por mais rude e ignorante que seja. A esses pode-se aplicar o que diz São Pedro, ou seja, que a estravagante explicação da Bíblia resultou em sua própria perdição: ***ad suam ipsorum perditionem[26]***.

CAPÍTULO XXIX. São Pedro na prisão converte Processo e Martiniano. — Seu martírio**[27]**. *Ano 69-70 de Jesus Cristo; 67 da era vulgar*.

Finalmente chegara o momento em que deveriam se cumprir as previsões feitas por Jesus Cristo a respeito da morte de seu Apóstolo. Tanto esforço merecia ser coroado com a palma do Martírio. Enquanto um dia sentia tudo arder de amor pela pessoa do Divino Salvador e desejava vivamente poder se unir a Ele o mais rápido possível, foi surpreendido por perseguidores que imediatamente o amarraram e o conduziram a uma profunda e sombria prisão chamada Mamertina, onde costumavam prender os mais famosos criminosos[28]. A divina providência dispôs que Nero, por assuntos de governo, devesse se afastar por algum tempo de Roma; assim, São Pedro permaneceu cerca de nove meses na prisão. Mas os verdadeiros servos do Senhor sabem promover a glória de Deus em todo tempo e lugar.

Na escuridão da prisão, Pedro, exercendo os cuidados de seu apostolado e especialmente o ministério da divina palavra, teve a consolação de conquistar para Jesus Cristo os dois guardas da prisão, chamados Processo e Martiniano, além de outras 47 pessoas que estavam encerradas no mesmo lugar.

É tradição, confirmada pela autoridade de escritores confiáveis, que não havendo água para administrar o batismo a esses novos convertidos, Deus fez brotar naquele instante uma fonte perene, cujas águas continuam a jorrar até hoje. Os viajantes que vão a Roma procuram visitar a prisão Mamertina, que fica aos pés do Capitólio, onde ainda jorra a prodigiosa fonte. Esse edifício, tanto na parte subterrânea quanto naquela que se eleva acima da terra, é objeto de grande veneração entre os cristãos.

Os ministros do imperador tentaram várias vezes vencer a constância do santo Apóstolo; mas, vendo que todos os seus esforços eram inúteis, e além disso, percebendo que, mesmo acorrentado, ele não cessava de pregar Jesus Cristo e assim aumentar o número de cristãos, decidiram fazê-lo silenciar com a morte. Era uma manhã quando Pedro viu a prisão se abrir. Entram os algozes, o amarram firmemente e anunciam que ele deve ser levado ao suplício. Oh! Então seu coração se encheu de alegria. Exclamava: “Eu me alegro porque em breve verei meu Senhor. Em breve irei encontrar Aquele que amei e de quem recebi tantos sinais de

afeto e misericórdia.”

Antes de ser levado ao suplício, o santo Apóstolo, segundo as leis romanas, foi submetido a uma dolorosa flagelação; isto lhe causou grande alegria, pois assim se tornava cada vez mais fiel seguidor de seu divino Mestre, que antes de ser crucificado foi submetido a semelhante castigo.

Até mesmo o caminho que ele percorreu indo para o suplício merece ser notado. Os romanos, conquistadores do mundo, após submeter alguma nação, preparavam a pompa do triunfo em uma magnífica carruagem no vale ou melhor, na planície aos pés do monte Vaticano. De lá, pela via sagrada, chamada também triunfal, os vencedores subiam triunfantes ao Capitólio. São Pedro, após ter submetido o mundo ao suave jugo de Cristo, também é levado para fora da prisão e pela mesma estrada conduzido ao lugar onde se preparavam aquelas grandes solenidades.

Assim celebrava também a cerimônia do triunfo e oferecia a si mesmo em holocausto ao Senhor, fora da porta de Roma, como fora de Jerusalém havia sido crucificado seu divino Mestre.

Entre o monte Janículo[29] e o Vaticano havia um vale onde, ao se reunirem as águas, formava-se um pântano. No outro cimo da montanha que olhava para o pântano, estava o lugar destinado ao martírio do maior homem do mundo. O intrépido atleta, quando chegou ao lugar do patíbulo e viu a cruz na qual estava condenado a morrer, cheio de coragem e alegria exclamou: “Salve, ó cruz, salvação das nações, estandarte de Cristo, ó caríssima cruz, salve, ó conforto dos cristãos. Tu és aquela que me assegura o caminho do céu, és aquela que me assegura a entrada no reino da glória. Tu, que um dia vi rubra do santíssimo sangue do meu Mestre, hoje sê meu auxílio, meu conforto, minha salvação.[30]”

No entanto, São Pedro considerava para si uma honra demasiado grande sofrer uma morte semelhante à de seu divino Mestre; portanto, pediu a seus crucificadores que, por graça, quisessem fazê-lo morrer com a cabeça para baixo. Como tal maneira de morrer o fizesse sofrer mais, assim a graça lhe foi facilmente concedida. Mas seu corpo, naturalmente, não poderia se manter na cruz se as mãos e os pés fossem unicamente cravados com os pregos; por isso, seus santos membros foram amarrados com cordas àquele duro tronco.

Ele foi acompanhado ao lugar do suplício por uma infinidade de cristãos e infiéis. Esse homem de Deus, em meio aos mesmos tormentos, quase esquecendo de si mesmo, consolava os primeiros para que não se afligissem por ele; esforçava-se para salvar os segundos, exortando-os a deixar o culto dos ídolos e abraçar o Evangelho, para que pudessem conhecer o único verdadeiro Deus, criador de todas as coisas. O Senhor, que sempre dirigia o zelo de tão fiel ministro, o consolou em

sua última agonia com a conversão de um grande número de idólatras de toda condição e sexo[31].

Enquanto São Pedro pendia na cruz, Deus também quis consolá-lo com uma visão celeste. Apareceram-lhe dois anjos com duas coroas de lírios e rosas, para indicar-lhe que seus sofrimentos haviam chegado ao fim e que ele deveria ser coroado de glória na bem-aventurada eternidade[32].

São Pedro alcançou na cruz tão nobre triunfo no dia 29 de junho, no ano septuagésimo de Jesus Cristo e sexagésimo sétimo da era vulgar. No mesmo dia em que São Pedro morria na cruz, São Paulo, sob a espada do mesmo tirano, glorificava Jesus Cristo sendo decapitado. Dia verdadeiramente glorioso para todas as Igrejas da Cristandade, mas especialmente para a de Roma, a qual, após ter sido fundada por Pedro e longamente nutrida com a doutrina de ambos esses Príncipes dos Apóstolos, é agora consagrada por seu martírio, por seu sangue, e sublimada acima de todas as igrejas do mundo.

Assim, enquanto era iminente a destruição da cidade santa de Jerusalém, e seu templo deveria ser queimado, Roma, que era a capital e a senhora de todas as nações, tornava-se, por meio desses dois Apóstolos, a Jerusalém da nova aliança, a cidade eterna, e tanto mais gloriosa que a velha Jerusalém, quanto a graça do Evangelho e o sacerdócio da nova lei são maiores do que o sacerdócio, de todas as cerimônias e figuras da antiga lei.

São Pedro foi martirizado aos 86 anos, após um pontificado de 35 anos, 3 meses e 4 dias. Três anos os passou especialmente em Jerusalém. Depois, ocupou sua cátedra por sete anos em Antioquia, o restante em Roma.

## CAPÍTULO XXX. Sepulcro de São Pedro. — Atentado contra seu corpo.

Assim que São Pedro exalou o último suspiro, muitos cristãos partiram do lugar do suplício chorando a morte do supremo Pastor da Igreja. Por outro lado, São Lino, seu discípulo e imediato sucessor, dois sacerdotes irmãos, São Marcelo e Santo Apuleio, Santo Anacleto e outros fervorosos cristãos se reuniram em torno da cruz de São Pedro. Quando então os algozes se afastaram do lugar do martírio, eles depositaram o corpo do santo Apóstolo, ungiu-o com preciosos aromas, embalsamaram-no e o levaram para ser sepultado perto do Circo, ou seja, junto aos jardins de Nero no monte Vaticano, propriamente no lugar onde hoje ainda se venera. Seu corpo foi colocado em um local onde já haviam sido sepultados muitos mártires, discípulos dos santos Apóstolos e primícias da Igreja católica, que por ordem de Nero haviam sido expostos às feras, ou crucificados, ou queimados, ou mortos à força de inauditos tormentos. Santo Anacleto havia erguido ali um pequeno cemitério, em um canto do qual levantou uma espécie de oratório onde

repousa o corpo de São Pedro. Este local tornou-se célebre e todos os papas sucessores de São Pedro demonstraram sempre vivo desejo de serem ali sepultados.

Pouco depois da morte de São Pedro, vieram a Roma alguns cristãos do Oriente, que, considerando ser para eles um grande tesouro possuir as relíquias do santo Apóstolo, resolveram adquiri-las. Mas, sabendo que seria inútil tentar comprá-las com dinheiro, pensaram em roubá-las, quase como coisa própria, e levá-las de volta aos lugares de onde o santo viera. Foram, portanto, corajosamente ao sepulcro, tiraram o corpo de lá e o levaram para as catacumbas, que são um lugar escavado sob a terra, atualmente chamado de São Sebastião, com a intenção de enviá-lo ao Oriente assim que surgisse a oportunidade.

Deus, por outro lado, que havia chamado aquele grande Apóstolo a Roma para que a tornasse gloriosa com o martírio, também dispôs que seu corpo fosse conservado naquela cidade e tornasse aquela igreja a mais gloriosa do mundo. Portanto, quando aqueles orientais foram cumprir seu plano, levantou-se uma tempestade com um turbilhão tão forte, que pelo barulho dos trovões e pelo relampejar dos relâmpagos foram forçados a interromper sua obra.

Os cristãos de Roma perceberam o ocorrido e, em grande multidão, saindo da cidade, recuperaram o corpo do santo Apóstolo e o levaram novamente ao monte Vaticano de onde havia sido retirado[33].

No ano 103, Santo Anacleto, tornando-se Sumo Pontífice, vendo um pouco acalmadas as perseguições contra os cristãos, às suas custas ergueu um pequeno templo, de modo que abrigasse as relíquias e todo o sepulcro ali existente. Esta é a primeira igreja dedicada ao Príncipe dos Apóstolos.

Este sagrado depósito permaneceu exposto à veneração dos fiéis até a metade do terceiro século. Somente no ano 221, pela ferocidade com que eram perseguidos os cristãos, temendo que os corpos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo fossem profanados pelos infiéis, foram transportados pelo Pontífice para as catacumbas chamadas Cemitério de São Calisto, naquela parte que hoje se chama cemitério de São Sebastião. Mas no ano 255 o papa São Cornélio, a pedido e instância de Santa Lucina e de outros cristãos, trouxe de volta o corpo de São Paulo na via Óstia, no local onde havia sido decapitado. O corpo de São Pedro foi novamente transportado e colocado na tumba primitiva aos pés do monte Vaticano.

**CAPÍTULO XXXI. Tumba e Basílica de São Pedro no Vaticano.**

Nos primeiros séculos da Igreja, os fiéis, na maioria das vezes, não podiam ir ao túmulo de São Pedro, a não ser com grande perigo de serem acusados como cristãos e levados diante dos tribunais dos perseguidores. No entanto, sempre

houve grande afluxo de pessoas, que vinham de lugares distantes para invocar a proteção do Céu no túmulo de São Pedro. Mas quando Constantino se tornou o senhor do Império Romano e pôs fim às perseguições, então cada um pôde livremente se mostrar seguidor de Jesus Cristo, e o túmulo de São Pedro se tornou o santuário do mundo cristão, onde de todos os cantos vinham pessoas para venerar as relíquias do primeiro Vigário de Jesus Cristo. O próprio imperador professava publicamente o Evangelho, e entre os muitos sinais que deu de apego à religião católica, um foi o de ter mandado construir várias igrejas, entre as quais aquela em honra do Príncipe dos Apóstolos; a qual, por isso, às vezes também é chamada de Basílica Constantiniana, mais comumente conhecida como Basílica Vaticana.

Portanto, no ano 319, Constantino, por seu impulso e a convite de São Silvestre, estabeleceu que o local da nova Igreja fosse aos pés do Vaticano, com o desenho que englobasse todo o pequeno templo construído por Santo Anacleto e que até aquele momento havia sido objeto da veneração comum. No dia em que o Imperador Constantino queria dar início à santa empreitada, depositou no local o diadema imperial e todos os símbolos reais, então se prostrou ao chão e derramou muitas lágrimas de devota ternura. Pegando então a enxada, começou a cavar com suas próprias mãos o terreno, dando assim início à escavação das fundações da nova basílica. Quis ele mesmo formar o desenho e estabelecer o espaço que deveria abranger o novo templo; e para animar a dar mão à obra com alacridade, quis carregar sobre suas próprias costas doze caixões de terra em honra dos doze Apóstolos. Então foi desenterrado o corpo de São Pedro, e na presença de muitos fiéis e de muito clero, foi colocado por São Silvestre em uma grande caixa de prata, com outra caixa de bronze dourado, plantada firmemente no solo. A urna que continha o sagrado depósito tinha cinco pés de altura, largura e comprimento; sobre ela foi colocada uma grande cruz de ouro puríssimo, pesando cento e cinquenta libras, na qual estavam gravados os nomes de Santa Helena e de seu filho Constantino. Terminada aquela majestosa edificação, preparada uma cripta ou câmara subterrânea toda ornada de ouro e de gemas preciosas, cercada por uma quantidade de lâmpadas de ouro e de prata, ali colocou o precioso tesouro: a cabeça de São Pedro. São Silvestre convidou muitos bispos; e os fiéis cristãos de todas as partes do mundo compareceram a esta solenidade. Para encorajá-los ainda mais, abriu o tesouro da Igreja e concedeu muitas indulgências. O afluxo foi extraordinário; a solenidade foi majestosa; era a primeira consagração que se fazia publicamente com ritos e cerimônias tais como se praticam ainda hoje na consagração dos edifícios sagrados. A função se completou no ano 324, no dia dezoito de novembro. A urna de São Pedro, assim fechada, nunca mais foi reaberta, e sempre foi objeto de veneração em toda a cristandade. Constantino doou muitos

bens para a decoração e a conservação daquele augusto edifício. Todos os sumos Pontífices se esforçaram para tornar glorioso o sepulcro do Príncipe dos Apóstolos.

Mas todas as coisas humanas vão se consumindo com o tempo, e a basílica Vaticana no século XVI se viu em perigo de ruína. Por isso, os Pontífices decidiram refazê-la inteiramente. Após muitos estudos, graves fadigas e grandes despesas, pôde-se colocar a pedra fundamental do novo templo no ano de 1506. O grande papa Júlio II, apesar de sua avançada idade e do profundo abismo em que deveria descer para chegar à base do pilar da cúpula, quis, no entanto, descer pessoalmente para estabelecer e colocar com solene cerimônia a primeira pedra. É difícil descrever as fadigas, o trabalho, o dinheiro, o tempo, os homens que se empenharam nesta maravilhosa construção.

O trabalho foi concluído no espaço de cento e vinte anos, e finalmente Urbano VIII, assistido por 22 cardeais e por todos aqueles dignitários que costumam participar das funções pontifícias, consagrou solenemente a majestosa basílica no dia 18 de novembro de 1626, ou seja, no mesmo dia em que São Silvestre havia consagrado a antiga basílica erigida por Constantino. Durante todo esse tempo, em meio a tantas restaurações e a tantos trabalhos de construção, as relíquias de São Pedro não sofreram qualquer transladação; nem a urna, nem a caixa de bronze foram movidas, nem a cripta foi aberta. O novo piso, tendo que ser um pouco elevado acima do antigo, foi disposto de modo a englobar a capela primitiva e deixar assim intacto o altar consagrado por São Silvestre. A esse respeito, nota-se que, quando o arquiteto Giacomo della Porta levantava as camadas do piso ao redor do antigo altar para sobrepor o novo, descobriu a janela que correspondia à sagrada urna. Colocando uma luz dentro, reconheceu a cruz de ouro que havia sido colocada por Constantino e por Santa Helena, sua mãe. Fez imediatamente um relatório ao Papa a esse respeito, que em 1594 era Clemente VIII, o qual, acompanhado pelos cardeais Bellarmino e Antoniano, foi pessoalmente ao local e encontrou o que havia sido relatado pelo arquiteto. O Pontífice não quis abrir nem o sepulcro nem a urna; nem consentiu que alguém se aproximasse, ao contrário, ordenou que a abertura fosse fechada com cimento. Desde então, nunca mais foi aberta a tumba, nem ninguém se aproximou mais daquelas relíquias veneráveis.

Os peregrinos que vão a Roma para visitar a grande basílica de São Pedro no Vaticano, ao vê-la pela primeira vez, ficam como que encantados; e as personalidades mais célebres por seu engenho e ciência, ao chegarem em seus países, não conseguem dar mais do que uma pálida ideia.

Aqui está o quanto que se pode compreender com alguma facilidade. Aquela igreja é embelezada com os mármores mais requintados que se puderam obter; sua amplitude e sua elevação chegam a um ponto que surpreende o olhar

que a contempla; o piso, as paredes, a abóbada são ornados com tal maestria, que parecem ter esgotado todas as invenções da arte. A cúpula que, por assim dizer, sobe até as nuvens, é um compêndio de todas as belezas da pintura, da escultura e da arquitetura. Acima da cúpula, ou melhor, acima do próprio cupulim, há uma esfera ou bola de bronze dourado que, vista da terra, parece uma bolinha de jogo; mas quem sobe e entra nela vê um globo dentro do qual podem confortavelmente estar sentadas dezesseis pessoas. Em uma palavra, nesta basílica tudo é tão belo, tão raro e tão bem trabalhado que supera o que se pode imaginar no mundo. Príncipes, reis, monarcas e imperadores contribuíram para ornamentar este edifício maravilhoso, com magníficos dons que enviaram à tumba de São Pedro, e muitas vezes trazidos por eles mesmos de países distantes.

E é precisamente no centro de um edifício tão magnífico que repousam as preciosas cinzas de um pobre pescador, de um homem sem erudição humana e sem riquezas, cuja fortuna consistia em uma rede. E isso foi desejado por Deus para que os homens compreendam como Deus, em sua onipotência, toma o homem mais humilde aos olhos do mundo para colocá-lo no trono glorioso para governar seu povo; compreenderão também quanto Ele honra, mesmo na vida presente, seus servos fiéis, e assim façam alguma ideia da imensa glória reservada no Céu a quem vive e morre em seu divino serviço. Reis, príncipes, imperadores e os maiores monarcas da terra vieram implorar a proteção daquele que foi tirado de uma barca para ser feito pastor supremo da Igreja; os hereges e os infiéis foram forçados a respeitá-lo. Deus poderia ter escolhido o supremo pastor de sua Igreja entre os maiores e mais sábios da terra; mas então talvez se atribuiria à sua sabedoria e poder aquelas maravilhas, que Deus queria que fossem inteiramente reconhecidas como vindas de sua mão onipotente.

Somente em raríssimos casos os papas permitiram que as relíquias deste grande protetor de Roma fossem transportadas para outro lugar; por isso, poucos lugares da cristandade podem se gabar de possuí-las: toda a glória está em Roma.

Quem quer que quisesse escrever as muitas peregrinações ali feitas em todos os tempos, de todas as partes do mundo e de todas as classes de pessoas, a multidão de graças ali recebidas, os estrondosos milagres ali operados, deveria escrever muitos e grandes volumes.

Enquanto isso, nós, tomados por sentimentos de sincera gratidão, como conclusão e fruto do que dissemos sobre as ações do Príncipe dos Apóstolos, elevamos fervorosas orações ao trono do Deus Altíssimo; pedimos a este seu feliz Vigário e glorioso mártir, que se digne volver do Céu um olhar piedoso sobre as presentes necessidades de sua Igreja, se digne protegê-la e sustentá-la nos vigorosos ataques que todos os dias deve enfrentar por parte de seus inimigos,

obtenha força e coragem para seus sucessores, para todos os bispos e para todos os sagrados ministros, para que todos se tornem dignos do ministério que Cristo lhes confiou. Deste modo, confortados por sua ajuda celestial, possam colher abundantes frutos de seus esforços, promovendo a glória de Deus e a salvação das almas entre os povos cristãos.

Felizes aqueles povos que estão unidos a Pedro na pessoa dos Papas seus sucessores. Eles trilham o caminho da salvação; enquanto todos aqueles que se encontram fora deste caminho e não pertencem à união de Pedro não têm esperança alguma de salvação. Jesus Cristo mesmo nos assegura que a santidade e a salvação não podem ser encontradas senão na união com Pedro, sobre o qual repousa o fundamento inabalável de sua Igreja. Agradeçamos de coração a bondade divina que nos fez filhos de Pedro.

E uma vez que ele tem as chaves do reino dos Céus, peçamos a ele que seja nosso protetor nas presentes necessidades, e assim no último dia de nossa vida ele se digne abrir-nos a porta da bem-aventurada eternidade.

## APÊNDICE SOBRE A VINDA DE SÃO PEDRO A ROMA

Embora as discussões sobre fatos particulares possam ser consideradas estranhas ao historiador, no entanto, a vinda de São Pedro a Roma, que é um dos pontos mais importantes da história eclesiástica, sendo fortemente combatida pelos hereges de hoje, me parece matéria de tal importância que não deve ser omitida.

Isso parece ainda mais oportuno porque os protestantes há algum tempo em seus livros, jornais e conversas tentam fazer dela objeto de raciocínio, sempre com o objetivo de colocá-la em dúvida e desacreditar nossa santa religião católica. Eles fazem isso para diminuir, ou melhor, para destruir, se pudessem, a autoridade do Papa, pois dizem que se Pedro não veio a Roma, os Pontífices Romanos não são seus sucessores e, portanto, são não herdeiros de seus poderes. Mas os esforços dos hereges mostram apenas quão poderosa é contra eles a autoridade do Papa; para se livrar dela, não se envergonham de fabricar mentiras, pervertendo e negando a história. Acreditamos que este único fato será suficiente para fazer conhecer a grande má-fé que reina entre eles; pois colocar em dúvida a vinda de São Pedro a Roma é o mesmo que duvidar se há luz quando o sol brilha em pleno meio-dia.

Considero oportuno notar aqui que até o século catorze, no espaço de cerca de mil e quatrocentos anos, não se encontra um autor, nem católico nem herege, que tenha levantado a menor dúvida sobre a vinda de São Pedro a Roma; e convidamos os adversários a citar um só. O primeiro que levantou essa dúvida foi Marsílio de Pádua, que vendeu sua capacidade de escritor ao imperador Luís da

Baviera; e ambos, um com as armas, o outro com doutrinas perversas, se lançaram contra o primado do Sumo Pontífice. Tal dúvida, no entanto, foi considerada ridícula por todos, e desapareceu com a morte de seu autor.

Duzentos anos depois, no século dezesseis, surgiram os espíritos turbulentos de Lutero e de Calvino, e da escola deles saíram vários, que, superando a má-fé dos próprios mestres, tentaram suscitar a mesma dúvida para melhor enganar os simples e os ignorantes. Quem tem um pouco de prática em história sabe qual crédito merece aquele que, apoiado unicamente em seu capricho, se coloca a contradizer um fato relatado com consenso unânime pelos escritores de todos os tempos e de todos os lugares. Esta única observação seria suficiente por si só para tornar manifesta a inexistência de tal dúvida. No entanto, para que o leitor conheça os autores que com sua autoridade vêm confirmar o que afirmamos, citaremos alguns. Como os protestantes admitem a autoridade da igreja dos primeiros quatro séculos, nós, desejosos de agradá-los em tudo que é possível, nos serviremos de escritores que viveram naquela época. Alguns deles afirmam que Pedro esteve em Roma, e outros atestam que ali fundou sua sede episcopal e sofreu o martírio.

O Papa São Clemente, discípulo de São Pedro e seu sucessor no pontificado, em sua primeira carta escrita aos Coríntios, dá como pública e certa a vinda de São Pedro a Roma, sua longa permanência ali, o martírio sofrido ali junto com São Paulo. Eis suas palavras: «O exemplo desses homens, que, vivendo santamente, agregaram uma grande multidão de eleitos e sofreram muitos suplícios e tormentos, é mantido ótimo entre nós.»

Santo Inácio, mártir, também discípulo de São Pedro e seu sucessor no bispado de Antioquia, sendo conduzido a Roma para ser ali martirizado, escreve aos romanos pedindo que não queiram impedir seu martírio e diz:

«Eu vos imploro, não vos mando, como fizeram Pedro e Paulo: *Não ut Petrus et Paulus praecipio vobis*.»

O mesmo afirma Pápias, contemporâneo dos acima citados e discípulo de São João Evangelista, como se pode ver em Eusébio na sua História Eclesiástica, livro 2, capítulo 15.

A pouca distância destes, temos as ilustres testemunhas de Santo Irineu e de São Dionísio, os quais conheceram e conversaram longamente com os discípulos dos Apóstolos, e estavam muito bem informados sobre as coisas ocorridas na Igreja de Roma.

Santo Irineu, bispo de Lião e martirizado no ano 202, atesta que São Mateus divulgou seu Evangelho aos Hebreus em sua própria língua, enquanto Pedro e Paulo pregavam em Roma e estabeleciam a Igreja: *Petro et Paulo Romae*

*evangelizantibus et constituentibus Ecclesiam**[34]**. Após tais testemunhos, não sabemos como os hereges ousam negar a vinda de São Pedro a Roma. Quase ao mesmo tempo floresceram Clemente de Alexandria, São Caio, sacerdote de Roma, Tertuliano de Cartago, Orígenes, São Cipriano e muitos outros, que concordam em relatar o grande afluxo de fiéis ao túmulo de São Pedro, martirizado em Roma; e todos, cheios de veneração pelo primado que gozava a Igreja de Roma, dizem que dela devem ser esperados os oráculos da eterna salvação, porque Jesus Cristo prometeu a conservação da fé ao seu fundador São Pedro[35].

E se desses escritores passamos aos luminares da Igreja, São Pedro de Alexandria, Santo Astério de Amasea, Santo Optato de Milevo, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo, Santo Epifânio, São Máximo de Turim, Santo Agostinho, São Cirilo de Alexandria e muitos outros, encontramos seus testemunhos plenamente unânimes e concordes sobre a verdade que afirmamos; ou seja, que Pedro esteve em Roma e lá sofreu o martírio. Santo Optato, bispo de Milevo na África, escrevendo contra os Donatistas, diz: «Não podes negar, tu sabes, que na cidade de Roma, desde o princípio, a cátedra episcopal foi mantida por Pedro.» Por amor à brevidade, citamos apenas as palavras do Doutor São Jerônimo, que viveu no IV século da Igreja. Ele escreve: «Pedro, príncipe dos Apóstolos, foi a Roma no segundo ano do imperador Cláudio, e ali manteve a cátedra sacerdotal até o último ano de Nero. Sepultado em Roma, no Vaticano, perto da Via Triunfal, é célebre pela veneração que lhe presta o universo.[36]» Acrescentem-se os muitos martirológios das diversas Igrejas latinas, que desde a mais remota antiguidade chegaram até nós, os diferentes Calendários dos Etíopes, dos Egípcios, dos Sírios, os menológios dos Gregos [= Catálogos com os dias em que são celebrados os santos da Igreja ortodoxa]; as mesmas liturgias de todas as Igrejas cristãs espalhadas nos vários países da cristandade; em toda parte se encontra registrada a verdade deste relato. Que mais? Os próprios protestantes, um tanto célebres em doutrina, como Gave, Ammendo, Pearsonio, Grotius, Ussher, Biondello, Scaliger, Basnagio e Newton, com muitos outros, concordam que a vinda do príncipe dos Apóstolos a Roma e sua morte ocorrida naquela metrópole do universo são um fato incontestável.

É verdade que nem os Atos dos Apóstolos, nem São Paulo em sua carta aos Romanos mencionam este fato. Mas além dos escritores autorizados reconhecerem nesses autores claramente aludido tal acontecimento[37], observamos que o autor dos Atos dos Apóstolos não tinha o objetivo de escrever as ações de São Pedro nem dos outros Apóstolos, mas apenas as de São Paulo, seu companheiro e mestre; e isso quase para fazer a apologia deste Apóstolo dos gentios, entre todos o mais desprezado e caluniado pelos Hebreus. Portanto, após narrar os princípios da Igreja, do capítulo 16 até o final de seu livro, São Lucas não escreve mais nada sobre

outros senão sobre Paulo e seus companheiros de missão. Na verdade, em seus Atos, Lucas não nos narra nem mesmo todas as coisas operadas por Paulo, coisas que sabemos apenas pelas cartas deste Apóstolo. De fato, ele nos fala talvez dos três naufrágios sofridos por seu mestre, da luta que em Éfeso teve que sustentar com as feras, e de outros fatos dos quais se faz menção em sua segunda carta aos Coríntios e aos Gálatas?[38] São Lucas nos fala talvez do martírio de Paulo, ou mesmo apenas daquelas coisas que ele fez após sua primeira prisão em Roma? Ele menciona talvez uma só das 14 cartas? Nada disso. Agora, qual a surpresa se o mesmo escritor silenciou muitas coisas operadas por Pedro, entre as quais sua vinda a Roma?

O que dissemos sobre o silêncio de São Lucas vale para o silêncio de São Paulo em sua carta aos Romanos. Paulo, escrevendo aos Romanos, não saúda Pedro; portanto, concluem os protestantes, Pedro nunca esteve em Roma. Que estranheza de raciocínio! No máximo, se poderia deduzir que Pedro, naquele tempo, não estava em Roma; e nada mais. E quem não sabe que Pedro, enquanto ocupava a sede de Roma, frequentemente se afastava para ir a outros lugares fundar outras Igrejas nas várias partes da Itália? Ele não fez o mesmo quando ocupava sua sede em Jerusalém e em Antioquia? Foi exatamente nessa época que ele viajou por várias partes da Palestina, e depois na Ásia Menor, na Bitínia, no Ponto, na Galácia, na Capadócia, para as quais ele enviou especialmente sua primeira carta. Portanto, não se deve supor que ele não fizesse o mesmo na Itália, que lhe oferecia uma colheita abundante. Além disso, que Pedro na Itália não se ocupasse apenas de Roma, sabemos por Eusébio, historiador do século IV, que, escrevendo sobre as principais coisas que ele realizou, assim se expressa: “As provas das coisas feitas por Pedro são aquelas mesmas Igrejas que pouco depois brilharam, como por exemplo a Igreja de Cesareia na Palestina, a de Antioquia na Síria e a Igreja da própria cidade de Roma. Porque foi transmitido aos futuros que o mesmo Pedro constituiu essas Igrejas e todas as circunvizinhas. E assim também aquelas do Egito e da própria Alexandria, embora estas não por si mesmo, mas por meio de Marcos, seu discípulo, enquanto ele se ocupava na Itália e entre os povos circunvizinhos.[39]”

Portanto, Paulo em sua carta aos Romanos não saúda Pedro, porque sabia que naquele tempo ele talvez não estivesse em Roma. Certamente, se Pedro estivesse lá, ele mesmo poderia ter resolvido a questão surgida entre aqueles fiéis, que deu ocasião a Paulo de escrever sua célebre carta.

E depois, mesmo que Pedro estivesse na cidade, pode-se bem dizer que Paulo em sua carta não deixou que os fiéis o saudassem junto com os outros, porque fez com que o saudassem à parte pelo portador da mesma, ou lhe escreveu individualmente

como ainda usamos nós atualmente com pessoas de destaque. Além disso, se o fato de Paulo, escrevendo aos Romanos, não ter feito saudar Pedro provasse que Pedro nunca esteve em Roma, então também deveríamos dizer que São Tiago Menor nunca foi bispo de Jerusalém, porque Paulo, escrevendo aos Hebreus, não o saúda de forma alguma. Agora, toda a antiguidade proclama São Tiago bispo de Jerusalém. Portanto, o silêncio de Paulo não conclui nada contra a vinda de São Pedro a Roma.

**Acrescentemos:** se do silêncio da Sagrada Escritura sobre a vinda de São Pedro a Roma pudesse razoavelmente inferir-se que Pedro não veio a Roma, então também se poderia argumentar assim: a Sagrada Escritura não diz que São Pedro morreu; portanto, São Pedro ainda está vivo, e vocês, protestantes, procurem-no em algum canto da terra.

Há também uma razão para o silêncio da Sagrada Escritura sobre a ida e a morte de São Pedro em Roma, e não queremos omiti-la. Que Pedro é o chefe da Igreja, o pastor supremo, o mestre infalível de todos os fiéis, e que essas suas prerrogativas deveriam ser transmitidas a seus sucessores até o fim do mundo, isso é dogma de fé, e, portanto, deveria ser revelado ou por meio da Sagrada Escritura ou por meio da Tradição divina, como foi; mas que ele veio e morreu em Roma é um fato histórico, um fato que podia ser visto com os olhos, tocado com as mãos; e, portanto, não era necessário um testemunho da Sagrada Escritura para confirmá-lo, bastando para isso aquelas provas que anunciam e confirmam ao homem todos os outros fatos. Os protestantes que pretendem negar a ida de São Pedro a Roma porque não se pode provar com argumentos bíblicos caem no ridículo. O que diriam eles mesmos de quem negasse a vinda e a morte do imperador Augusto na cidade de Nola porque a Escritura não o diz? Se quisermos nos deter sobre esse silêncio dos Atos dos Apóstolos e da carta de São Paulo, digamos que isso não prova nem para nós nem para os protestantes. Porque a sã lógica e a simples razão natural nos ensinam que, quando se busca a verdade de um fato silenciado por um autor, deve-se procurar em outros que têm o direito de falar sobre isso. O que nós fizemos amplamente.

Não ignoramos que Flávio Josefo não fala sobre essa vinda de São Pedro a Roma; assim como também não fala de São Paulo. Mas que importa a ele falar dos cristãos? Seu objetivo era escrever a história do povo judeu e da guerra judaica, e não os fatos particulares ocorridos em outros lugares. Ele fala sim de Jesus Cristo, de São João Batista, de São Tiago, cuja morte ocorreu na Palestina; mas fala talvez de São Paulo, de Santo André ou dos outros Apóstolos, que foram coroados com o martírio fora da Palestina? E ele mesmo não diz que pretende passar sob silêncio muitos fatos ocorridos em seu tempo[40]?

E depois, não é uma loucura confiar mais em um judeu que não fala, do que nos primeiros cristãos que proclamam todos a uma só voz que São Pedro morreu em Roma, depois de ter ali permanecido muitos anos?

Não queremos também omitir a dificuldade que alguns levantam sobre a discordância dos escritores em fixar o ano da vinda de São Pedro a Roma. Porque em nossos tempos os eruditos geralmente concordam na cronologia que seguimos. Mas dizemos que essa discordância dos escritores antigos demonstra a verdade do fato: demonstra que um escritor não copiou do outro, que cada um se servia daqueles documentos ou daquelas memórias que tinha em seus respectivos países e que eram publicamente conhecidos como certos; nem deve nos surpreender tal discordância cronológica (que é de um ou dois anos mais ou menos) naqueles tempos remotos em que cada nação tinha um modo próprio de computar os anos. Mas todos esses autores referem com franqueza tal vinda de São Pedro a Roma e mencionam as minuciosas circunstâncias relacionadas à sua permanência e morte naquela cidade.

Os adversários contra a vinda de São Pedro a Roma ainda acrescentam: da primeira carta de São Pedro aos fiéis da Ásia se deduz que ele estava na Babilônia. Assim, de fato, ele se expressa em suas saudações: “Saúda-vos a Igreja que está reunida em Babilônia, e Marcos, meu filho”. Portanto, é impossível sua vinda a Roma. Começamos a dizer que, mesmo que por Babilônia, da qual fala Pedro, se entenda a metrópole da Assíria, no entanto, ainda não se poderia inferir que ele não pôde vir, e não veio a Roma. Seu pontificado foi bastante longo, e os críticos concordam em dizer que a referida carta foi escrita antes do ano 43, ou por volta disso. De fato, ele ainda saúda os fiéis em nome de Marcos, que sabemos por Eusébio ter sido enviado por Pedro para fundar a Igreja de Alexandria no ano 43 de Jesus Cristo. Conclui-se, portanto, que Pedro, desde a data de sua carta até sua morte, teve pelo menos mais 24 anos de vida. Em tão longo intervalo de tempo, ele não poderia ter feito a viagem a Roma?

Mas temos outra resposta a dar; e é que Pedro falou metaforicamente e com o nome de Babilônia se referiu à cidade de Roma, onde justamente se encontrava ao escrever sua carta. Isso se deduz de toda a antiguidade. Pápias, discípulo dos Apóstolos, diz em termos claros que Pedro mostrou ter escrito sua primeira carta em Roma, enquanto com a tradução da palavra lhe dá o nome de Babilônia[41]. São Jerônimo diz igualmente que Pedro, em sua primeira carta, sob o nome de Babilônia, significou a cidade de Roma: *Petrus in epistola prima sub nomine Babylonis figurative Romam significans, salutat vos, inquit, ecclesia quae est in Babylone collecta****[42]***. Nem essa linguagem era incomum entre os cristãos. São João dá a Roma o mesmo nome de Babilônia. Ele, em seu Apocalipse, depois de

chamar Roma de cidade das sete colinas, a grande cidade que reina sobre os reis da terra, anuncia sua queda, escrevendo: *Cecidit, cecidit Babylon magna*: caiu, caiu a grande Babilônia[43]. Com muita razão, então, Roma poderia ser chamada uma Babilônia, porque encerrava em seu seio todos os erros espalhados nas várias partes do mundo que dominava.

Além disso, Pedro tinha bons motivos para silenciar o nome literal do lugar de onde escrevia; porque, tendo fugido pouco antes das mãos de Herodes Agripa, e sabendo como entre esse rei e o imperador Cláudio havia uma estreita amizade, poderia temer justamente alguma armadilha desses dois inimigos do nome cristão, caso sua carta se perdesse. Para evitar esse perigo, portanto, a prudência queria que ele em seu escrito usasse uma palavra conhecida pelos cristãos e desconhecida pelos judeus e gentios. Assim o fez.

Além disso, das próprias palavras de Pedro se deduz outra prova de sua vinda a Roma. De fato, Pedro, ao concluir sua carta, diz: “Saúda-vos a Igreja... e Marcos, meu filho”. Portanto, Marcos estava com Pedro. Dito isso, toda a tradição proclama concordemente que Marcos, filho espiritual de Pedro, seu discípulo, seu intérprete, seu escriba e diria seu secretário, esteve em Roma e nesta cidade escreveu o Evangelho como ouviu o próprio Mestre pregar[44]. Portanto, é necessário admitir também que Pedro esteve em Roma com o discípulo.

Agora podemos chegar a esta conclusão. Por um espaço de mil e quatrocentos anos nunca houve ninguém que tenha levantado a menor dúvida contra a vinda de São Pedro a Roma. Ao contrário, temos uma longa série de homens célebres por santidade e doutrina, que desde os tempos apostólicos até nós, com sua autoridade, sempre a aceitaram. As liturgias, os martirológios, os próprios inimigos do cristianismo estão de acordo com a maioria dos protestantes sobre esse fato.

Portanto, vocês, protestantes de hoje, ao contestar a vinda de São Pedro a Roma, se opõem a toda a antiguidade, se opõem à autoridade dos homens mais eruditos e piedosos dos tempos passados; se opõem aos martirológios, aos menológios, às liturgias, aos calendários da antiguidade; se opõem ao que escreveram seus próprios mestres.

Ó protestantes, abri os olhos; ouvi as palavras de um amigo que vos fala movido unicamente pelo desejo do vosso bem. Muitos pretendem ser vossos guias na verdade; mas ou por malícia ou por ignorância vos enganam. Ouvi a voz de Deus que vos chama ao seu aprisco, sob a custódia do pastor supremo por Ele estabelecido. Abandonai todo compromisso, superai o obstáculo do respeito humano, renunciai aos erros em que homens iludidos vos precipitaram. Voltai à religião de vossos antepassados, que alguns de seus ancestrais abandonaram;

convidai todos os seguidores da Reforma a ouvir o que dizia Tertuliano em seu tempo: “Portanto, ó cristão, se queres estar seguro no grande assunto da salvação, recorre às Igrejas fundadas pelos Apóstolos. Vai a Roma, de onde emana nossa autoridade. Ó Igreja feliz, onde com seu sangue derramaram toda a sua doutrina, onde Pedro sofreu um martírio semelhante à paixão de seu divino Mestre, onde Paulo foi coroado com o martírio ao ter a cabeça decepada, onde João, depois de ter sido mergulhado numa caldeira de óleo fervente, nada sofreu e, portanto, foi exilado na ilha de Patmos.[45]”

*Terceira Edição*
*Turim*
*Livraria Salesiana Editora 1899*
*[1ª ed., 1856; reimpressão 1867 e 1869; 2ª ed., 1884]*

*PROPRIEDADE DO EDITOR*
*S. Pier d’Arena – Escola Tip. Salesiana*
*Colégio São Vicente de Paulo*
*(N. 1265 — M)*

*Visto: nada obsta para a impressão*
*Gênova, 12 de junho de 1899*
*Cônego AGOSTINHO MONTALDO*
*V. Permite-se a impressão*
*Gênova, 15 de junho de 1899*
*Cônego PAULO CANEVELLO, Prov. Geral*

---

[1] As notícias sobre a vida de São Pedro foram extraídas do Evangelho, dos Atos e de algumas cartas dos Apóstolos, bem como de vários outros autores, cujas memórias são referidas por César Barônio no primeiro volume de seus anais, pelos Bolandistas em 18 de janeiro, 22 de fevereiro, 29 de junho, 1º de agosto e em outros lugares. A vida de São Pedro foi amplamente tratada por Antônio Cesari nos Atos dos Apóstolos e também num volume separado, Luís Cuccagni em três volumes consistentes, e muitos outros.

[2] Santo Ambrósio. Comentário ao Evangelho de Lucas, livro 4.

[3] Santo Ambrósio. Obra citada.

[4] São Jerônimo. Contra Joviniano, capítulo 1, 26.

[5] Evangelho segundo Mateus, capítulo 16.

[6] Gênesis, capítulo 41.

[7] Evangelho segundo Mateus, capítulo 18.

[8] Evangelho segundo Mateus, capítulo 15.

[9] São João Damasceno. Homilia sobre a Transfiguração.

[10] São João Crisóstomo. Comentário ao Evangelho de Mateus.

[11] A tradução de “porta” para “potência”, portanto o sinal pela coisa significada, deriva do fato de que na antiga lei e entre os povos orientais, os príncipes e os juízes geralmente exerciam seu poder legislativo e judiciário diante das portas da cidade (veja III, pág. XXII, 2). Além disso, essa parte da cidade era mantida em um estado contínua de proteção [com destacamento de soldados] e munição, de modo que, uma vez conquistadas as portas, o restante era facilmente tomado. Até hoje se diz “Porta Otomana” ou “Sublime Porta” para indicar o poder dos Turcos.

[12] São Jerônimo. Contra Joviniano, capítulo 1, 26.

[13] Santo Agostinho. Sobre a Unidade da Igreja.

[14] Santo Irineu. Contra as Heresias, livro III, n. 3.

[15] Salmos 68, 108.

[16] Evangelho segundo João, 14, 12.

[17] Veja São Basílio de Selêucia e os Reconhecimentos de São Clemente.

[18] Veja Teodoreto, São João Crisóstomo, São Clemente, etc.

[19] Bento XIV. De Servorum Dei Beatificatione [Da Beatificação dos Servos de Deus], livro I, capítulo I.

[20] Carta aos Romanos, capítulo I.

[21] Eusébio. História Eclesiástica, livro II, capítulo 15.

[22] Primeira Carta de Pedro, capítulo 5.

[23] São Paciano. carta 2.

[24] Os santos Padres que relatam o fato de Simão Mago, entre outros, são: São Máximo de Turim, São Cirilo de Jerusalém, São Sulpício Severo, São Gregório de Tours, Papa São Clemente, São Basílio de Selêucia, Santo Epifânio, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerônimo e muitos outros.

[25] Lactâncio. livro 4.

[26] Epístola 2, capítulo 3.

[27] As opiniões dos estudiosos variam ao fixar o ano do martírio do Príncipe dos Apóstolos; mas a mais provável é a que o atribui ao ano 67 da era comum. De fato, São Jerônimo, incansável investigador e conhecedor das coisas sagradas, nos informa que São Pedro e São Paulo foram martirizados dois anos após a morte de Sêneca, mestre de Nero. Ora, de Tácito, historiador da época, sabemos que os cônsules sob os quais Sêneca morreu foram Sílio Nerva e Ático Vestino, que ocuparam o consulado no ano 65; portanto, os dois Apóstolos sofreram o martírio em 67. A esse cálculo de anos, pelo qual se fixa o martírio naquela época, correspondem os 25 anos e quase dois meses durante os quais São Pedro ocupou sua Cátedra em Roma; número de anos que sempre foi reconhecido por toda a antiguidade (veja “Observações histórico-cronológicas” de Dom Domingos Bartolini, cardeal da Santa Igreja: “Se o ano 67 da era comum é o ano do martírio dos gloriosos Príncipes dos Apóstolos Pedro e Paulo”, Roma, Tipografia Scalvini, 1866).

[28] A corrente com a qual foi preso São Pedro ainda se conserva em Roma na igreja chamada São Pedro em Correntes (Artano, “Vida de São Pedro”).

[29] No ponto mais alto do Monte Janículo, onde Anco Márcio, quarto rei de Roma, fundou a fortaleza janiculense, foi edificada a igreja de São Pedro em Montório, no lugar onde o santo Apóstolo sofreu o martírio. Este monte foi chamado Janículo porque dedicado a Jano, guardião das portas que em latim se dizem “januae”. Acredita-se que aqui também foi sepultado Jano, que construiu aquela parte de Roma em frente ao Capitólio. Também foi chamado Monte Áureo, pela antiga e

vizinha Porta Áurea. Agora é chamado Montório, ou seja, Monte de Ouro, pela cor amarela da terra que cobre este monte, um dos sete montes da antiga Roma (veja Moroni, “Igrejas de São Pedro”).

[30] Bolandistas, dia 29 de junho.

[31] Santo Efrém Sírio.

[32] Veja Praça Emanuel.

[33] Veja São Gregório Magno, epístola 30. Baronio no ano 284.

[34] Santo Irineu, Contra as Heresias, livro III, capítulo 1.

[35] Caio Romano citado por Eusébio; Clemente Alexandrino. Stromata, livro 7; Tertuliano. *De persecutionibus* [das perseguições]; Orígenes citado por Eusébio. livro 3; São Cipriano. Carta 52 a Antoniano e carta 55 a Cornélio.

[36] São Jerônimo. *De viris illustribus*, capítulo 1.

[37] Teodoreto, bispo de Ciro, homem versadíssimo na história eclesiástica, falecido no ano 450, comentando a Carta de São Paulo aos Romanos, onde o Apóstolo escreve: “Desejaria vê-los, para comunicar-lhes algum dom espiritual a fim de que sejam fortalecidos” (Romanos 1,11), acrescenta que Paulo não disse que queria confirmá-los senão porque o grande São Pedro já havia comunicado a eles o Evangelho: “Porque Pedro primeiro lhes deu a doutrina evangélica, necessariamente acrescentou ‘para confirmá-los’” (*Comentário à Carta aos Romanos*).

[38] 1 Coríntios 11,23-24; Gálatas 1,17-18.

[39] Veja *Teofania*.

[40] Antiguidades Judaicas, livro 20, capítulo 5.

[41] Citado por Eusébio, livro II, 14.

[42] São Jerônimo. *De viris illustribus*.

[43] Apocalipse 17,5; 18,2.

[44] Veja São Jerônimo. *De viris illustribus*, capítulo 8.

[45] Tertuliano. *De praescriptione haereticorum* [da prescrição dos hereges, capítulo 36.